DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

Entrevista:BRUNA PÉRSICO

A influência dos ídolos na adolescência

Na adolescência, o fanatismo por ídolos é comum e, em alguns casos pode levar à idolatria e fanatismo

Repórter: ANA CLARA **ALBUQUERQUE**

O fanatismo, segundo a psicologia, é entendido como um estado psíquico de devoção cega, rígida e irracional por alguma coisa ou tema. É muito comum na adolescência, porém pode estar presente durante toda a vida. Um tema ainda pouco discutido, que pode ter ênfases significativas na construção do caráter e moldar o fanático. Tá a idolatria é a construção de um ser idealizado, que traz grande satisfação e é significativa na adolescência. Esses assuntos foram discutidos com Bruna Grigolli Pérsico, psicóloga e pós-doutorada em Psicologia, atuante principalmente nas áreas de psicanálise e saúde coletiva. Bruna também falou sobre o fanatismo e a influência de ídolos na vida do adolescente e como isso afeta na fase adulta.

MURAL ENTREVISTA - Qual a faixa etária em que as pessoas são mais influenciáveis para o desenvolvimento de um comportamento idólatra e fanático?

BRUNA PÉRSICO - Os adolescentes são certamente mais influenciáveis em relação a grupos do qual fazem parte. A comunidade grupal tem uma interferencia dentro do proprio contexto bastante intensa nas relações deles, porque é o momento de fazerem ideais identificatórios com determinado grupo. E o adolescer é um momento propício para isso. Hoje em dia vemos uma polarização política e religiosa e, neste caso, estamos falando de adultos, por este motivo, não há uma faixa etária para a idolatria.

Por que o jovem é visto como mais influenciável? Ouando somos criancas temos uma identificação com a família de origem, de onde viemos. Essa



relação que estabelecemos, chamamos de base primária. Na adolescência perdemos essa família da infância e passamos a ter identificação com os amigos, os pares e a sociedade. Isso faz com que o adolescente fique cada vez mais vinculado nessas relações de iguais e comece a sofrer influência. O que acontece, também, é que no grupo a responsabilidade se dissolve entre os integrantes.

Como se dá essa influência? Ela é imposta ou natural? Essa influência é natural, e social cada um começa a se identificar com diferentes coisas. No adolescente, esse processo é de maior ou menor proximidade com grupos que ele entende fazer mais sentido para o tipo de vida, relacionamento e como ele gostaria de viver. Há determinados casos, como crescer em uma igreja, por exemplo, que essa pessoa perpetua influenciada por aquela doutrina religiosa, ou então, torce para um time de futebol desde pequeno, coisas que podem vir do ambiente interior. Mas não necessariamente imposto.

O fenômeno do fã é mais comum entre adolescentes. O quanto isso pode lapidar a identidade e comportamento deles? Pode lapidar muito, se estamos falando de um fã como um processo de identificação. Podem se tornar fanáticos por algo que dá uma influência positiva, construtiva. Mas podem se identificar com o perverso e manipulador, como por exemplo, o Hitler. É algo possível. Vemos isso na questão religiosa. Por que homens bomba são homens bomba? Porque eles entendem estar fazendo isso por um bem maior, por acreditarem em algo superior. Essas identificações são importantes para formar o que chamamos de estrutura da personalidade do adulto, então, podemos ter identificações mais saudáveis

Ser fã, segundo os conceitos da psicologia, é considerado positivo ou negativo? Depende. Na psicologia,

ou menos saudáveis.

o patológico é o intenso, frequente, o que mobiliza a ponto de causar algo difícil para a pessoa lidar. Pode ter uma questão relacionada

ao fanatismo que seja algo bastante produtivo, que não influencie de maneira negativa o funcionamento da vida da pessoa. Como também, pode ser algo extremamente negativo, sofredor e angustiante. Isso vai depender da quantidade, da frequência e como cada um vai levar isso para si. Dependendo da quantidade de energia e intensidade, vai ser bom ou não.

O fanatismo pode ser

considerado uma doença psicológica? Até onde o fanatismo é saudável? Partindo do princípio patológico, o fanatismo pode ser extremamente sofrido, sobretudo, se não alcança as expectativas em relação ao ídolo, por exemplo "eu tenho que ir no show", e se não consegue, fica frustrado, chateado e angustiado. Então, fanatismo, não é algo saudável, mas ser fã é algo natural na adolescência, mas isso em excesso, não. Na adolescência ser fã é esperado, e até uma certa conduta "anormal" é natural, por isso a avaliação de um profissional para tentar identificar se aquilo realmente é um traço psicopatológico. O adolescente é mais intenso, chora, sofre e se diverte com mais intensidade. Como fã, eu posso ser, por exemplo, de um time de futebol, mas eu não "morro" se esse time perder, nem me desespero ou tenho taquicardia. Alguém que é fanático pode entrar até em uma crise de ansiedade ou um desespero intenso. É a perda do controle emocional.

O fanatismo, para a psicologia, é considerado amor ou obsessão?

É uma paixão. Para a psicanálise, o amor é você estar apaixonado e ao mesmo tempo desapaixonado, são momentos de paixão e nãopaixão. No amor você deixa de amar por algum tempo. Pensando na relação com pai e mãe, nós os amamos, mas não amamos o tempo todo, tem momentos que você está com raiva, mas mesmo assim, continua amando. Então, para a psicanálise amor é isso, essa relação de amor não contínuo. Já o fã é cego, você não sente ódio do ídolo, pelo contrário, é alguém totalmente idealizado, que pode entrar até em um estado hipnótico de sedução, onde nada que seu ídolo faça é ruim. E sim, pode chegar a um estado de obsessão. E temos exemplos de casos, como por exemplo, fãs que mataram o ídolo, como o John Lennon.

O que incentiva, o que se passa na mente de alguém que chora, passa horas na fila e gasta dinheiro com shows e coisas de ídolos? Satisfazer um desejo, é um ideal. É a sensação de estar perto do ídolo, de descarregar essa tensão. É algo que leva essa pessoa a um estado de euforia e êxtase. Esse estado, dependendo de como essa pessoa percebe, pode levar a um estado de catarse emocional, que seria uma descarga de emoção muito intensa diante dessa experiência intensa.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716 DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: EDUARDO AMARILIO BUENO

Trilhas sonoras da existência

A musicoterapia beneficia os aspectos físicos, emocionais e sociais de cada fase da vida

Repórter: ANDRÉ BETTARELLO

Musicoterapia é o uso da música como tratamento. reabilitação ou prevenção de problemas de saúde. Essa terapia serve para promover o bem-estar, utilizando instrumentos musicais e a voz para oferecer ao paciente melhora física e emocional. A musicoterapia pode ajudar durante todos os estágios da vida, desde o nascimento até à velhice. Eduardo Amarilio Bueno, musicoterapeuta graduado pela Unaerp, explicou que a música e seu uso na terapia e na vida cotidiana podem contribuir para a qualidade de vida e. se usada corretamente, promover o bem-estar do paciente e até mesmo a cura. O profissional explica também os benefícios de ouvir música durante os estudos, hábito comum entre os jovens universitários e vestibulandos. Bueno fala também sobre os vídeos de ASMR – Respostas Sensoriais Autônomas do Meridiano que estão muito famosos nas plataformas digitais, como o YouTube.

MURAL ENTREVISTA Pessoas de todas as idades
gostam de música? Por que
os jovens têm uma conexão
maior com a música. Você
conhece alguém que não
gosta?

EDUARDO AMARILIO
BUENO - Não conheço
ninguém, no meu convívio,
que não goste de música.
A música faz um bem imenso
para o ser humano de
modo geral e influencia nas
relações interpessoais sendo
uma forma de aproximação,
comunicação e convívio
social.

Os jovens gostam bastante de música e, na maioria das vezes, agitadas, barulhentas e aceleradas como o rock, o funk e as eletrônicas. Toda música é boa?

Na musicoterapia, depende. Às vezes pode aparecer um cliente que gosta de rock e eu vou trabalhar com músicas desse estilo, por exemplo.



E então depende da pessoa que está absorvendo aquela música. A musicoterapia trabalha o não verbal, o som, a música, os instrumentos musicais e os sons corporais que são nossas ferramentas de trabalho.

A musicoterapia ajuda e trata as pessoas nos problemas físicos ou emocionais?

Ambos. Eu tratei uma paciente com transtorno bipolar, que como tal, em alguns momentos estava eufórica e em outros tinha pensamentos suicidas, e hoje, com a ajuda da musicoterapia, ela vive uma vida normal. Isso porque a música traz para a realidade, acalma e centra a pessoa. Tenho também uma paciente com paralisia cerebral. Eu coloco um instrumento musical na mão dela, a ajudo a tocar, e ela apresentou ate melhora na mobilidade das mãos e na coordenação motora. O bem-estar físico é consequência do bem-estar emocional.

O que é musicoterapia? Quais os preceitos em que ela se baseia? E, como musicoterapeuta, qual sua principal função?

E uma forma de terapia através da música, que leva o indivíduo ao bemestar, ela acalma, trabalha a autoestima, conhecimento, cultura, concentração, disciplina, equilíbrio e atenção. A minha função como profissional da área é trabalhar bem com o paciente, procurando

sempre alcançar os objetivos. Eu também quero que o paciente tenha alta na musicoterapia. desenvolvimento da primeira infância. A atividade musical envolve várias funções do cérebro: emocional,

Durante a pesquisa encontrei relatos de respostas do feto à música. Quais são os benefícios para a mãe e para o feto da exposição à terapia? Hoje as gestantes são encaminhadas para musicoterapia porque ela vem somar com as outras terapias e a medicina. O tratamento vai acalmar o feto e depois poderá nascer uma criança mais tranquila e feliz.

Muitas mães têm o hábito de cantar para as crianças para que durmam ou até mesmo parem de chorar e relaxem. Como a música afeta o cérebro desses seres que ainda não começaram a verbalização?

A música faz bem ao cérebro como um todo e os resultados obtidos pela musicoterapia, em crianças verbalizadas e não verbalizadas, têm se mostrado iguais.

Quando a criança já está um pouco maior e sendo estimulada falar, a música pode ter um papel fundamental na aceleração deste processo e por isso está presente em muitos brinquedos destinados a crianças. Como é esse processo?

A música desenvolve a inteligência da criança e a facilidade de expressar, é um dos melhores veículos para aprendizagem no desenvolvimento da primeira infância. A atividade musical envolve várias funções do cérebro: emocional, motora e cognitiva e por isso é uma forma tão eficaz de nos ajudar a lembrar e aprender. A musicoterapia nas crianças beneficia os níveis intelectual, auditivo, sensorial, motor e socioemocional, facilita a aquisição da linguagem e o processo de alfabetização precoce.

Muitas escolas inserem em sua grade horária aulas de música e canto. Você acha que deveria ser obrigatória na grade curricular?

Eu acredito que sim, é de grande valia a esses alunos. A importância é tão profunda que as crianças e os jovens desenvolvem a criatividade musical, vivência em grupo, aprendendo a ser solidários e ajudar uns aos outros. "A música governa o mundo e torna os homens melhores", dizia Martinho Lutero.

Muitas pessoas fazem atividades cotidianas ouvindo música e os jovens, geralmente estudam com ela. Esse hábito é benéfico para o estado físico e psíquico deles?

Vai depender da pessoa. O cérebro pode fazer as duas coisas, porém ele separa as ações. A música ao mesmo tempo em que concentra, também relaxa o cérebro e pode melhorar muito a qualidade dos estudos, pois potencializa a memória e a atenção.

Doenças psíquicas atualmente atingem muitas pessoas no Brasil. Só a depressão assola 6% dos brasileiros. Como a musicoterapia pode ajudar no tratamento dessas doenças?

A musicoterapia vem somar e ajudar nos tratamentos e em todas as situações a música irá contribuir para um paciente ter alta ou até curar daquele problema. A música tem esse poder de mudar a vida do ser humano, auxiliando na regulação emocional, despertando sensações positivas, diminuindo os níveis de ansiedade e estresse, promovendo uma sensação de relaxamento e menor tensão muscular.

Esses ASMR's que estão populares na internet são mesmo efetivos? Relaxam o cérebro e cumprem o que prometem?

ASMR's são as Respostas Sensoriais Autônomas do Meridiano, ou seja, barulhos que se ouve bem baixinho e servem para relaxar. Só que depende da reação de cada um. Para alguns eles cumprem o que prometem, porém existem pessoas que não se dão bem com esse tipo de som. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida

Prof. Joao Flavio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: LARISSA ESSIA

Redes sociais promovem a idealização

A perfeição "vendida" nas mídias sociais impacta na autoestima dos jovens que passam a desejar o mundo ideal

Repórter: ANNA JÚLIA GONÇALVES

O estudo realizado pela ONG inglesa Girlguiding, entrevistou mais de mil meninas, entre 11 e 21 anos e constatou que um terço dos jovens entrevistados relata sofrer com a pressão da imagem de uma vida perfeita nas redes sociais. Por um lado, a pessoa precisa da aprovação dos outros, por outro ela começa a se questionar se gostam dela de verdade ou se apenas da imagem que ela construiu. São distúrbios cada vez mais frequentes, assim como a ansiedade e a depressão que acompanham a maioria de jovens. Os que adotam a busca pela perfeição no mundo digital tendem odem sofrer algum problema de ordem psíquica. Outro dado relevante foi a opinião dos jovens sobre a percepção que os pais têm da pressão que os filhos sofrem no mundo digital. Em torno de 47% dos entrevistados relataram que os pais tinham consciência desse tipo de pressão e apenas 12% afirmaram que seus responsáveis tinham alguma preocupação real com esse problema enfrentado por eles. Em conversa para o Mural Entrevista, a psicóloga Larissa da Silva Essia, formada em 2013 pela Universidade Paulista (UNIP) – Campus Ribeirão Preto, respondeu detalhes e dúvidas frequentes sobre os jovens que vivenciam essa necessidade de transmitir uma imagem perfeita nas redes sociais.

MURAL ENTREVISTA - As redes sociais estimulam todas as pessoas a quererem uma vida perfeita? Por que? **LARISSA ESSIA –** Eu acho que elas estimulam, mas nem todo mundo. Eu acho que há pessoas que são mais suscetíveis a idealizar e querer aquilo, às vezes por uma falta dela própria, e outras não. Existem pessoas que estão se cuidando, estão bem e olham aquilo e se divertem a partir dali, mas não necessariamente levam isso para a vida. Porém, a maioria leva adiante.



Por que as redes sociais só mostram momentos bons?

Em primeiro lugar porque ninguém gosta de ver nada ruim e nem feio. Em segundo lugar porque tudo que é legal, chama atenção. Por exemplo, você está feliz e posta esse momento. Não vou postar um momento que estou triste, não vou potencializar aquilo, por que se para mim já é aversivo, não tem o porquê de eu deixar aquilo na minha página, para toda hora eu ver e ficar me martelando. E tem algo muito importante: às vezes as pessoas postam aquilo que elas também idealizam, porém não sabem.

Por que as pessoas se iludem ao achar que a felicidade está na vida do outro?

Por que a grama do vizinho é sempre mais verde; porque para sermos felizes, muitas vezes, temos que buscar a felicidade e não é tão simples assim. Eu acho que é menos doloroso você olhar e entender que você não tem aquela felicidade de fato, pois as coisas do outro sempre vão ser melhores para nós. Mas, você não sabe o caminho que ele percorreu para estar lá, você só está vendo o que está postado e não sabe por trás da tela como a pessoa conseguiu aquilo.

Qual sua opinião em relação às pessoas que baseiam suas vidas em função das redes sociais? Essa pergunta é muito delicada, mas eu penso que são pessoas, muitas vezes, tristes e vazias de construção, porque estão buscando se construir e se constituir enquanto ser humano a partir daquilo que os outros estão postando e que muitas vezes não é real. E não estão construindo suas experiências, histórias. Hoje, a gente vive mais no mundo virtual do que no mundo real.

Qual seria a melhor maneira de quebrar essa ideia de que as mídias sociais passam de corpo e vida perfeitos?

Eu acho que isso já vem acontecendo. A maneira de quebrar é mostrando as diferenças, a gente já tem um grande movimento hoje, movimentos bacanas. Maternidade real, que mostra às mães que quando se tem um filho, não é possível ter um corpo perfeito no outro dia. Tem uma coisa muito bonita que são as propagandas de produtos de beleza, que mostram a beleza da mulher em si, não da mulher magra, com corpo perfeito e que foi construída no imaginário da sociedade. Enfim, acho que já existem movimentos que fazem a diferença, a partir das redes sociais.

Para a senhora, aqueles que mais mostram uma vida perfeita e sem conflitos diários, são os que mais sofrem? Por que?

Eu não acho que são os que mais sofrem. Às vezes não, depende muito da pessoa. Eu conheço pessoas que postam e que realmente vivem aquilo, aquilo faz parte da vida dela. Eu tive uma paciente há algum tempo que gostava muito de conversar e ela acabou por seguir o caminho de blogueira. Ela mudou de profissão, então eu não acho que isso a afetou negativamente. Ela gosta de fazer isso, é o perfil dela, sua personalidade. Ela mostra viagens, o estilo de vida, o que come. Então, eu acho que ela consegue mostrar aquilo que ela vive de fato. Acredito que depende muito do perfil pessoal de cada um.

Por qual motivo as redes sociais afetam mais jovens, adolescentes e crianças do que adultos?

Porque eles estão se constituindo enquanto seres humanos, É o início de uma história. É onde as coisas estão acontecendo, onde as ideias estão se criando, onde está a formação. Então se a gente pensa num adolescente que está descobrindo a vida, ele não é nem criança, mas também ainda não é adulto. Ele está em um momento de formação, tudo o que ele vê, vai tentar internalizar e testar, e as redes sociais como fazem parte da vida, também passam a fazer parte desse processo. E os adultos não ficam tão suscetíveis a isso, porque já viveram sem isso antes. É claro que nem todos os adultos são assim.

As mulheres estão mais sujeita a passarem por conflitos do que os homens? Por que?

Acho que não. Somos historicamente mais suscetíveis, mas eu acho que hoje os meninos estão mais vaidosos, estão se cuidando, a gente tem isso também. Eu acho que a porcentagem de mulheres até pode ser maior, mas os meninos também passam por isso.

Por qual motivo as redes sociais acabam por levar mais ao suicídios e à depressão do que ajudar alguma pessoa?

Em primeiro lugar é que a rede social é solitária.

Você está lá conversando com outra pessoa, mas aquela pessoa não está na sua frente. Você não está se relacionando de fato com ela, pessoalmente, visualmente. Se eu não quero mais falar com essa pessoa, simplesmente desligo. Não tem relação, não tem profundidade. Agora, por exemplo, estamos nós duas aqui e estamos nos relacionando, se acabar o meu assunto vai ficar um silêncio e o silêncio vai mobilizar a nossa capacidade de nos comunicar novamente, para lidar com aquela angústia que se estabeleceu ali. Porque o silêncio é perturbador. E no celular não tem angústia, você desliga e pronto. Só que a angústia vem depois, porque você está sozinho. E ai você está lá, solitário, não está se comunicando com ninguém e fica sozinho, no vazio. A outra coisa de fato é mostrar uma vida que o outro não pode ter e isso traz também angústia e a depressão.

Para a senhora, as redes sociais tiram a privacidade das pessoas?

Eu acho que não, eu tenho redes sociais e posto o que quero. Isso é muito relativo, que nem o exemplo que te dei. Uma blogueira trabalha com a exposição da vida dela, mas tem momentos ainda que são privados.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta,**

reportagem e redação)
Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: BIGODES

Barreiras contra o sucesso musical

Jovens músicos precisam lutar muito para entrar no ramo da música e enfrentam diferentes obstáculos

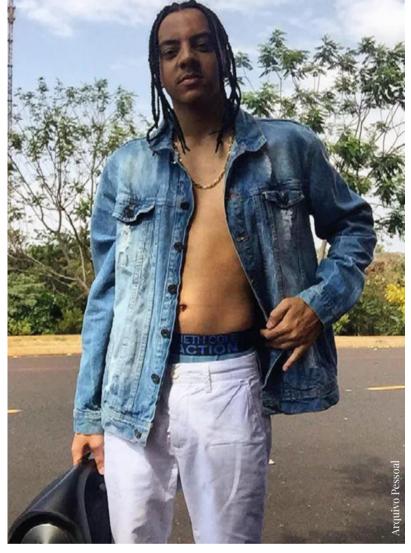
Repórter: BRUNO CESAR

O jovem que tem o objetivo de seguir uma carreira musical, enfrenta dificuldades para ingressar no mercado musical que é restrito e não tem muitas oportunidades, também precisa encarar a pressão dos parentes e amigos. O mercado musical é fechado, de difícil ingresso, assim como viver exclusivamente da música e com o reconhecimento desejado. Até mesmo para os músicos que já fazem sucesso e vivem da profissão, a jornada é bem cansativa, considerando que os profissionais famosos fazem shows frequentemente, e tem pouco tempo de descanso entre um show e outro. Ser músico não é apenas subir no palco, tocar um instrumento ou cantar. É uma atividade trabalhosa. Do ponto de vista do jovem que tem o sonho de ser músico, é muito difícil conciliar todo o trabalho e dedicação exigidos com os estudos ou outra ocupação profissional do seu cotidiano. Além da pressão dos pais se os mesmos não o apoiarem em seu sonho. O jovem músico é pressionado também pela alta exigência do mercado de trabalho por um currículo qualificado. Com isso, as chances de dar certo reduzem drasticamente, sonhos um em um milhão são frequentemente malvistos pelos pais e até mesmo pelos amigos.Um exemplo é o músico Breno Veríssimo mais conhecido como BigOdes (nome artístico adotado por Breno) BigOdes é cantor e compositor de trap e rap. O jovem vem de escola pública, tem 18 anos e está lutando

MURAL ENTREVISTA- Qual é o seu grande objetivo em relação a música?

BIGODES - Meu maior objetivo é conseguir me sustentar somente da música.

Qual a razão por trás da



escolha do nome artístico **BigOdes?**

A tradução do meu nome artístico seria "Big" de grande e "Odes" do grego que significa líricas ou poemas. Então, a junção das duas palavras resulta em grandes líricas ou grandes poemas.

Qual gênero musical você mais ouve?

Eu escuto diferentes gêneros musicais, eu escuto bastante coisa no dia-dia, e não tenho um preferido. Sou o que chamam de pessoa eclética que pode colocar qualquer coisa que vou estar ouvindo e curtindo o som.

Qual gênero musical você pelo seu sonho de ser músico. segue?

O gênero musical que eu sigo é o trap e o rap e pretendo futuramente seguir outros gêneros

Você seguiria outro ramo sem ser o trap?

Teria que ser algo relacionado a música, pois eu nunca pensei em algo que não seja relacionado a música, sempre foi meu plano A e B. Se não der certo trap, tento rap, se não der certo rap, tento pop, se não der certo pop, tento sertanejo, não importa o gênero desde que eu esteja no meio musical para mim está ótimo, pois nunca pensei em nada que não tivesse nenhuma relação com música.

Quanto você dedica a música?

Não sei definir um tempo exato, pois eu posso estar no busão (ônibus), posso estar escrevendo alguma letra, escutando música e pensando em algo para chegar em casa e escrever. Eu diria que é 24 horas, tirando o tempo que eu estou dormindo.

Você exerce outra atividade além da música?

Além da música eu trabalho no Correios para poder ter uma renda melhor.

Qual a relação da sua

ser músico?

A minha família sempre me apoiou desde pequeno, quanto a isso é suave, porém eu sei que em algumas famílias não acontecem o mesmo, já é muito difícil a carreira musical não consigo nem imaginar se minha família não me apoiasse.

Já falaram para você desistir e que não vai dar certo?

Sempre tem um pessoal que fala asneira, que fica falando que não vai dar certo, que é melhor desistir, mas a meta é não desistir, pois se eu desistir como eu vou saber se daria certo ou não?

Na sua visão, qual a principal dificuldade para engrenar no mercado musical?

A principal dificuldade que eu acho é a condição financeira, pois para você se lançar hoje em dia você tem que ter algo diferente, seu estilo, seu jeito de falar, suas músicas. E tudo isso você tem que divulgar e a divulgação em todo lugar você tem que pagar por ela.

Já pensou em desistir ou focar em outra coisa que não seja a música?

Não, nunca pensei em desistir. Sempre fiquei focado na mesma que é a música.

Para você qual é a maior dificuldade de seguir o ramo O projeto Laboratorial MURAL musical para o jovem em especifico?

Para o jovem a principal dificuldade é a condição financeira e também a confiança, pois a coisa mais difícil de se fazer é você se lançar, você mostrar o que está fazendo, tipo você apresentar algo em algum lugar e a galera ficar "nossa que ruim". Aí tem uma outra parte que elogia, tem outra rapaziada que ri de você. É uma das coisas mais difíceis, mas depois que você encarou de frente a galera aloprando, já era acabou. Depois que você ouviu a crítica, a zueira, as risadinhas e você não ligou a ponto de não desistir

família com a sua escolha de e de não ficar abalado, você já tem uma certa confiança em si mesmo, agora é só continuar, ter fé que um dia vai render.

Você estuda música?

Sim, eu estudo música desde meus oitos anos, inclusive já frequentei uma escola de música.

Você toca algum instrumento?

Toco qualquer coisa de corda e o que eu tenho mais especialidade é guitarra e violão. Toco bateria também, um pouco de teclado, eu só preciso entender o conceito do instrumento para poder tocar se ele não for muito complexo.

Onde você tem se apresentado?

Eu já me apresentei em um monte de lugar, já fiz casamentos, fiz festa, toquei em boate, no Ipanema Clube, em igreja, loja de música. Já toquei em muitos lugares. Onde eu mais toquei foi em casamento, casamento eu fazia bastante, pois eu tinha uma banda. Em boate eu já me apresentei duas vezes, já no Ipanema eu me apresentei três vezes com a escola de música da qual eu fazia parte. lacktriangle

EXPEDIENTE

ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

Entrevista: AMANDA BARBOSA

Olhar feminino no Jornalismo Esportivo

As mulheres jornalistas hoje atuam em áreas antes dominadas exclusivamente por homens

Repórter: CÁRILA COVAS

Muito se discute, atualmente, sobre a posição da mulher nas profissões que são historicamente ocupados por homens. Uma reportagem publicada no portal de informações ÜOL, produzida por Renata Mendonça, diz que 2018 foi o ano das mulheres no Jornalismo Esportivo, em que quase todos os canais esportivos tiveram vozes femininas narrando jogos. Para além disso, o manifesto #DeixaElaTrabalhar marcou uma movimentação inédita de jornalistas esportivas contra o assédio e os abusos sofridos. Embora o número de mulheres na cobertura esportiva tenha aumentado, ainda é pequeno nesse meio. A jornalista Amanda Pereira Barbosa, que atua como repórter esportiva na EPTV (afiliada da Rede Globo), formada em 2015 no Centro Universitário do Triângulo/UNITRI, conta um pouco sobre sua experiência na

MURAL ENTREVISTA – Você sempre quis fazer jornalismo? **AMANDA BARBOSA** – Eu

costumo dizer que eu "cai de paraquedas" na comunicação e no jornalismo. Minha família tinha um amigo muito próximo, dono de um programa de rádio de sertanejo raiz e ele achava que minha voz deveria ser aproveitada. Ele me chamou para fazer parte desse programa. Eu tinha 15 anos, tinha outros interesses e acabei não valorizando tanto. Eu lia mensagens de autoajuda e recados que os ouvintes passavam no programa. Foram seis meses, mais ou menos, e depois o programa acabou e eu, por fim, senti um pouco de falta daquilo. Depois, esse amigo firmou um novo contrato com uma outra emissora e me chamou, novamente, para fazer parte desse outro projeto. A partir disso, comecei a ter um olhar diferente, me desenvolvi mais na comunicação e fui tendo um interesse pelo veículo rádio. Um dia ele me falou: "Amanda, você tinha que fazer Jornalismo". Foi uma ideia que ele plantou na minha cabeça e que eu comecei a refletir. O rádio me despertou para a

comunicação. Por que jornalismo esportivo? Meu pai sempre gostou muito



de esporte. Ele sempre levou a mim e meu irmão para assistir os jogos nos campos de futebol, então eu já tinha esse envolvimento. Eu costumo dizer que o Jornalismo Esportivo é muito bonito. É uma das editorias onde a gente tem a maior possibilidade de contar histórias, ainda mais hoje em que todos os dias tem uma tragédia. O esporte permite muito isso, é uma das editorias que nos permite fazer praticamente qualquer coisa. E hoje dizem que "não é só um jogo", e não é mesmo. Tem muitos sonhos, muitas histórias. Cada jogo tem uma realização pessoal. A gente se envolve muito com isso.

Para você, qual foi a maior dificuldade para ingressar no jornalismo esportivo, sendo uma mulher?

Eu não tive resistência por ser mulher. Pelo contrário, acreditaram em mim e me abriram as portas porque achavam que era uma coisa diferente naquela época. Eu falo "naquela época" como se fosse muito tempo, mas na verdade é recente, e era uma novidade. No interior do país ainda é uma novidade a mulher no esporte. Eu era a única mulher que fazia pista, reportagem na beira do campo e que vivia, respirava o esporte com intensidade. Eu tinha 18 anos quando comecei especificamente no jornalismo esportivo, em Uberlândia. E comecei fazendo um caminho inverso. Normalmente, a gente é estagiário e depois vai conquistando o seu espaço, mas por já ter uma vivencia de

estar no ar, mesmo que em um programa de sertanejo raiz completamente diferente - já entrei no ar também.

Então o fato de você ser mulher abriu portas por ser algo do que se fazia?

Apareceu uma coordenadora mulher, na rádio em Uberlândia, a Val Tinoco. Um dia ela me falou que estava com um programa novo e que abordaria diversos conteúdos e me perguntou o que eu fazia de diferente. Eu era uma mulher que falava de esportes. Era uma coisa que, acredite, há 10 anos, era novo. E foi então que ela cedeu o espaço para que eu mostrasse o meu trabalho. Entrei fazendo comentários de um campeonato amador de Uberlândia e depois fui passando para a produção, mas sempre fazendo entrevistas, reportagens externas na beira do campo. Eu tive gestores que acreditavam em mim e que me

Há diferença entre uma mulher e um homem no jornalismo esportivo?

Acredito que a mulher não tem a intenção de fazer melhor do que o homem. Ela tem a intenção de levar o olhar feminino, um olhar mais cuidadoso, mais cauteloso, menos ofensivo, menos agressivo, para as modalidades esportivas.

Como é se sentir parte dessa geração de mulheres no jornalismo esportivo?

Me sinto privilegiada, porque tive pessoas que me aceitaram,

e isso foi fazendo com que eu tivesse mais coragem de continuar nessa área. Diferente de muitas mulheres que pegam caminhos extremamente machistas eu tive a presença de pessoas extremamente profissionais. Acho bacana essa geração que começou a solidificar um pouco mais a presença da mulher. Começa a ter mulheres que, por mais que sofram consequências do machismo, se impõem naquele espaço.

Uma situação negativa que você presenciou no trabalho e que te marcou?

Geralmente estou sozinha em uma sala de coletiva com outros homens e, na temporada passada, estávamos em uma coletiva de imprensa e foi logo depois do caso em que três jogadores do Botafogo F.C. tiveram um ato de indisciplina depois da vitória contra o Ypiranga F.C., em Erechim/RS, na Série C. Esses três jogadores tiveram contratos rescindidos pelo clube por uma questão moral e ética. O clube achou que a atitude deles não condizia com os valores do clube e resolveu tomar providências. Naquele momento surgiram comentários de homens se posicionando contra a atitude do clube, já que eram três jogadores titulares e o time fazia uma boa companha. Decidi me posicionar levantando a questão de que no ano interior, em 2017, aconteceu uma situação parecida e a imprensa criticou absurdamente o clube por não tomar nenhuma conduta e agora que eles estavam cumprindo com suas normas, também havia críticas. Foi quando um colega se levanta e diz: "Amanda, mas você, como mulher, não vai aceitar mesmo uma situação assim". Eu interrompi e pedi para que ele reformulasse sua fala, pois estava sendo extremamente machista. São situações rotineiras que parecem pequenas, mas é uma hoje, uma na semana que vem e depois no outro dia, mais uma e mais uma e se não estivermos firmes para reverter essa situação, talvez a gente desista.

Quais os objetivos você ainda não realizou na área do jornalismo esportivo? Quero muito trabalhar no

eixo Rio–São Paulo, acredito que seja uma área com uma rica quantidade de conteúdo. E claro, quero muito fazer uma Copa do Mundo, uma Olimpíada.

Como é seu contato com o público fora da TV?

Acontece muito de eu chegar no Comercial e o pessoal falar que sou botafoguense; chegar no Botafogo e falarem que eu torço para o Comercial; ir para Franca e os torcedores falarem que eu não gosto de franca. Enfim, vou driblando, ate porque eu quero que todos os times alcancem seus objetivos, isso significa para mim boas histórias e significa que vou conhecer muita gente batalhadora.

O que você diria para as próximas mulheres que virão?

Me orgulho dessa geração de mulheres que têm essa coragem, que se impõem, que exercem. O profissional de jornalismo tem o privilegio de poder sonhar, de mudar os planos, de aprender todos os dias, de se moldar e se reformular, se reinventando, porque a comunicação muda constantemente. Se um dia uma mulher chegar ao ponto de pensar que já conquistou tudo e que não tem mais nada para fazer está errado. Somos mulheres e isso já faz de nós, especiais. Lute, bata de frente. vamos conquistar muitas coisas anda.

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Profo Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem – 2ª etapa Apoio técnico

Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: GABRIELA DE LACERDA

Riscos das terapias alternativas Coachings quânticos prometem curas rápidas para depressão, ansiedade e crise do pânico

Repórter: **DAIANE MARCOLINO**

Coaching é uma forma de desenvolvimento pessoal em que alguém denominado coach ajuda outro a adquirir um objetivo pessoal ou profissional específico através de treinamento e orientação. Porém, por volta de 2012 comecaram a surgir diversas vertentes dessa profissão, e uma delas foi o coaching quântico. Este modelo propõe tratar doenças psicológicas mudando o seu mindset, ou seja, de acordo com essa abordagem, uma pessoa pode sair de uma depressão, se tiver mentalidade de vencedor. Com esse viés, o coaching quântico acaba por atrair muita gente, já que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que no mundo, 300 milhões de pessoas sofram de depressão e cerca de 800 mil se suicidam por ano. Gabriela Morello de Lacerda, 28 anos, formada pela Universidade Paulista em 2013. explica sobre os tratamentos, doenças e práticas dos coachings. Gabriela atua na área desde 2014 em seu consultório próprio, atendendo com abordagem psicanalítica.

MURAL ENTREVISTA -Quais são as exigências para os psicólogos exercerem a profissão? GABRIELA DE LACERDA

- Para trabalhar com saúde mental, tem que ser psicólogo ou psiquiatra com formação. Trabalhamos em cima de uma ética do Conselho de Psicologia. Além disso, tem a especialização em alguma área, mas é opcional. Você pode trabalhar a psicologia com abordagem em um método específico, por exemplo.



Como funciona quando uma pessoa sem formação aplica esses métodos, como os coachings quânticos?

Para os coachings eu não sei como funciona, se tem algum Conselho ou alguém que "pegue no pé" com a ética

Em alguns casos, os coachings aplicam um método para um grupo de pessoas de uma só vez. Como a senhora enxerga isso?

Aplicação geral não funciona. A depressão é depressão para qualquer pessoa, mas o que ocasionou aquilo é diferente para mim do que pode ser para você. Muita gente chega no consultório dizendo que está com depressão e achando que vai

receber uma "receita de bolo" e sair feliz. A psicologia vai muito além. Trata a causa do problema. Trabalhamos o paciente em específico. A psicologia busca entender fraquezas, limites, pontos fortes e fracos de uma única pessoa. Por isso, é um trabalho demorado. Não é uma matemática que você aplica em todo mundo.

Muitos dos coachings quânticos defendem a ideia de que você consegue tratar doenças psicológicas mudando seu pensamento. Eles dizem que, se você pensar que é um vencedor, conseguirá vencer os problemas. Como a senhora julga esse método? Psicologia não é só

chegar num paciente que tem depressão e falar "você vai conseguir". Ninguém quer estar com depressão, com ansiedade. A depressão por exemplo, tem fatores biológicos. Se algum parente tem ou teve doenças psicológicas, as chances de você desenvolver são de cerca de 40%. O coaching idealiza coisas que são muito abertas. O que é sucesso para mim pode não ser para você. Se você exerce um trabalho e não tem formação para aquilo, você está banalizando e brincando com a vida das pessoas, ainda mais levando em consideração o tanto que o suicídio e a depressão aumentaram

Se um coaching quântico tratar uma doença psicológica logo no seu início, a senhora acha que funcionaria?

Não, porque se você não trata da maneira correta, aquele problema pequeno se torna algo bem maior.

Este tipo de abordagem pode levar a casos extremos, como suicídio?

Se a pessoa estiver num estado emocional ruim, é possível. Até quando se fala desse pensamento de sucesso, você já está culpabilizando a pessoa pelo fracasso, dizendo que ela não consegue porque não quer, ignorando todo o contexto que aquela pessoa viveu.

Por que a senhora acha que as pessoas acabam recorrendo a este tipo de tratamento com coachings e não com psicólogos? Porque é uma promessa

de melhora rápida. É o desespero, ansiedade e a angústia que temos para resolver o problema. Você está em um estado de sofrimento psíquico grande e chega um cara cheio de lábia, vendedor, dizendo que irá resolver os problemas, é claro que você vai aceitar. As pessoas querem resultado imediato e não estão preparadas para lidar com as frustações de não conseguir. Ninguém faz terapia porque gosta. Você vai para lidar com coisas que te machucam e tratá-las.

Se a senhora pudesse conversar com um coaching que atua nessa área de saúde mental, o que falaria para ele?

Vamos fazer terapia! (risos) Eu passaria a minha preocupação, a importância que é ter uma formação para poder trabalhar com pessoas. Conscientizálo do malefício que é exercer algo que não tem ferramenta para fazer, pois pode estar causando danos irreparáveis ao paciente. •

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: JULIANA FERNANDES

Os jovens e suas vidas digitais

A tecnologia da informação afeta crianças e adolescentes e pode gerar problemas para toda a vida

Repórter: **DUDA GUARIZZO**

Atualmente, 81% dos jovens acessam a internet e o desenvolvimento escolar se modificou com a chegada da tecnologia da informação, além de também afetar os relacionamentos pessoais. O imediatismo é uma das consequências até mesmo alterações físicas decorrem do uso excessivo de smartphones e tabletes, como explica a professora Juliana Fernandes Rosa, formada em Letras pela Unesp, com pós-graduação em Psicopedagogia. A professora explica que os polegares das crianças estão mais desenvolvidos do que os demais dedos, devido ao uso intenso de aparelhos celulares desde pequenos.

MURAL ENTREVISTA -Quais impactos podem ser observados na vida do jovem com o uso da tecnologia? **JULIANA FERNANDES -**

Gosto de separar a tecnologia em mal-uso e bom uso. O bom uso são, por exemplo, vídeos aulas, em que os alunos conseguem acessar informações de maneira mais rápida, como também conseguem pesquisar no Google, descobrindo significados de palavras. além de aprender por aplicativos de linguagem. Existem também os impactos negativos, como passar muito tempo nas redes sociais, Instagram, Facebook, fazendo com que se afastem da família, de ciclos sociais, alimentando a ideia de consumismo e também acreditando que não é necessário assistir aula porque pode pesquisar no Google depois. Cria-se uma situação de "depois eu faço". O imediatismo faz com que eles acreditem que tudo será imediato na vida, o que não acontece.

A internet pode ser perigosa para o jovem?

Pode sim. Hoje temos aplicativos, principalmente de relacionamentos, em que os jovens não se conhecem



pessoalmente e acabam saindo com alguém, até mesmo expondo suas vidas. O perigo não é apenas de serem assaltados, mas a ideia do psicológico, o jovem que não tem uma condição ou um corpo "adequado" como as imagens que ele está vendo e fica tentando se espelhar naquilo e essa angústia é ruim.

Qual a maneira benéfica de os jovens e os pais manusearem a internet?

Eu utilizo muito as redes sociais para fazer minhas propagandas e é uma coisa muito boa. Para conversar com os pais e alunos também é muito bom, muito rápido. Não acredito em uma forma ideal, mas sim com qual objetivo se está usando, se está usando para desenvolver uma aprendizagem ou só como uma forma de lazer.

Como o desempenho escolar mudou após a tecnologia da informação?

Eu não tenho mais alunos que leem, até mesmo os alunos de pré-vestibular e redação. Eles vêm para cá para assistir aula sobre os livros, ao invés de lerem os livros. A gente

vê crianças pequenas com os polegares mais desenvolvidos do que os outros dedos, o que afeta na coordenação motora, principalmente na caligrafia que vai ser espelho para toda a vida escolar do aluno. Eles sabem plantar uma plantinha ali no celular, mas não entendem como isso acontece na vida real. Parece pequeno, mas tenho adolescentes que nunca montaram um quebracabeça; isso não afeta apenas o desempenho escolar, mas sim o desenvolvimento como um todo. Na questão da redação, que é o final do prévestibular, eles não sabem questões básicas de vivência, como colocar repertório cultural porque não leram livros, não assistiram filmes. Sabem apenas aquela coisa "mastigada" e na hora de desenvolver não conseguem.

Na sua opinião, o uso celular ajudou ou piorou as condições de relacionamento pessoal dos jovens? Por que? Os jovens passaram a ter uma visão imediatista, como havia comentado. Eles acreditam

que, assim como no Facebook, em que ele tecla, curte alguma coisa e aquilo

já é aceito pela outra pessoa. Ao se interessar por alguém, só o fato de se interessar a pessoa automaticamente já irá retribuir; eles acreditam que dando pouco merecem muito. Então, se tornaram extremamente ansiosos. Por exemplo, eles pedem para tirar foto ao invés de copiar, tentar entender ou fazer um resumo, eles querem o mais rápido possível e acho que esse imediatismo acabou com tudo, até mesmo com a relação familiar. O jovem acredita que está no mesmo patamar que os pais e acaba havendo uma confusão de papéis na sociedade. Tudo o que ele faz quer que seja rápido. Deu um probleminha aqui, eu clico aqui do lado para ajuda e a solução está pronta. Eles acham que a vida é assim e não é.

A senhora acredita que antigamente os jovens interagiam mais?

Acredito. Por exemplo, vou falar de mim. Quando eu tinha 15 anos, não tinha celular com câmera, o máximo que a gente tinha de celular era aquele Nokia que tinha uma lanterninha. A gente ia em festas e curtia, dancava e as únicas fotos eram as que os pais tinham tirado com máquinas. A gente tinha internet discada e era contado por pulso, não podia passar de 15 minutos. Então, tínhamos que nos relacionar de outra forma. Eu e minhas amigas combinávamos de nos encontrar, nos relacionávamos muito mais, passamos a ter memórias. Hoje a gente tira mil fotos e as fotos ficam no celular. Os jovens hoje em dia não vão passar por isso, não guardam as fotos, não imprimem, não fazem nada, só ficam lá, no celular.

A senhora vê alguma possibilidade de retorno para mais relacionamentos pessoais sem uso dos meios digitas?

Sim, eu vejo, mas isso cabe às instituições. Eu, como diretora aqui da escola,

carrego essa intenção comigo. Hoje almoçamos juntos, ninguém com celular, conversamos, damos risadas e sempre que dá reúno os alunos. Agora, com o verão, vamos ao jardim e jogamos água nos pés. Eu acredito que essas pequenas coisas vão desenvolvendo relações. Então, quando meus alunos saírem daqui eles levarão essas experiências com eles. Acredito que se a gente começar aos poucos com isso, conseguimos algo grande. É difícil, pois não são todos os adolescentes que aceitam sair do límpido, do claro, do tecnológico, do artificial, mas é uma tentativa diária. Realmente essa interação é muito difícil, mas acho que só assim conseguimos ouvir o outro, principalmente os adolescentes, que passam pela tensão do vestibular e acabam se isolando, guardando os sentimentos. Quando nos reunimos em roda, coisa de quinze minutos, eles acabam se "soltando" e falando o que a gente nem imagina. Então eu acho importante e pessoas que estão à frente, em cargos educacionais, deveriam ter esse ponto de vista. Não sou a favor da tecnologia 100 por cento. Acho que pode ajudar, mas não é o único caminho.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social

da Unaerp.)

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: FERRUCIO JOSÉ BISCARO

Será que vou me aposentar?

Com as alterações nas regras para aposentadoria, jovens devem se preparar em relação à nova Previdência Social

Repórter: ENRICO MOLINA

Depois de oito meses de tramitação, desde que chegou à Câmara dos Deputados em fevereiro deste ano, a reforma da Previdência teve a última sessão de votação no dia 23 de outubro no Senado. O Congresso aprovou o texto com novas regras para a aposentadoria, tanto para trabalhadores do sistema privado, o INSS, quanto para servidores públicos.As mudanças impactam todas a sociedade, inclusive os jovens que entrarão no mercado de trabalho sob as novas regras previdenciárias. Especialistas no assunto, o professor mestre Ferrucio José Biscaro, advogado previdenciário, graduado em Direito pela Universidade de Ribeirão Preto e pósgraduado em Direito Previdenciário pela Escola Paulista de Direito, explica porque os jovens devem se preparar para a conseguir a aposentadoria pela Previdência Social

MURAL ENTREVISTA - A reforma da Previdência coincide com um contexto de mudanças nas relações profissionais como o aumento de serviços autônomos. Qual, o senhor diria, que deve ser o foco de jovens que desejam se preparar para o mercado de trabalho a médio e longo prazo?

FERRUCIO BISCARO -

Realmente com as mudanças que nós estamos tendo o número de profissionais liberais hoje é grande, até porque a reforma trabalhista permitiu e as empresas estão terceirizando o serviço. Então hoje compete à pessoa contribuir para sua própria previdência. O segurado da Previdência Social, pode pagar uma única contribuição como



contribuinte individual uma vez ao ano e se mantém a qualidade de segurado pro resto da vida. Você não vai se aposentar nunca porque você está pagando uma única contribuição por ano, mas é uma opção para quem não tem condições financeiras de arcar com todos os meses de contribuição. O melhor é pagar no teto, hoje R\$ 1.200 por mês ou pelo menos pagar as 12 primeiras parcelas, pois você adquire o que chamamos de carência para todos os benefícios, inclusive o auxílio-doença, assim se você tiver algum problema de saúde você vai estar amparado pelo teto da Previdência. Depois das doze primeiras, você pode pagar uma única por ano para manter essa qualidade de segurado. É uma saída interessante para os jovens que estão comecando porque ele só vai aposentar com 65 anos de idade homem e 60 anos mulher e para ter uma aposentadoria no teto, 40 anos de contribuição. Então não necessariamente você vai ter que contribuir na vida toda, pode optar por contribuir 20 ou 15 anos. e é uma opção pagar as 12

primeiras parcelas no teto e depois anualmente ir pagando uma parcela para não perder a condição de segurando.

Como jovens poderiam futuramente se proteger de alterações mais rígidas nas regras da previdência?

As regras são rígidas com relação ao que nós vivemos hoje. A Previdência, é bem humana, segue o artigo quinto da Constituição e trouxe vários benefícios para os trabalhadores segurados. O que eu digo é, em qualquer hipótese ainda que seja rígida, o importante é você pagar. Lógico que para os jovens a previdência privada é uma opção, mas sem abandonar a pública, nem que seja uma contribuição por ano porque sendo segurado, dá-se um jeito para tudo, agora não sendo segurado, infelizmente aí você perde todos os direitos na Previdência Social.

Entre as justificativas para a Reforma da Previdência está o envelhecimento da população, que faz com que o número de aposentados cresca além do número de

contribuintes levando a um desequilíbrio nas contas públicas. Esta reforma é efetiva para este problema? A reforma não é só efetuada

pelo déficit. Nós temos, entre outros, o problema que leva à reforma que é o envelhecimento. As pessoas vivem mais e estão tendo menos filhos. Não dá para manter o plano de repartição. Hoje, as pessoas contribuem menos, o profissional liberal evita contribuir e chegamos em um ponto onde há mais aposentados do que contribuintes da Previdência. Esse é um dos fatores que leva à reforma. Temos que pensar na Previdência não como direito coletivo, mas como direito difuso de futuras gerações, pessoas que ainda não nasceram, é como o meio ambiente, a Previdência Social quem não depende dela diretamente, depende indiretamente.

A diminuição das aposentadorias reduz gastos do Estado e tem a finalidade de equilibrar as contas públicas. Essa redução no poder aquisitivo dos futuros aposentados, pode afetar negativamente a economia do país?

Hoje, se você tirar o benefício dos aposentados de várias cidades elas quebram. Muitas **EXPEDIENTE** cidades arrecadam mais com O projeto Laboratorial MURAL a Previdência Social do que se juntar todas as empresas e a prefeitura. Os aposentados têm um empréstimo chamado consignado, onde eles podem comprometer 33% da renda. Para se ter uma base, esses empréstimos consignados arrebentaram com a economia de muitas cidades, porque as pessoas acabam se endividando, é o dinheiro mais rápido de buscar porque o aposentado tem garantia, todo mundo que emprestar para aposentado. Então, a redução no empréstimo consignado já causou muitos

danos, imagina com a redução da aposentadoria, mas acho que a economia vai se adaptar a esse novo conceito de aposentado com uma renda menor e vai ser menor mesmo. As pessoas estão preocupadas com a idade maior, mas o prejuízo da reforma vai ser com relação ao seu salário, ela vai reduzir consideravelmente a sua porcentagem de recebimento.

Qual dica o senhor daria a um jovem que ingressará hoje no mercado de trabalho?

Tem que acreditar, eu penso assim. O brasileiro tem mania de fazer críticas de tudo, meme de tudo, do presidente, da ex presidente e nós temos que ser mais sérios nas nossas decisões e transformar o nosso país. Acreditar, pagar nossos impostos em dia e votar certo, o jovem que o ingressa no mercado de trabalho hoje, é um lutador e precisa acreditar no país. São o futuro da nação essa meninada que vem aí, é o que a gente espera, pessoas capacitadas e acreditando em um Brasil melhor é o que gente mais precisa hoje.

ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: GUILHERME CONCEIÇÃO

Esporte inglês cresce na região

O rugby está em ascensão no Brasil; na região de Ribeirão Preto há times e jogadores de destaque nacional

Repórter: GABRIEL IDALGO

O rugby é um esporte coletivo de intenso contato físico. Originado na Inglaterra em 1823, no Colégio de Rugby, sabe-se que várias formas de jogo com a bola já existiam na Europa no século XIX. A equipe é composta por quinze jogadores para cada time e seu objetivo é marcar um "Try", apoiando a bola no chão no limite do campo adversário. Além disso, o rugby possui variações podendo contar com somente sete jogadores por time. Com os anos, o rugby foi se popularizando cada vez mais e campeonatos foram criados na Europa e na América do Norte, principalmente nos Estados Unidos (dando origem ao Futebol Americano), entre os séculos XIX e XX. Com seu crescimento, novas regras e modelos de jogo foram surgindo para que o esporte se adaptasse à modernidade e não se tornasse ultrapassado. No Brasil, o rugby chegou em Salvador, ainda no século XIX por influência dos ingleses. Apesar da propagação do futebol ser mais expressiva, até o início do XX o esporte era tão popular entre os membros da elite quanto o futebol. Com o aumento do interesse pelo esporte no País, federações foram criadas e começaram a organizar seus próprios campeonatos. No estado de São Paulo, competições são promovidas pelos próprios clubes e equipes desde 1970. Guilherme Felix da Conceição, 18 anos, é jogador de rugby e atua pelo Instituto Cobra Caninana, de Guariba, e já teve passagem pelo Locomotiva Rugby Clube de Araraquara. Apesar da pouca idade, o atleta tem participado de seletivas para as categorias de base da Seleção Brasileira de Rugby e já possui um grande entendimento sobre o esporte e sobre o cenário paulista do esporte.



MURAL ENTREVISTA – Como você conheceu o rugby?

GUILHERME CONCEIÇÃO

Eu conheci o rugby a partir de alguns amigos de escola que sempre comentavam sobre o esporte. Então, fui me interessando cada vez mais e fiz a seletiva para ingressar no time de Rugby aqui de Guariba.

Como você explicaria o rugby para alguém leigo no assunto?

O rugby "tradicional" é formado por duas equipes com quinze jogadores cada e o objetivo é chegar ao fundo do campo do oponente com a bola. Você pode correr com a bola nas mãos, mas só pode passá-la para alguém ao seu lado ou para trás, nunca para frente, se não, é falta. Você pode chutar a bola também, mas só quem chutou ou quem estava atrás de quem chutou pode tentar pegar a bola novamente.

Também tem o H, que é um tipo de "gol do rugby" e você pode tentar chutar a bola no H e garantir de dois a três pontos.

Quantas e quais são as posições do rugby?

São sete posições, pois eu jogo o rugby sevens (com sete jogadores). Temos os "pilares esquerdo e direto" que ajudam no posicionamento do time. O "talonador" que é um dos jogadores que tem bastante contato com a bola e muito contato físico também. O "meio-scrum" é aquele que puxa a bola do scrum, que é quando vários jogadores se iuntam para empurrar o oponente quando reiniciam uma jogada. Tem a posição "abertura", ele é o "camisa 10" do time, quase todas as jogadas vão sair dele. Tem o "central" que avança no ataque e tem muito contato físico com a defesa adversária e temos o

zagueiro que diferente do fute sbol, é o jogador mais a frente, que finaliza as jogadas e geralmente faz os pontos.

Como funciona a pontuação?

A pontuação é baseada em "Trys", que é quando o jogador atravessa todo o campo e coloca a bola no chão no limite do campo adversário. Cada try vale cinco pontos.

Quais são os principais times da região?

Os principais times são a Locomotiva de Araraquara e o Raça Rugby de Ribeirão Preto. O Bandeirantes Rugby Clube, de São Paulo é o tetracampeão brasileiro.

Os times do interior têm muitas oportunidades para crescer no esporte?

Os times do interior têm muitas oportunidades de crescimento sim. Existem muitos campeonatos que possibilitam os times do interior ter uma maior visibilidade, tais como a quarta divisão do Campeonato Paulista.

Há muitos treinadores estrangeiros no Brasil? Por que?

Apesar de serem minoria, muitos times têm técnicos estrangeiros, como o time de Ribeirão por exemplo. Como o rugby não é tão popular no Brasil, há times que optam por treinadores de fora, pois o esporte faz parte da cultura deles e isso acaba gerando um maior conhecimento sobre o assunto.

Em relação à torcida, muitas pessoas comparecem aos jogos?

Não, poucas pessoas aparecem para acompanhar os jogos. O que predomina são os jogadores dos próprios times, amigos e familiares.

Quais são as maiores dificuldades para ingressar no rugby?

Creio que as maiores dificuldades são as questões físicas. É preciso ter muito treino para manter o físico requisitado pelo esporte, principalmente pelo fato de ser um esporte de campo. O jogador tem que estar preparado para aguentar correr longas distâncias e aguentar os contatos físicos com outros jogadores.

Como você lida com essa questão? Há treinos diferenciados?

Eu treino bastante e há treinos diferenciados, pois como eu sou Pilar, eu preciso treinar mais que os outros, porque eu preciso ficar mais tempo em campo do que os outros jogadores.

Quais dicas você dá para alguém que está começando no rugby?

É preciso ter muita garra e muito foco para se manter bem nos treinamentos para poder mostrar resultado nos jogos. Foco e garra são fundamentais.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta,**

reportagem e redação)
Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: JOÃO VICTOR CRESCIONI

Cotas amenizam a desigualdade no Brasil

O ambiente universitário ficou mais diversificado, porém ainda há problemas para os jovens universitários cotistas

Repórter: GABRIEL MELO

As ações afirmativas são um conjunto de políticas criadas para garantir a democracia racial e social no país ou região na qual ela está sendo aplicada. O país pioneiro nas políticas de cotas foi a Índia, que, em 1948, criou seu sistema de cotas. Outro país pioneiro nas cotas é os Estados Unidos que começou a aplicar as cotas em 1960. No Brasil, as cotas tiveram início na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2000 e em 2004 a UNB foi pioneira em aplicar cotas raciais, assim já ambientando a política de cotas no Brasil, algo que após ampla discussão e após diversas faculdades começarem a aderir, virou lei em 2012.

As cotas raciais no meio

acadêmico brasileiro são necessárias porque o país não vive uma democracia racial. Apenas 12,8% dos negros (pretos e pardos), entre 18 e 24 anos, são estudantes em instituições de ensino superior brasileiras, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes a 2015. Esse indicador demonstra a necessidade de se promover no Brasil um sistema capaz de acabar com o problema. Porem, mesmo apos as cotas, os negros ainda encontram dificuldades nas universidades. Estudantes como o João Victor Crescioni, aluno de Ciências Biomédicas na USP, enfrenta problemas todo dia e sonha com o momento com mais negro nas universidades brasileiras, públicas e privadas. João Victor é cotista de renda, racial e escola pública.

MURAL ENTREVISTA -Qual sua opinião sobre a política de cotas? JOÃO VICTOR CRESCIONI - A política de cotas é



benéfica porque nós, negros, começamos nossa vida acadêmica de maneira diferente de pessoas brancas. Pela questão do racismo e dos julgamentos que acabam por nos deixar retraídos e pouco à vontade dentro da sala de aula o que acaba por limitar nosso desenvolvimento acadêmico, além da questão social que os negros enfrentam fora da escola que criam ainda mais barreiras.

Você acha que existe algum ponto que necessita melhoria dentro das políticas de cotas?

Acho que existem falhas e que sempre dá para melhorar, porém não sei apontar algo em específico que possa ser mudado dentro dessa política.

Na verdade, um ponto muito negativo é a baixa fiscalização e as fraudes, inclusive na minha sala entrou um garoto branco em cotas raciais.

A USP só aderiu à reserva de cotas para PPI (Pretos, Pardos e Indígenas) a partir De que forma você se dos ingressantes deste ano. Como você acha que isso impacta na convivência dentro da Universidade?

Com certeza tem um impacto porque, se você reparar, na minha sala tem mais negros do que tinha nas salas dos anos anteriores. E também acho muito bom porque eu me sinto mais confortável vendo mais negros que entendem minhas dificuldades nesse ambiente.

Você acha que por ser advindo de escola pública tem alguma dificuldade maior para acompanhar o conteúdo na universidade?

Como eu vim de uma escola técnica de alto nível, então eu já tinha bastante conhecimento ao entrar na Universidade, mas tenho certeza que meus colegas que vieram de colégios públicos piores tenham mais dificuldade.

Você já sofreu preconceito por ser cotista?

Não, eu nunca senti que estaria sofrendo preconceito aqui na USP. É muito difícil dentro de uma universidade pública alguém ser abertamente contra cotas, eu não vejo.

Quais despesas você tem para estudar aqui em Ribeirão, na USP?

Os principais gastos são com alimentação e moradia. Claro que tem gastos esporádicos como festas ou outras coisas que eu queira fazer a mais no mês, mas fixos são principalmente esses dois, E na USP eu não tenho gastos, pois recebo a bolsa da universidade. (O estudante é bolsista e recebe auxílio moradia e alimentação)

mantém com essas despesas?

No geral, o auxílio da USP cobre todos meus gastos principais, mas meus pais me mandam alguma ajuda para festas ou momentos de lazer em geral.

Na USP existe alguma assistência psicológica para cotistas ou estudantes de outras regiões?

Não, que eu saiba não existe algo específico para cotistas, mas para os estudantes no

geral tem. O que tem são os coletivos negros, mas no caso é dos estudantes e não promovido pela USP como instituição.

Você frequenta ou tem interesse de frequentar esses coletivos?

Olha eu sempre quis muito ir nos coletivos aqui da USP, porém como estudo em período integral, tenho muita dificuldade de conseguir tempo para frequentar, mas acho o trabalho do coletivo muito bom. E deve ser fazer bem para a autoestima conviver com outros negros e discutir questões que são pertinentes para nós.

Como é deixar a vida em Agudos (SP) para vir morar sozinho em uma cidade bem maior e cursar a USP?

Eu já morei em Bauru quando fui estudar na ETEC, então já estava acostumado a morar fora da casa dos pais, mas as vezes é meio desesperador estar em uma cidade grande como Ribeirão, que deve ser dez vezes maior que Agudos.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo** Profo Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: ALIENE LAGO

Escolhas sob pressão e forte estresse

Definir a profissão e a universidade aos 17, 18 anos pode gerar até taquicardia e confusão mental

Repórter: GUILHERME TAKUMI

A pressão para suprir expectativas familiares por meio de bons resultados em vestibulares adentra a vida do jovem desde o colegial. Cada vez mais, os vestibulandos sofrem consequências físicas e psicológicas por conta da pressão familiar e escolar para passar em uma boa universidade, tendo que tomar uma decisão importante, na maioria das vezes, aos 17,18 anos. Para tratar essas consequências e orientar estudantes que passam por essa situação, o Mural Entrevista conversou com Aliene Lago, graduada em Psicologia e mestre em Orientação Profissional e de Carreira pela USP de Ribeirão Preto.

MURAL ENTREVISTA – Quais as consequências da pressão que os jovens em idade de escolha de profissão e vestibular sofrem em razão dessa escolha?

ALIENE LAGO – Os jovens sofrem pressão da escola, da família, dos amigos, dos professores, da mídia e, principalmente, dele mesmo. Não é à toa que os pré-vestibulandos relatam exaustão, cansaço, desânimo, diminuição do lazer, da vida social e a síndrome de Burnout. Há um momento hormonal e social turbulento pelo qual o indivíduo passa na adolescência, somado à necessidade de escolher uma profissão e, portanto, os rumos de sua vida adulta, em muitos casos, aos 17 anos. Junte isso ao medo da reprovação e o resultado é um adolescente confuso, inseguro sobre suas escolhas e, como consequência, possivelmente ansioso não apenas na hora do vestibular, mas também nos meses que o antecedem. São sintomas de estresse, ansiedade, e um estado emocional que aparece



como reação a uma situação percebida de perigo e provoca problemas físicos. Como efeitos mais comuns, pode gerar confusão mental, dificuldade de memorização e concentração, tremores, taquicardia e suor excessivo, por exemplo. O indicado é que os alunos busquem conversar com pessoas em quem confiam e, em casos mais graves, procurem ajuda de um psicólogo. Para aqueles que não sabem qual profissao seguir a indicação é de um orientador profissional e de carreira.

Uma pesquisa realizada pela Teenager Assessoria demonstra que os pais são responsáveis pela escolha da profissão de 72% dos vestibulandos. Por que os pais têm tanta influência? Sobre a influência familiar, deixo aqui o convite para não julgarmos os pais. Pais de estudantes querem somente o melhor para eles, mas nem sempre a forma que eles demonstram essa preocupação é saudável. O pai e a mãe querem

tanto ver o filho bem e feliz que muitas vezes "sufocam". Além disso, eles já possuem uma trajetória, com mais maturidade que pode leva-los a, em alguns momentos, desconsiderar a opinião dos filhos porque acham-nos imaturos. Vejo muitos sonhos dos pais que não foram realizados quando jovens que são despejados nos filhos. Vejo também um senso comum guiando a decisão dos pais. No fundo, eles querem que o filho tenha paz, felicidade, sucesso e dinheiro quando forem ao mercado de trabalho, mas o que ainda está distorcido para todos é que o dinheiro gera felicidade. Na verdade, é o contrário. Quando fazemos algo que amamos, somos muito mais empenhados. Isso faz com que gere mais resultados e dai vem o dinheiro. Temos o senso comum que Medicina, Engenharia e Direito são boas carreiras. Normalmente estas são as mais citadas.

A busca por um "status" profissional interfere na escolha de curso?

Com certeza e, em vários casos, o problema está na busca por esse status. Já atendi pessoas bemsucedidas no trabalho ocupando cargos elevados, com dinheiro transbordando no banco, mas extremamente infelizes, descontentes, com problemas de relacionamento, sem ânimo para o lazer e, principalmente, com saúde mental prejudicada.

O que é teste vocacional? E como ele funciona?

Não existem testes que ajudam você a achar sua vocação. Seria ótimo se tivesse apenas um único teste a ser considerado! O processo que ajuda um jovem a descobrir a carreira que mais combina com ele é composto por, em média, doze sessões. Primeiro, trabalhamos o autoconhecimento, pois não podemos escolher qualquer coisa da vida sem antes nos conhecermos. Depois, trabalhamos os interesses conscientes que o cliente possui. A partir disso, "descascamos" estes interesses para perceber o que é interesse do cliente e o que é interesse dos pais, sociedade. escola e etc. Utilizo um instrumento que capta os interesses inconscientes do cliente, aqueles gostos que talvez nem ele mesmo saiba. Depois, trabalho o conhecimento da realidade. É o momento de pesquisar em fontes confiáveis os cursos de interesse, as faculdades e suas grades disciplinas, cidade, etc. Por último, temos a sessão que eu nomeio como logística da escolha. É o momento que vamos considerar os interesses do cliente, qual faculdade quer prestar, cidade em que quer morar, como irá se sustentar durante os anos de estudo,

mercado de trabalho futuro, etc. Ao final do processo, entrego um feedback com tudo que foi trabalhado ao longo das sessões. Já caiu em desuso o termo "vocacional". Não acredito que temos uma vocação, mas sim, habilidades e interesses que podem ser desenvolvidos durante toda a vida.

Qual a importância dessa orientação?

Quando escolhemos algo que combina conosco, ficamos muito mais felizes durante o curso e o trabalho. Claro que haverá obstáculos, mas podemos lidar com eles de uma forma muito mais leve se gostamos do que fazemos, se faz sentido a ocupação que escolhemos. Alguns estudos internacionais e brasileiros já mostram que trabalhar no que gosta pode, inclusive, mudar a economia de um país, pois os trabalhadores faltam menos (menos absenteísmo e rotatividade), ficam menos doentes (menos gastos com SUS, remédios e consultas), se aposentam mais tardiamente (menos gastos com INSS, por exemplo), se dedicam mais, estudam mais e produzem mais.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

\

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta,**

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Alunos da disciplina Tecnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: JULIANA KAWAHISA

Os caminhos da vida acadêmica

Tornar-se pesquisador e docente é uma das alternativas para quem está cursando uma graduação

Repórter: HENRIQUE ESCHER

Cursar uma pós-graduação é um desejo de muitos estudantes que buscam um diferencial no currículo ou até mesmo seguir com a vida acadêmica. A pesquisadora Juliana Kawahisa, 33 anos, formada em Biologia, mestre e doutora em Imunologia Básica e Aplicada pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e pós-doutoranda no Departamento de Farmacologia na Universidade de São Paulo, fala sobre os caminhos da pós-graduação, atuação na pesquisa, docência e suas possibilidades no mercado profissional.

MURAL ENTREVISTA – Por que fazer uma pós-graduação?

JULIANA KAWAHISA – A decisão de fazer uma pósgraduação vem do desejo da pessoa se especializar em um assunto ou atualizar seus conhecimentos em uma área específica. Além disso, a pós-graduação pode ser uma vantagem na hora de procurar um emprego.

Quais são os caminhos para escolher uma pósgraduação?

O primeiro passo é saber qual o seu objetivo: se especializar para conseguir um diferencial no mercado de trabalho ou ingressar na vida acadêmica para pesquisar e lecionar. O segundo passo é procurar uma boa instituição, verificar se o curso é autorizado pelo ministério da educação e se é relevante no seu campo de atuação. A existência de conteúdo disponível online, tutores, provas presenciais e infraestrutura também são pontos importantes que devem ser levados em consideração.

Qual o propósito de seguir com os estudos para uma vida acadêmica?

No Brasil, quem decide



seguir a carreira acadêmica tem por objetivo ser pesquisador ou professor (a) de curso superior e de pósgraduação.

Como é o processo seletivo para entrar na pósgraduação?

Isso depende da instituição e do tipo de pós-graduação para a qual o aluno está se inscrevendo. Pode ser constituída por análise de currículo, prova escrita e didática, entrevista e apresentação de projeto. Para saber isso, é só verificar o edital do oferecimento da vaga para o curso.

Qual a diferença entre pós-graduação lato sensu e stricto sensu?

De maneira simplificada, a lato sensu é direcionada para uma atuação profissional e a stricto sensu é voltado para formação acadêmica e pesquisa.

A lato sensu é constituída por especializações e pelo MBA. As especializações são cursos com duração entre um a dois anos, que buscam aprofundar o conhecimento do aluno em um determinado campo de estudo. Por exemplo, sou bióloga e posso fazer especialização em análises clínicas para atuar em laboratórios de análises

clínicas, o que não seria capaz de fazer somente com a minha graduação. Já o MBA é voltado para o profissional que procura atuar área administrativa e gestão. Pode ser para um médico que assumirá a gestão de um hospital, por exemplo. O stricto sensu inclui o mestrado e o doutorado. O mestrado tem duração média de dois anos e o doutorado de 4 anos. Ambos incluem disciplinas teóricas e o desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Ao final do mestrado, a pessoa pode optar por fazer o doutorado. Muitas vagas para professores exigem só o mestrado mas, normalmente, para lecionar em universidades estaduais e federais é necessário possuir o título de doutor. Apesar do mestrado e doutorado capacitar o profissional a ser um pesquisador, atualmente no Brasil essas vagas são praticamente inexistentes. Durante o mestrado e o doutorado o principal objetivo é que a pesquisa desenvolvida seja publicada em revistas científicas internacionais.

Qual a diferença de monografia, dissertação e tese?

A monografia é o trabalho entregue no final da graduação, a dissertação no final do mestrado e a tese no final do doutorado. Todas possuem basicamente a mesma estrutura, mas o grau de complexidade do trabalho apresentado varia de acordo com o título desejado.

A vida acadêmica é remunerada? Quais os tipos de bolsa?

As especializações e MBA normalmente são pagas pelo aluno, que pode pode concorrer a uma bolsa de estudos pela instituição. Já no mestrado e doutorado o aluno recebe uma bolsa para desenvolver sua pesquisa. Existem três principais bolsas de estudo: A CAPES e o CNPq (que financiam bolsas no Brasil todo) e a FAPESP (que financia bolsas no estado de São Paulo). Alguns programas de pósgraduação já possuem um número de bolsas disponíveis, dependendo da colocação na seleção de ingresso o aluno pode conseguir a bolsa assim que entra na pós-graduação. Em outros casos, o aluno precisa solicitar uma bolsa quando ingressa no programa de pós-graduação e pode ficar sem bolsa por longos períodos.

Quais são as dificuldades em seguir com a carreira acadêmica?

Desenvolver uma pesquisa exige um grande comprometimento pessoal. Serão longas horas de trabalho, finais de semana e feriados, restringindo o tempo de lazer e em família. Outro ponto é o valor das bolsas. Anos se passam sem reajuste e o valor pode não ser o suficiente para que a pessoa se sustente sozinha. Além disso, com os atuais cortes orcamentários há o risco constante de ficarmos sem bolsa. Por conta do grande fluxo de trabalho não é possível conciliar um emprego com o mestrado e doutorado. Por último, mas não menos importante, o esforco físico e mental pode gerar ansiedade e depressão, cada dia mais comuns no ambiente acadêmico. Assim, considero importante que a família e os amigos deem suporte para quem decida ser pesquisador.

Como a falta de investimento do setor público pode afetar a produção científica do país?

A falta de investimento é uma perda para todos. Desenvolver pesquisas de base para ampliar compreensão de fenômenos naturais, criação de medicamentos, formação de pessoas e recuperação social, movimenta toda a economia do país.

Quais são as possibilidades da produção científica para o pesquisador?

Todo o trabalho desenvolvido visa gerar uma publicação em revistas internacionais, que disseminam o conhecimento e contribuem para a construção do conhecimento nos mais diversos temas. Além das publicações, os trabalhos são apresentados em congressos, simpósios, conferências, contribuindo para a disseminação do conhecimento.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta,**

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: FERNANDA SAVIANI ZEOTI

Cotidiano com desafios e empatia

Residir com familiares doentes exige dedicação de todos para equilibrar a sobrecarga e facilitar a convivência diária

Repórter: ISABELA **FRESCHI**

Pessoas que possuem familiares doentes em casa passam por mudanças de hábitos, de rotina do enfermo, dos familiares e outras situações cotidianas decorrente da convivência com a enfermidade e pessoas queridas enfermas. Para falar sobre o assunto, entrevistamos Fernanda Saviani Zeoti, professora do curso de Psicologia da Unaerp. Formada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, Fernanda é psicóloga e pedagoga com seu mestrado e doutorado no desenvolvimento humano, especificamente na área de distúrbios

MURAL ENTREVISTA - Ter e conviver com um doente em casa é difícil. A falta de união familiar pode tornar as coisas mais complicadas e gerar novos conflitos na família que tem alguém doente ou portador de alguma síndrome? FERNANDA ZEOTI -

Ouando pensamos em doença na família, podemos ter uma situação de adoecimento. Também podemos ter uma situação que se cronificou. E também condições que são desde o início da vida. Em todas essas sente-se mais acolhido e situações vamos ter alguém na família que chamamos de cuidador principal. Essa pessoa é alguém que vivencia uma sobrecarga emocional por causa dos cuidados e sofre justamente porque a família geralmente não distribui os afazeres. A sobrecarga de cuidado em um dos membros da família pode trazer um adoecimento para esse membro, no mínimo uma ansiedade. Essa sobrecarga é muito ruim para a pessoa que sofre, para a pessoa que está doente e para toda a família, porque esse cuidador principal vai se tornando aos poucos uma pessoa também com novas características que antes talvez não tinha.



Quais hábitos devem ser adotados na rotina da família para que o doente se sinta acolhido?

O ideal é que a família se reveze nesses cuidados ou no mínimo dividam. Então, quando a gente pensa por exemplo em divisão dos cuidados, alguém que leve ao médico e uma outra pessoa com os cuidados domésticos. Assim, seria uma divisão bacana dos afazeres e o cuidador principal sentese mais apoiado e o doente querido. Essa sensação de acolhimento, de carinho pela pessoa enferma, é bem melhor.

Quais precauções os familiares devem ter para não se mostrarem abalados ao doente e conseguir ajudar no tratamento?

Cada um vai ter uma forma de enfrentar a situação de adoecimento do outro familiar, inclusive o próprio familiar tem uma forma de enfrentar. Nós não podemos definir de antemão medidas para não demonstrar o abalo, porque ficar omitindo o sentimento que aquela situação gerou é muito ruim, tanto para a pessoa que está sentindo, quanto para

a pessoa que está doente. Na psicologia a gente sempre preza pela verdade, então ficar escondendo um sentimento, só vai aumentar o sofrimento e desgastar a relação. Poder conversar sobre isso, poder dizer que está sofrendo é, na maioria das vezes, a melhor coisa a fazer. Muitas vezes a família em si, mais do que um familiar, precisa de um apoio psicológico, justamente para lidar com o impacto de um diagnóstico.

Como proceder com um familiar que tem Alzheimer, sabendo que ele pode não saber quem o está ajudando?

Uma vez eu vi uma charge no Facebook em que se mostrava alguém cuidando de uma outra pessoa, aparentemente com Alzheimer, e a charge dizia isso: "ela pode não se lembrar de quem você é, mas você se lembra de quem ela é". Eu achei tão significativa, porque é isso, o paciente não sabe quem você é, mas o que está cuidando sabe quem ele foi e é. Então o cuidado fica menos pesado, se o pensamento for por esse viés.

outras patologias mentais, como lidar com o doente e a situação dentro de casa? Quando a gente fala de qualquer condição que seja neurológica ou mental, nós estamos falando de condições realmente complexas e que podem demandar um maior investimento emocional por parte dos familiares e principalmente do responsável pelos cuidados. Acho que a principal questão quando nós temos um familiar com algum transtorno neurológico ou mental é o conhecimento a respeito desse transtorno e o esclarecimento sobre a condição.

Nos casos de autismo e

Como os pais devem agir para amenizar os problemas dos filhos sãos em relação a um filho doente?

O papel dos pais é fundamental para fazer que esses irmãos interajam, que eles consigam e possibilitem o convívio intenso deles, quanto mais esses irmãos participarem no sentido de conhecerem as necessidades e os recursos que o irmão na condição especial precisa e quanto mais eles conviverem com isso, mais natural será a presença desse irmão. O que pode acontecer é que os pais não permitam esse convívio, que façam uma distinção grande entre os irmãos, mas se os pais propiciarem esse convivio, a tendencia é existir um grande ganho para esse irmão que tem a condição atípica em ter mais uma pessoa na família que possa promover um melhor desenvolvimento e uma melhor vida para ele.

Em que medida a terapia ou atendimento psicológico pode ajudar a família a ter qualidade de vida mesmo no convívio com doenças, inclusive as fatais?

A terapia auxilia muito e faz com que esse processo seja vivenciado da maneira mais verdadeira possível. Eu diria que é tão importante quanto a terapia para a

própria pessoa adoentada. No caso das doenças que levam a óbito, a psicologia está estudando bastante os processos de luto que vem não só de um processo de adoecimento levando à morte de um familiar, mas também os processos de luto do filho ideal e é um processo de luto tão doloroso quanto o luto pela perda, de fato, de alguém.

A sociedade é preconceituosa em relação aos doentes? Como fazer para que eles se sintam normais e amados?

É fato que a sociedade é preconceituosa e pratica discriminação. Nós não temos uma sociedade inclusiva e estamos longe de ter. Na verdade, a pessoa que é diferente, é uma pessoa que incomoda. Ela incomoda porque é diferente e o ser humano não está preparado para lidar com o diferente. Esse preconceito existe, o que faz melhorar a condição das pessoas é o conhecimento, sair da ignorância. A gente cura o preconceito com conhecimento. Só quando a sociedade conhecer de fato as condições reais das outras é que elas vão deixar de ser preconceituosas, isso para qualquer condição.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

DEZEMBRO DE 2019 Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

Entrevista: MARTA MOREIRA

Cresce a violência contra as mulheres

Juíza afirma que somente a educação pode levar os homens a reduzir os casos de feminicídio e agressões

Repórter: ISABELA **TEIXEIRA**

A violência contra a mulher cresce desde da década de 1970. São crescentes os casos de assassinatos, estupros, agressões físicas e sexuais, abusos emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial ou por opção sexual da mesma.

Na maioria dos casos registrados, a violência é cometida por pessoas próximas das mulheres, como namorado, marido ou familiares. Mesmo com a Lei Maria da Penha, os serviços de apoio e proteção para as mulheres vítimas ainda não são suficientes.

A juíza Marta Rodrigues Maffeis Moreira, formada em Direito pela Universidade de São Paulo, doutora de Direito professora visitante do Leopold-Wenger Institut da Faculdade de Direito de Munique/Alemanha, explica sobre direitos legais e sociais das mulheres. Juíza de Direito do Tribunal de Justiça de São Paulo há 20 anos. Marta atualmente é auxiliar da Comarca de Ribeirão Preto, atuando na Primeira Vara do Júri das Execuções Criminais.

MURAL ENTREVISTA – A Lei Maria da Penha trouxe melhorias e proteção para as mulheres?

MARTA MOREIRA – Sim. sem dúvida nenhuma. É uma lei que traz várias medidas protetivas para a mulher, porém não se mostra suficiente porque não existe fiscalização suficiente por parte da polícia para cuidar que a medida protetiva aplicada a favor da mulher seja efetivamente obedecida. Ainda assim, é evidente que é um avanço muito grande, melhor do que antes, que não havia nada. A aplicação da lei tem dois lados. O positivo, que ajuda a mulher a ter essa proteção e o lado muito negativo pois, às vezes, Essa pergunta é bem faz aumentar ainda mais a agressividade do homem sem medo mesmo, existe a conseguir proteger a mulher.



Atualmente, as mulheres adquiriram direitos que antes não tinham. Muitas vezes eram obrigadas a se casar, com quem a família escolhia e, eram submissas ao homem. Hoje, grande parte é formada e independente. Isso ajudou a melhorar a violência contra a mulher ou os homens ainda não aceitam e reagem com violência?

Nós vemos casos de violência em todas as camadas sociais, desde a mais humilde até à mais abastecida economicamente. Inclusive com mulheres que têm diploma. Então, me parece evidente que a conquista do espaço, de uma carreira, ajuda muito, principalmente a escolher um companheiro melhor, uma pessoa mais esclarecida, mais respeitosa, que aceita até a mulher em uma posição mais alta que a do homem. Então realmente ajuda, mas, mais uma vez eu volto a dizer, a violência existe em todos os setores.

Muitas mulheres não denunciam a violência por medo. O que poderia ser feito para elas se sentirem mais seguras para conseguir realizar a denúncia?

difícil porque existe o opressão, a ameaça, às

vezes a dependência, não só econômica, mas também psicológica. Existe o abuso psicológico, aquele que o agressor contamina a mente da vítima e ela se sente inferiorizada, ela se sente culpada pela situação. Essas mulheres precisariam, talvez, contar com mais setores psicológicos, psicossociais dando apoio a elas. Hoje há poucos recursos para que ela possa se sentir segura. A denúncia é difícil, porque traz consequências. Depois quem vai cuidar dos filhos? Quem irá aguentar o agressor em casa? Quem vai passar por toda situação difícil é ela. Então ir lá fazer a denúncia é fácil. O problema é depois ela receber uma estrutura para ajudar os filhos e ela a passar daquela situação.

Qual seria a melhor maneira para acabar com essa discriminação contra as mulheres?

A melhor maneira é a educação. Eu acredito na educação, mas é algo a médio e longo prazo. A gente percebe uma diferenca na educação do menino e da menina. Acho que os dois devem saber igualmente, as tarefas domésticas, por exemplo. Os dois têm que ser tratados da mesma forma. Então a melhor maneira é com educação, com publicidade, no caso do

governo, esclarecendo.

Uma lei drástica ajudaria?

Talvez sim. O problema não é uma lei drástica, o problema é a fiscalização. Muitas vezes não resolve trancar o homem na cadeia. Aqui, por exemplo, temos serviços de apoio psicossocial para resgatar a família, porque o agressor também precisa de orientação. Para mim, uma lei mais rígida, seria uma pena mais dura e uma pena mais dura significa cadeia. Eu não sei se vai ajudar a trancar a pessoa, a não ser em casos realmente de psicopatas, com uma violência grotesca. Em outros casos, acredito que serviço de apoio, resgate à família, seria bem úteis. A lei já é dura o suficiente, mas ela pode ser aplicada, efetivamente. Por exemplo, agora o descumprimento de medida protetiva é crime. O juiz pode dar medidas protetivas, afastar o agressor da vítima.

Atualmente as mulheres procuram mais ajuda e procuram a Justiça? Em quais casos é mais frequente?

Casos de homicídios, tentativa de homicídios, lesão corporal. Em muitos casos a mulher já vem sendo vítima de agressão não só física, mas psicológica e ela só denuncia quando realmente não aguenta mais.

Cite um exemplo de alguma denúncia realizada.

Nós estamos com um caso aqui no júri que é uma tentativa de homicídio. Eu achei chocante o caso, muitos são chocantes. O sujeito desrespeitou a medida protetiva, pois já tinha caso de violência contra essa vítima, mas ele desrespeitou. Ele foi no apartamento da vítima, discutiu na porta do apartamento, entrou armado, na marra, fechou a porta, levou a mulher até ao quarto e a trancou. Ela teve a ideia de falar para ele tirar o carro da garagem do prédio,

porque estaria atrapalhando a passagem. Então ele saiu, mas a trancou no quarto. Ela estava no quarto andar do prédio e se jogou da janela, porque disse: eu prefiro morrer; e quase morreu, quebrou as pernas, saiu se rastejando para pedir ajuda, chegou até ao muro do prédio e alguém a ajudou a sair dali. O agressor já havia praticado abusos físicos, psicológicos e sexual. A vítima passou por muitas cirurgias e ele está preso, mas ela está apavorada porque uma hora ele irá sair.

^^^^^

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Em sua opinião, como poderia ensinar os homens a agir com respeito à sociedade feminina e diminuir a violência contra as mesmas?

O ensinamento vem sempre por meio da educação. Mais uma vez, educação em casa, educação na escola, educação do governo. Pais machistas, mães coniventes. É cultural, precisa que a cultura mude e para mudar uma cultura levam-se gerações. A mulher precisa aprender a se respeitar, não aceitar brincadeiras, vídeos de internet que banalizam a figura feminina, as músicas de hoje em dia que vulgarizam a figura da mulher. lack

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa

Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: SANDRA DE PAULA

"Falam de ideologia, mas não sabem o que é"

Universidades, especialmente as federais, sofrem com a desmoralização da qualidade da produção acadêmica

Repórter: ISABELLA MENGELLE

O crescimento da cultura de extremismos ideológicos na sociedade está adentrando rapidamente o ambiente universitário. Cada vez mais, acusações de "doutrinação" vêm se tornando frequentes e colocam em cheque a formação dos profissionais do futuro, especialmente no macro campo de ciências humanas e sociais, o que interfere diretamente na formação do pensamento crítico característica da educação superior e tão importante para o desenvolvimento de todo prejudiciais não só nas o país. Para tratar dos riscos

educacionais e sociais deste cenário, o MURAL ENTREVISTA conversou com a pesquisadora e professora Sandra Leila de Paula, graduada em Ciências Sociais e doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Túlio de Mesquita Filho (UNESP), pesquisadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e professora associada da Universidade Federal de Uberlândia.

MURAL ENTREVISTA

– O corte de verbas
e as falas do atual
ministro da Educação
as universidades
federais podem ser
entendidos como controle
ideológico?



SANDRA DE PAULA - O corte de verbas e a fala do atual ministro são muito universidades, mas na educação como um todo. Essa tentativa de discurso de neutralidade, como se a ideologia fosse só da esquerda, é um discurso ideológico, porque tudo que está sendo feito tem o viés de direita, e muito mais fortemente imposto que em outros momentos. Podemos dizer que nem no momento da ditadura as pessoas foram tão explícitas em defender preconceitos como vemos hoje. Isso é ideológico. Então é muito importante que a gente desmistifique essa história de que ideologia é algo pertinente às esquerdas. Ideologia é utilizada principalmente, para o processo de dominação. Então se a direita está no poder – esteve no poder, aliás, ao longo de toda a nossa história – ela evidentemente tem o seu

viés ideológico.

Existe aparelhamento ideológico – de direita ou de esquerda – nas universidades?

No meu entendimento, o aparelhamento de esquerda que vem sendo apontado pela atual equipe do MEC não existe da forma como é colocado. Ao menos na minha experiência docente de quase 20 anos, o que a gente tem é um posicionamento político das pessoas, e isso não necessariamente implica em aparelhamento. Mas, por exemplo, existem declarações dos filhos do presidente qualificando trabalhos de muitas áreas – principalmente de humanas - como irrelevantes para a produção de conhecimento. Quando você pega uma área, sua produção, e diz que ela não serve ou não é relevante porque ela fala de coisas inúteis, principalmente sendo

uma pessoa leiga,

baseando suas colocações por argumentos de senso comum ou puramente ideológicos e que discordam do posicionamento dos produtores de conhecimento, aí sim, a gente tem uma vigilância, um controle e um aparelhamento ideológico da produção de conhecimento.

Recentemente um professor do Direito da Faculdade do Largo São Francisco, da USP, Eduardo Lobo Botelho Gualazzi, foi afastado por fazer comentários considerados homofóbicos e defender a ditadura militar. Há setores que dizem que isso é perseguição à direita. Ao mesmo tempo, o professor Luciano Cavini Martorano, da Universidade Federal de Alfenas-MG (Unifal) foi exonerado arbitrariamente por conta de seu posicionamento político à esquerda. A instauração desse tipo de conduta pode influenciar na qualidade das aulas e no desenvolvimento do conteúdo por parte do professor? Aqui, temos duas

Aqui, temos duas situações diferentes. No primeiro caso, o professor fez considerações homofóbicas. Homofobia é crime. Então esse professor ser repreendido e sofrer as consequências não é perseguição, é consequência. Assim como a prisão de um assassino não é perseguição, é consequência do ato cometido. Outra coisa é o professor ter um

posicionamento político e ser afastado por isso. Ter um posicionamento político não é algo criminoso. Nós temos direito à liberdade de expressão. Então se a pessoa for afastada ou punida por um posicionamento à esquerda ou à direita, é perseguição. É importante que a gente tenha a clareza dos casos. E se as pessoas, por motivos diferentes, sofreram sanções, é preciso ver qual a pertinência dessas sanções. Uma pessoa que pratica um crime tem que sofrer uma sanção, mas uma pessoa que simplesmente expõe seu pensamento político não é criminosa. Com relação à influência disso na qualidade de ensino, evidentemente vamos ter reflexo dessas condutas. Uma coisa é um professor que tem um posicionamento político ensinar teorias. Na hora de ensinar teoria, o comportamento tem que ser profissional. Eu como socióloga, ensinando a teoria de Durkheim, independente de ser de direita ou de esquerda, trabalho o positivismo. A mesma coisa Marx, Weber. Isso é diferente de, por exemplo, distorcer ou desqualificar os autores porque você concorda ou não com o posicionamento político deles. Essa posição de vigilância e controle ideológico interfere no conteúdo e na forma de ministrar o conhecimento de uma forma muito negativa para os estudantes e futuros profissionais.

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716 DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Há, atualmente, uma ameaça à tradicional autonomia universitária de livre pensamento?

Eu penso que a autonomia universitária de livre pensamento está profundamente ameaçada. Nós sempre tivemos tendências. Tal departamento é tendencialmente de direita, tal instituto é tendencialmente de esquerda, mas isso. independente de qualquer coisa, abarcava alunos, e a produção de vários tipos de conhecimento. Não é porque se tem um curso que tem professores tendencialmente de direita, que no vestibular os alunos de esquerda foram postos de fora. Quando uma pessoa presta o ENEM, ele não é selecionado por ser de esquerda ou de direita, ele é selecionado pelo conhecimento que ele demonstra. Existem regras institucionais que são cumpridas, independente da pessoa ser de direita ou de esquerda. A lista tríplice, por exemplo, é feita tradicionalmente e os reitores são nomeados a partir do primeiro, segundo, terceiro colocado dessas listas. O atual governo vem desobedecendo isso. Há uma intenção clara de desrespeitar regras para atender pessoalidades e isso é totalmente antirrepublicano, antidemocrático. São duas formas de ataque muito graves, mas o ataque às instituições e às regras republicanas que regem o funcionamento do Estado e das instituições do Brasil, incluindo as universidades, é muito forte no atual governo. E isso de fato ameaça não só a autonomia, mas a própria existência da universidade.

Qual o impacto que essa cultura do punitivismo ideológico pode ter na sociedade em longo prazo?

Podemos dizer que o impacto dessa conduta de perseguição e punição ideológica está muito claro no atual governo. Os próprios governantes não têm o mínimo pudor em expor isso abertamente. A longo prazo, essa prática pode gerar um modus operandi de controle e delação generalizada. Isso aconteceu muito, por exemplo, no período ditatorial no Brasil, em 1964. Se a gente não quiser ir nesse período tão controverso da atual gestão, podemos ir para a Idade Média. Há inúmeros registros de brigas de vizinhas que se denunciavam, eram presas e torturadas por bruxaria pela Inquisição. Essa prática de delação, de todo mundo ficar denunciando os outros, vai instalar uma prática de vigilância ideológica e briga incessante de grupos, uma sociedade controladora e desigual. O Brasil que tem construído, ao longo do tempo, uma tentativa democrática de respeito às diferentes crenças, posturas, conseguindo ganhos institucionais como a criminalização e a definição clara do feminicídio, crimes homofóbicos... vai perder esses ganhos, porque as pessoas começam a achar que podem se posicionar de maneira violenta com relação ao diferente.

Esses impactos comprometem de maneira mais preocupante ao aspecto social ou o mercado de trabalho? Além da formação de cidadãos limitados, há um risco de que a nova leva seja de profissionais com capacidade técnica mais

limitada?

Essa postura da qual falamos na última pergunta traz um reflexo marcante em ambos. Porque se as seleções de profissionais passarem a exigir determinado posicionamento político para contratar, nós vamos incorrer em injustiças e em perdas de excelência no mercado.

"Era tão polêmica a pretensão de Eduardo Bolsonaro à embaixada dos EUA. É completamente fora do protocolo."

Se isso vira praxe, nós vamos ter muita gente que tem excelência profissional fora do mercado por motivos políticos. E no caso do impacto na formação dos futuros profissionais, há um risco de uma confusão entre posicionamento político e qualificação, porque não necessariamente um está ligado ao outro. Nós temos excelentes profissionais de direita e de esquerda, assim como péssimos profissionais de ambos os lados. Agora, quando a gente vincula uma coisa à outra, aí nós temos uma qualificação profissional comprometida.

Existe educação superior sem ideologia?

Existe educação e existe ideologia. Não necessariamente uma coisa tem a ver com a outra. Mas existe a educação sendo vinculada a um posicionamento político do educador. Paulo Freire tem toda uma concepção de educação libertária que se vincula

a um posicionamento político mais crítico da sociedade em que vivemos. Então há uma influência do posicionamento político do autor na prática educacional dele. Isso não significa que ao alfabetizar adultos, necessariamente ele vá inculcar uma ideologia naqueles alunos. São processos diferentes. Uma coisa é você participar do processo de alfabetização e ter práticas pedagógicas nas quais acredita. Outra é você ter uma prática pedagógica que impõe ao aluno um posicionamento político. O importante é que nós, como professores, possamos oferecer diferentes formas de entendimento de mundo aos nossos alunos, independente de concordar com Marx ou Comte. Eu tenho direito de concordar com quem eu quiser, mas a minha função profissional é universalizar as diferentes tendências teóricas para que os novos profissionais possam escolher seus caminhos. Se a gente já oferece a teoria de maneira tendenciosa, estamos aparelhando ideologicamente nosso processo educacional. Tudo depende da condução que se dá ao processo educativo.

Qual o papel das universidades federais no movimento de resistência ao desmonte do ensino superior público e como combater as acusações de que este se encontra tomado por ideologias de esquerda?

Considerando essa colocação, o papel da universidade federal é fundamental no movimento de resistência ao ataque que ela está sofrendo. Quanto mais você retira verbas, retira bolsas, você inviabiliza o funcionamento das universidades. Sendo assim, é preciso que as universidades e a sociedade civil se

mobilizem, porque a gente está em franco desenvolvimento de um processo que vai atrasar o Brasil não só na educação, mas tecnológico, tanto interna quanto externamente. E isso é gravíssimo, porque um país que não tem tecnologia é um país fadado ao fracasso e à dependência no mundo globalizado. E o esclarecimento da população acerca do trabalho universitário é fundamental. Não existe essa conversa de que as universidades estão tomadas por ideologias de esquerda: estamos em processo de aparelhamento de direita, e como há uma resistência do setor, ideologicamente se diz que a resistência existe por sermos de esquerda. A resistência existe porque nós não queremos ser aparelhados. Então é preciso que haja um esclarecimento dessa confusão ideológica que está sendo feita nos discursos das pessoas ligadas à atual administração. As pessoas falam de ideologia, mas não sabem o que é. É fundamental que o movimento de resistência se dedique a esclarecer isso. •

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (nauta**

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico**

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: ROSANA SHUHAMA E MARCOS REZENDE

Consciência e luta pela vida

Com altos índices de casos, depressão e suicídio continuam temas tabus na sociedade

Repórter: JOÃO PALA

Segundo estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2017, a cada 40 segundos, em todo o mundo, uma pessoa tira a própria vida. Onze milhões de pessoas possuem transtornos depressivos e 11 mil morrem anualmente por suicídio no Brasil. A depressão e o suicídio ainda são temas vistos com preconceito por boa parte dos brasileiros. Para Rosana Shuhama, psicóloga e pós-doutora em Epidemiologia em Saúde Mental, e Marcos Rezende, enfermeiro e doutor em Ciências da Saúde, a educação é necessária para o combate a esses graves problemas.

MURAL ENTREVISTA -Como a senhora analisa os dados da OMS sobre depressão e suicídio no **Brasil?**

ROSANA - Como toda questão de saúde, essa é mais uma área sobre a qual devemos ter uma preocupação muito séria ao tratar do assunto. O Brasil não está ocupando um posto dentre as maiores [taxas de suicídio], mas nos uma tendência a aumentar essas taxas. Então, sim, de fato é algo preocupante que devemos dar atenção merecida. Sem alardes, com respeito, e até a parte de vocês, da mídia, de tratar isso com muito cuidado.

A depressão e o suicídio ainda são temas evitados e costumam sofrer preconceitos por parte da população? Por quê? **ROSANA** - Porque estamos falando de coisas que mobilizam muito. Estamos falando de perda de autonomia e de morte, que

são temas tabus, e temos



um histórico em saúde mental de serem áreas com muito preconceito. Não só com a saúde mental. Pense em hanseníase ou doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), por exemplo. São doenças que têm uma história e isso ainda implica em um 'ranco' em um entendimento preconceituoso delas. Isso não é diferente em saúde últimos anos, estamos vendo mental, ainda mais quando falamos em quadros que podem resultar em morte.

De que forma é possível promover debates sobre esses assuntos?

ROSANA - Através da educação. E aí, usar várias ferramentas, como a mídia, iniciativas de campanhas do Estado e da comunidade. [Criar] essa sensibilização para estimular que isso seja cada vez mais discutido de uma forma séria e sem preconceito. Educação, educação e educação, para corrigir esse mal entendimento.

MARCOS - Estava até vendo

um histórico da questão do Setembro Amarelo, o porquê de a cor ser amarela. Foi devido a um homem [Mike Emme] que se suicidou em um carro de cor amarela. Por que esse episódio chamou a atenção? Porque, no funeral, a família começou a distribuir fitas amarelas e cartões para chamar a atenção para o problema, para aquilo que estava acontecendo. Foi o chamariz que gerou uma repercussão e ganhou uma simbologia.

Todas as pessoas podem identificar sinais de que alguém está pensando em tirar a própria vida? De que maneira? Quais são esses sinais?

MARCOS - Há pessoas que têm um exagero de fala, às vezes. E aí você não sabe quando a pessoa está falando como uma brincadeira. Até que se prove o contrário, o que o outro está dizendo a pessoa não deve achar que é

brincadeira ou piadinha de mau gosto.

ROSANA - Para a nossa sociedade hoje, que tem posicionamentos extremados e com competitividade, acho que todos podem desenvolver sua habilidade de escuta, de serem gentis e empáticos com o outro; ouvir e ter um interesse autêntico na outra pessoa. Ouanto aos sinais, não há uma resposta única ou um protocolo. Existem algumas coisas às quais podemos ficar atentos. O primeiro deles é o dos fatores de risco, se a pessoa já tentou outras vezes. Ter um diagnóstico de transtornos mentais, que podem resultar em uma impulsividade para cometer autoagressão. Além dos fatores de vulnerabilidade, como minorias sociais, bullying, doenças crônicas e temporárias, perdas importantes (como luto e emprego), e pessoas sem apoio social.

No Brasil, o suicídio é a quarta maior causa de mortes entre jovens, entre 15 a 29 anos. Quais são os principais motivos para esses suicídios?

ROSANA - Temos que pensar desde fatores de desenvolvimento até fatores locais ou proximais de estresse, além da formação de responsabilidades e de papéis sociais, escolhas profissionais, estímulos à autonomia, que implicam mais nessa faixa etária.

O apoio moral e emocional oferecido por entidades como o Centro de Valorização da Vida (CVV) poderiam ser aplicados na rede pública de saúde? De que maneira?

ROSANA - Em princípio, o apoio emocional está na rede pública e no nosso conceito de saúde, e em todos os níveis de atendimento, desde o primário ao terciário. Infelizmente, a gente ouve sobre casos em que isso não acontece. Precisamos de pessoas bem-treinadas e de melhor infraestrutura nos serviços. Considerando a sobrecarga de trabalhar com o público, o profissional da saúde também deve cuidar da sua própria saúde, para não desenvolver Burnout ou afastamentos emocionais seus com o pesar do outro, além de receber suporte das instituições.

MARCOS - O profissional de saúde que está no pronto-socorro ou numa unidade geral não teria uma qualificação específica para atender um público de saúde mental de alguém que chega ali e que tentou um suicídio. Não é raro você ouvir um profissional comentar com o outro que é "sem-vergonhice" ou "falta de serviço". Então, você vê que isso remonta a tudo aquilo que já foi

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

dito antes: da falta de educação profissional e de conscientização dentro do próprio serviço de assistência à saúde, do pronto-socorro. Você nunca deveria ouvir um tipo de comentário destes.

Falta humanidade nesses casos?

MARCOS - Eu digo que sim. Mesmo que você não tenha a humanidade na questão do treinamento, você tem aquilo que são os valores e princípios da tua vivência. Você vai levar para o seu trabalho muito dos seus conceitos. Mas, chegando à vida profissional, você deveria entrar, vestir o ialeco e dizer "olha, a minha pessoa fica lá fora. Aqui entra o profissional". Se ele conseguir fazer isso, vai conseguir prestar uma boa assistência, despojada de preconceitos e de conceitos anteriores. O Centro de Valorização da Vida tem essa humanidade, eu acredito, que o voluntariado traz. ROSANA - É isso que eu tenho falado. É lamentável que tenhamos serviços que tenham tantas ocorrências. Em tese, isso é preconizado por entendimento de saúde, preconizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A saúde, quando vista de forma integral, não exclui isso. É incluso nela que você seja respeitado também nas suas diferenças culturais, necessidades, demandas emocionais ou físicas. Esse é um direito de todo cidadão, entende? No 'macro', precisamos de um apoio do Estado, par que ofereça condições para que a humanidade seja fomentada. O apoio emocional já está nos princípios; a prática é que tem desafios.

O Governo Federal, por meio do Ministério da Saúde, possui algumas políticas públicas para prevenção do suicídio, como a instituição de Redes de Atenção Psicossocial e de diretrizes para o acionamento imediato de tratamento, além de custeios financeiros. A rede



de saúde está apta a acolher ROSANA - É fundamental. todas essas demandas de indivíduos com depressão e com comportamentos suicidas? Quais ações ainda são necessárias para a saúde pública melhorar o atendimento?

ROSANA - Se ela está? Não, não está. Em nenhuma área, não apenas na saúde mental. Não sei se a rede consegue abarcar tudo. Estamos falando da depressão e de um desfecho muito triste, o do suicídio. Temos que pensar com muita clareza em promover saúde; isso implica em garantir às pessoas direitos básicos, como trabalho, educação, segurança, ter uma rede de atenção primária que tenha uma cobertura boa, vacinação, comida, sono de qualidade, ambiente de lazer... Devemos pensar em toda essa extensão.

A USP de Ribeirão Preto e a Unaerp contam com programas de atendimento psiquiátrico e psicológico que realizam atendimentos aos alunos com transtornos psicológicos. Qual a eficácia das ações promovidas por esses programas? Qual a importância das universidades realizarem esses programas?

Pense em um processo como um todo: esses serviços permitem que as pessoas tenham acesso rápido e intervenção precoce. Isso implica em fazermos as ações com o objetivo de reduzir esse tempo sem tratamento, que tem implicações até em prognóstico, e que evitemos que isso se agrave, e que um quadro que às vezes seja pontual, ou um episódio, se torne uma condição crônica.

O Ministério da Mulher. Família e Direitos Humanos lançou, em abril, um novo projeto chamado "Acolha a Vida", que tem por objetivo alertar famílias, profissionais da educação e da saúde e outros especialistas sobre a importância de identificar comportamentos suicidas. Em sua opinião, qual a importância desse projeto? ROSANA - O que eu entendo dessa iniciativa é que ela faz a chamada desses profissionais que são privilegiados para ter contato com a população jovem, por exemplo. É importante você treinar professores do ensino médio e até do ensino primário (já que estamos vendo lesão em menores de 15 anos)... Essa população de profissionais tem o privilégio de estar em contato quase diário e direto e falam a língua dessa população. O fenômeno está aí, ele está crescendo. Toda hora é hora de tentar reverter a situação. minimizar e estabilizar essas taxas de suicídio. A iniciativa, quando séria, será válida. MARCOS - Eu não tinha ouvido falar desse projeto ainda. Algo importante assim e não há divulgação

na grande mídia. E isso vai de dentro do Ministério, que deveria promover e cuidar. Então, eu acho que mais do que cuidar, é preciso criar dentro do Ministério um comprometimento, uma

divulgação. Mais importante do que criar, é preciso fazer acontecer, fazer chegar ao profissional de saúde. A Campanha Setembro Amarelo começou em 2015, por iniciativa do Centro de Valorização da Vida, do Conselho Federal de Medicina e da Associação Brasileira de Psiquiatria, como forma de conscientizar a população sobre a importância da prevenção do suicídio. Em termos práticos, as ações dessa campanha têm surtido efeito em diminuir estigmas e preconceitos sobre o suicídio e alertar pela prevenção? O que mais

pode ser feito para advertir

a população? **ROSANA** - Essas intervenções breves, até mesmo as com folhetos e outros objetos que ganham simbologia, têm efeito. Mas não podemos pensar em nenhuma ação como mutuamente excludente. Todas as ações vêm para adicionar e para ter um determinado impacto. Essas campanhas como a do Setembro Amarelo têm o papel de criar símbolos claros, localizáveis, que são um lembrete para a população do dever de humanizar, conscientizar e discutir com seriedade o suicídio, sem preconceito. O conhecimento vai fazer com que as pessoas procurem mais sobre o assunto e se sensibilizem mais sobre a causa. Eu acho que iss**é** o ideal.



EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: LENY PASCHOAL

Jovens podem planejar a vida econômica

Disciplina e organização são fundamentais para controlar o dinheiro e alcançar metas financeiras

REPÓRTER: JULIANA **RODRIGUES**

O planejamento financeiro é um método de organização, controle e estratégico financeiro que auxilia as pessoas nas tomadas de decisões e alcancarem objetivos de curto, médio ou longo prazo. Segundo a pesquisa CNDL/SPC Brasil, 70% dos jovens não se interessam em elaborar o planejamento financeiro. Na entrevista, a professora de Economia do curso de Administração da Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, Leny Fátima Salles Paschoal, afirma que o motivo dessa questão é a falta da educação financeira familiar. Além disso, a docente explica a importância dessa técnica e orienta formas que os jovens se organizarem para conseguir atingir os objetivos de curto, médio ou longo prazo.

MURAL ENTREVISTA -Por que o jovem não tem interesse em fazer um planejamento financeiro? **LENY PASCHOAL - Tudo**

começa com a educação financeira familiar. Se ele vive numa família que não tem planejamento financeiro, vai crescer sem essa visão. O jovem que cresce vendo pai e mãe anotando onde vai gastar, quanto vai guardar, se vai trocar a televisão, tratamento odontológico do filho, trocar o carro, viagem, se tem um objetivo. Infelizmente, a maioria não vive em família com essa percepção, por isso ele também não pensa no planejamento, não está sendo orientado.

Por que é importante fazer um planejamento financeiro já nessa idade?

Para fazer um planejamento financeiro pode começar quando criança. Quero comprar uma moto, tenho 18 anos, acabei de tirar carta, trabalho e guardo



o dinheiro. Quando tem o planejamento, a pessoa sabe para onde está indo o seu dinheiro e se precisa economizar.

O que o jovem deve fazer para conseguir objetivos a curto, médio e longo prazo?

Isso é do perfil de cada um. Você encontra aquele jovem que já pensa de médio á longo prazo. Por exemplo, fazer um intercâmbio, viagem para o exterior, pós-graduação ou passeio. A primeira coisa deve ter em mente quando recebe o pagamento é guardar e depois gastar. Recebo R\$ 400 reais do meu estágio, guardo R\$ 100 reais por mês e no ano serão R\$ 1.200 reais. Toda vez que for comprar deve pergunta se realmente preciso daquilo? Tendo um objetivo só vai comprar se realmente precisa.

Se for a curto prazo, o que o jovem deve fazer para alcançar essa meta do planejamento financeiro?

Primeiro tem que cortar os gastos. Hoje em dia tem muita aquela coisa de desapega. Por exemplo, tenho dois aparelhos celulares, vendo um e guardo o dinheiro. Tem uma bicicleta parada faz dois anos. Se não andei nesses dois anos, não vou andar neste mês. Tem roupas que

não está usando? leva num brechó. No planejamento, tenho que guardar dinheiro para uma emergência, se tiver dinheiro para emergência, não preocupa com curto, médio ou longo prazo.

Como os jovens podem economizar para guardar dinheiro?

A primeira coisa é aprender a guardar dinheiro. O problema é quando o valor é pequeno. Venho para a universidade, sem jantar, passo na cantina e gasto R\$ 5 reais. O professor mandou tirar cópia do material, gasto R\$ 1,50. Sai no intervalo, tomei uma cerveja com os amigos, dou R\$ 10 reais. Na questão do cigarro: "quantos maços fuma por dia? Ou por semana? Quanto custa? Faz a conta para ver quanto dá por ano". Marque tudo, um sorvete, salgado. refrigerante, cerveja. No final do mês você vai saber onde está indo o seu dinheiro. Tomei tudo isso de cerveja?

O que esse público pode fazer com o dinheiro que guarda ou sobra?

Depende do objetivo dele. O meu sobrinho comecou a fazer estágio, guardou dinheiro porque queria comprar um carro, foi lá e comprou o carro à vista. Ele e o irmão recebiam R\$ 50

de guardar a mesada e quando estavam com R\$ 600 a R\$ 700 reais, foram lá e compraram um Playstation.

Fazer o planejamento financeiro, marcando os gastos no papel é errado?

Não é errado, mas o problema é que pode esquecer. Hoje tem diversos aplicativos para celular que oferecem planilhas. Tenho uma pastinha no Excel como "Minhas Finanças", fico recapturando tudo o que eu gastei, sei quanto tem na minha carteira.

A senhora considera que um bom planejamento financeiro é importante para o desenvolvimento futuro na vida pessoal e profissional?

Sim, muitos casamentos hoje em dia infelizmente acabam não por causa de amor, mas porque o casal não fez o planejamento financeiro. E no aspecto profissional mostra que tem organização e controle, já é bem visto nas empresas. Sem contar que quem tem o planejamento observa os gastos financeiros na empresa e toma cuidados para não desperdiçar. Na questão do meio ambiente, do copo plástico, canudo, copinho de café. Com o planejamento você vai tomar no mesmo copinho.

Como iniciar esse planejamento financeiro?

A gente sempre começa. Tenho objetivo de ficar um mês viajando pelo Brasil, mas quero ficar viajando sem ter problema nenhum de conta, se tiver vontade de comer um camarão na frente da praia, participar de um rodízio de fondue em Monte Verde (MG). Tem um o casal querendo construir e o marido fala: "Bem vamos sair para tomar uma cervejinha?" A esposa fala: "Bem, compra lá no mercado que saí mais barato, a gente toma aqui porque lá não vai só tomar uma cerveja, vai uma, duas, vai querer

reais por mês e combinaram comprar petiscos, vamos ver quantos sacos de cimento que deixamos de comprar e nós temos que economizar por causa do cimento da nossa construção".

Como o planejamento financeiro do jovem pode dar certo?

Se tiver comprometimento, criar o hábito e conviver com pessoas que tenham planejamento acaba aprendendo a fazer também. Para dar certo vai depender dele exclusivamente. Conheço um rapaz que mora num sítio, é caseiro e queria comprar uma casa. Ele não paga água, energia, ganha um salário mínimo. Quando tinha folga no trabalho, começou a construir a casa. Hoje tem a casa com dois quartos, banheiro, sala, cozinha, o carro, moto, uma bicicleta e a casa mobiliada. Quando tinha folga fazia bicos, todo o dinheiro guardava. E a frase que falou para mim até dei parabéns: "primeiro vou ter a garagem, depois o carro". È realmente uma pessoa simples, sem formação, mas já está melhor do que muitos jovens que estão na graduação. Com disciplina, comprometimento, se consegue fazer planejamento financeiro e dá certo.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf-

DEZEMBRO DE 2019 Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: MÁRCIA PIERI

Moça, violência não é amor

Mulheres em relacionamento abusivo demoram a se conscientizar sobre a violação de seus direitos

Repórter: KARLA **RODRIGUES**

De acordo com a ONU, o Brasil é o quinto país que mais comete feminicídio, sendo que 71 por cento é cometido pelo próprio parceiro. Além disso, uma pesquisa elaborada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública constatou que 42 por cento das mulheres no país entre 16 e 24 anos sofreram violência em 2018. O comportamento de autoridade e ciúmes excessivo, que em muitos casos são banalizados, dificulta a identificação do abuso, deste modo a mulher acaba ficando "refém" dessa situação . Por isso, a ONG "Mãos Estendidas" tem um papel importante para a população ribeirãopretana. Márcia Pieri, criou a instituição em 2007 na intenção de ajudar a população carente da cidade. Três anos depois escolheu deixar a carreira de advogada para dedicarse integralmente a ação social. Atualmente, o "Mãos Estendidas" tornou-se um suporte para mulheres vítimas de violência doméstica, atendendo em média, vinte mulheres por mês, além de desempenhar um trabalho de prevenção através de palestras. O projeto para manter-se em funcionamento tem em sua estrutura atividades como costura, pintura e bazares beneficentes, que visam arrecadar dinheiro, contando também com doações.

Mural Entrevista - Algumas mulheres vivem em relacionamento abusivo, porém não conseguem identificá-lo. Quais são as características comuns nesse tipo de relação? **Márcia Pieri** - Primeiro é preciso considerar que a violência contra a mulher é toda ação ou omissão que vai gerar dano, sofrimento e morte. O ciclo de violência começa com uma tensão: insulto, humilhação.



provocação do autor para com a vítima. Nesta fase observa-se a progressão para um episódio mais agudo, quando acontece a violência física. Existe um terceiro passo, a "lua de mel": a mulher vê uma situação de passividade, é agradada (...) assim, retorna aquele primeiro amor e tudo que aconteceu é esquecido. Isso é um ciclo que irá se repetir e causará o aprisionamento da mente dessa mulher que não irá conseguir romper (o relacionamento) sozinha. As mulheres que se identificam com esses ciclos precisam buscar um suporte, quebrando o silêncio.

Qual é a maior dificuldade que a mulher encontra para sair da situação de violência doméstica?

A primeira dificuldade dentro de um relacionamento abusivo é a mulher ter consciência de que vive numa situação de violação dos seus direitos. Uma segunda característica é a mulher defender o agressor, se culpando, dizendo que não deveria ter agido de determinada maneira. É muito difícil tentar fazer com que esta mulher compreenda que os direitos à vida, integridade, educação, saúde e lazer precisam ser protegidos e garantidos.

Como a culpabilização da sociedade pode influenciar mulheres vítimas de relacionamento abusivo?

Se as vítimas não encontram suporte no meio social em que vivem, ficam aprisionadas. Há casos em que na própria Delegacia não se encontra esse acolhimento, ou seja, a mulher vai embora correndo o risco de morrer. Por isso, a sociedade precisa apoiar essa mulher violentada, assim como apoia uma crianca abandonada.

Qual deve ser a primeira medida a ser tomada ao perceber que está em um relacionamento abusivo? E quem procurar?

Se tiver uma família sólida, estruturada, é importante que busque a família, porém, raramente a mulher fala para seus familiares. Então é preciso procurar mecanismos que dará suporte de defesa a vida. Temos a Delegacia da Mulher, os Cras (Centro de Referência de Assistência Social), o Creas (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) que são equipamentos da assistência social para atender essa mulher. Assim como o programa de Mãos Estendidas.

normalmente está com o estado emocional totalmente abalado. Como deve ser feito este primeiro contato com a vítima?

No projeto Mãos Estendidas somos mulheres justamente para mostrar esse conforto para a vítima de violência. Também nos preocupamos em procurar o profissional que mais se adequa à abordagem. Além disso, oferecemos o grupo ideal no qual ela poderá participar, de modo que se sinta confortável, sendo uma família de fortalecimento emocional. O acompanhamento do projeto acontece anualmente e a psicoterapia social tem a duração de três meses, mas, se for o caso, renova por mais três.

A romantização do ciúme, colocando-o como demonstração de cuidado pode prejudicar as mulheres?

A superproteção e o super ciúmes precisam acender na mulher a luz de emergência, porque esses comportamentos podem ser de um futuro agressor. Se não há o direito de ir e vir. falar, manifestar, ter liberdade de vestir uma roupa que acha bacana, tudo isso é uma violação de direito. A agressão não se resume à violência física. Ela é psicológica, moral, patrimonial, sexual e, poi último, digital.

O Brasil está em quinto lugar entre os países que mais cometem o feminicídio, mesmo após a criação da Lei Maria da Penha. Quais medidas são necessárias para melhorar o combate?

A Lei Maria da Penha é magnífica, bem escrita, bem pautada, pensando em todos os autores desse ciclo. O que acontece é que a execução dessa lei e a fiscalização deixam a desejar. É preciso começar uma reeducação na sociedade, desse modo, os organismos que trabalham

Quem sofre essas agressões no enfrentamento à violência doméstica irão desempenhar eficazmente o que dispõe a lei. Atualmente há muitas lacunas, (nas instituições), em alguns casos não se encontra pessoas preparadas para lidar com a mulher em situação de violência e é preciso mudar essa realidade.

Está ocorrendo um aumento dos números de agressões e feminicídio? Ou há um aumento no registro de ocorrências?

Tenho a seguinte posição: a violência sempre aconteceu, mas atualmente o assunto é mais falado, assim as mulheres acreditam que existe uma alternativa. O principal motivo do aumento foram os meios de comunicação que impulsionam e orientam essas mulheres a tomar uma medida.

O feminismo ajuda o combate à violência?

O feminismo deu um "start" para o movimento que tem a intenção de garantir direitos iguais, mas tem quem acredite que é uma "guerra". O caminho não é incitar o ódio, e sim uma possibilidade de paz. Por isso, atendemos no nosso projeto homens presos pela Lei Maria da Penha.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Profo Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa

Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: GUILHERME BERALDO

Masculinidade tóxica e seus impactos

O fenômeno que fere homens e mulheres é um dos temas mais discutidos pelos jovens atualmente

Repórter: LARISSA FERNANDES

Historicamente, a

violência contra a mulher

está relacionada ao universo masculino, como demonstram estudos e pesquisas. Segundo o Atlas da Violência de 2017, 92% das vítimas dos 61.283 assassinatos no País em 2016 eram homens. O mesmo perfil dos homens assassinados se repete quando se verifica que os autores desses crimes, de acordo com um estudo da FGV, também são homens. Além disso, o número de feminicídios no país também é expressivo. A OMS (Organização Mundial da Saúde) aponta que o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres. É uma taxa de 4,8 mulheres mortas para cada 100 mil habitantes. Na maior parte dos casos, os agressores são familiares (50,3%) ou parceiros e ex parceiros (33,2%). Uma iniciativa baseada na lei nº 16.732, de 2017, obriga homens enquadrados na Lei Maria da Penha a participarem de discussões quinzenais sobre masculinidade e gênero e já apresenta resultados. A reincidência dos condenados por agressão no âmbito do projeto caiu de 65% para 2%. Essa lei nasceu de um projeto da promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo, Gabriela Mansur. O psicólogo e psicanalista, Guilherme Beraldo Cesário. graduado em Psicologia pela Universidade de Franca com pós-graduação em Psicanálise Contemporânea e mestre em Linguística com ênfase em Análise de Discurso, pela mesma Universidade, trabalha como psicólogo clínico e supervisor do Projeto Saúde Afetiva e Emocional na Escola, conta

MURAL ENTREVISTA – Qual a definição de masculinidade tóxica?

mais sobre o assunto que vem

sendo cada mais exposto na

mídia.

GUILHERME BERALDO – A masculinidade é um gênero que difere o sexo biológico do homem e da mulher, e



eu queria chamar atenção do masculino para o macho, já que macho e o animal. Geralmente, a gente lembra do leão que caça e é mais ativo, enquanto a leoa é mais passiva e cuida dos filhos. É importante diferenciar, pois na masculinidade tóxica o homem pode ser comparado mais com o animal (macho) e com o pensamento de trabalhar e fazer as coisas, enquanto a mulher em ficar em casa cuidando dos filhos. A masculinidade é uma construção social e em cada época a gente tem um tipo de padrão. Chega a ser tóxico quando começa a ferir a si mesmo, a outras pessoas e à diversidade.

Por que esse assunto está sendo tão comentado atualmente?

Eu acredito que pela luta feminista, devido ao movimento feminista estar crescendo e circulando cada vez mais nas redes sociais e nas ruas com protestos. Ao falar de feminismo, a gente toca na questão do machismo e seus impactos.

Nos últimos dois anos (2018 e 2019) tem crescido o número de feminicídios e violência contra as mulheres. Qual a relação desse aumento com a masculinidade tóxica? Eu volto com a questão da

luta feminista que, é claro,

tem seus prós e contras.

Existe o extremo, que é o feminismo radical e não é saudável, mas é aí que eu pergunto: será que antes não tinha até mais do que hoje? Será que está aumentando mesmo ou é uma questão de ter maior visibilidade, com a lei Maria da Penha e o movimento feminista circulando muito nas mídias sociais? Só por curiosidade, ainda não existe uma lei em nome do feminicídio, que distingue o homicídio do feminicídio no Brasil, a gente ainda vive em uma sociedade machista. A violência contra a mulher é presente desde a época do homem das cavernas, que agredia e abusava da mulher sexualmente, da época em que a mulher era julgada por se divorciar e usar um traje curto, sendo até expulsa da igreja, enquanto o homem tinha vários casos extraconjugais. A violência contra a mulher é histórica e hoje conseguimos dar nomes a esses fenômenos e possuir leis. Acredito que estamos avançando.

Como isso prejudica os homens, além de prejudicar as mulheres?

Masculinidade tóxica é o padrão que se ensina aos meninos, que homem não chora, precisa ser ativo, dominante e provedor de família. Ninguém é agressivo a toa, Quantas pessoas não foram tóxicas com esse

homem para ele ter se tornado como é hoje? Vale a pena a reflexão: a pessoa nasce tóxica ou o mundo o torna assim? Na minha opinião, isso é construído e todos esses padrões do que é ser homem faz em que o índice de suicídio entre homens seja maior do que de mulheres. Já que enquanto as mulheres choram, desabafam com as amigas e procuram ajuda profissional, eles guardam para si afim de não demonstrar fraqueza, cometendo o ato de suicídio. Com isso afetando as mães e parceiras.

Em um relacionamento abusivo, onde a masculinidade tóxica é identificada, como a parceira ou parceiro que está sendo vítima, pode agir para sair dessa condição?

Procurar uma terapia, uma análise, um meio de resgatar a autoestima. Muitas vezes homens abusivos fazem a mulher se sentir inferior a ele, não se sentir amada a ponto de pensar que só aquela pessoa pode fazê-la feliz. Buscar se conhecer e fortalecer psiquicamente é importante, além de se cercar de uma rede de apoio com amigos e família que podem ajudar até em casos de denúncia.

Quais fatores levam ao aumento da masculinidade tóxica em uma sociedade com tanta informação e tecnologia?

Na minha opinião a educação deve mudar, principalmente a de meninos. E desde criança devemos ensinálos também a cuidar de casa, respeitar as mulheres ao mesmo tempo. Com uma sociedade com tanta informação, a gente seleciona as informações que queremos ver. É importante ver os amigos que a gente adiciona, os sites que decidimos entrar ou não, informações que resolvemos ler ou não. Temos hoje um presidente machista, a sociedade em geral, pessoas da mídia, influenciadores digitais e conteúdos que circulam na internet, podemos citar o

discurso machista atual que vem do nosso governo. A era digital que vem com o funk que vem com uma erotização até de crianças e letras machistas que fazem apologia ao estupro.

De que forma pode se promover a evolução em uma sociedade que ainda é machista?

Ainda não se sabe uma fórmula exata, mas já estamos caminhando aos poucos. A luta feminista tem mostrado bastante isso, afinal, Será que um homem machista tem a noção que o outro tem sentimento? Ou será que tiraram isso dele? Criar um menino com emoção, afetividade, criar mais leis, circular mais na mídia sobre a saúde mental dos homens e transtornos, ter resistência e não se conformar, agir no mundo real como nas universidades, com familiares e expressar isso além de hashtags nas redes socias e corrigindo também o próximo, sem calar perante a atitudes tóxicas. Na base do diálogo, afinal, ninguém nasce tóxico, e sim torna-se. Alguém que faz a outra sofrer, já sofreu muito e precisa de cuidados. Existe tratamento para masculinidade tóxica.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo Prof^o Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profa Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716 DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: MÁRCIA CRISTINA MENDES

Sensacionalismo influencia julgamentos

Juíza Marcia Cristina Sampaio Mendes fala sobre a influência da mídia e da imprensa nas decisões judiciais

Repórter: LAURA OLIVEIRA

A imprensa hoje tem um papel de grande relevância na formação de opinião da sociedade, principalmente quando se refere aos crimes, visto que a imprensa é uma das poucas fontes de informação da sociedade. A juíza da 5ª Vara Trabalhista de Ribeirão Preto, Márcia Cristina Sampaio Mendes, graduada em Direito pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e mestra em Direito pela Unaerp, explica acerca da influência do jornalismo nas decisões judiciais e do júri popular.

MURAL ENTREVISTA - Do ponto conceitual, a senhora acredita na imparcialidade dos juízes? MÁRCIA CRISTINA

SAMPAIO MENDES -Em imparcialidade, eu acredito. A imparcialidade é uma garantia que o Estado moderno deu ao cidadão quando tirou dele a possibilidade de fazer justiça com as próprias mãos. Então séculos atrás, o Estado disse para o cidadão assim: "Você não vai matar o seu devedor. não vai bater no seu devedor, eu vou buscar a tutela dos seus direitos, pode deixar" e, em troca disso, o Estado citou uma série de garantias. Uma delas é que quem fosse julgar esse processo não seria parcial. Toda vez que essa imparcialidade não é observada, o processo é nulo, como nos temos visto, por exemplo, nas denúncias da Lava Iato. A doutrina chama isso de devido processo legal: é a garantia de que o juiz não vai produzir provas. Um outro conceito correlato que algumas pessoas confundem é o de neutralidade. Eu penso que neutralidade não há. O juiz, é um ser normal, com emoções, compaixões, com conflitos. Ouando eu vou julgar, eu mulher, defensora dos direitos humanos e do feminismo, um processo que envolve assédio sexual a mulher, eu

sou parcial.



E no caso do júri popular? É possível atingir essa imparcialidade?

O júri popular é uma anomalia, onde leigos julgam crimes muito graves, crimes de repúdio social. Não vejo técnica nesse procedimento. Não é minha área de atuação, mas sempre pensei que ali não era técnica, era uma forma da sociedade moderna retroagir aos estágios anteriores, onde a emoção e a vivência, são considerados no julgamento. O júri popular, para mim, tira a cientificidade do julgamento desses crimes. É um problema, é uma volta, um retrocesso ao período antigo em que, na praça pública, os marginais eram colocados e o povo julgava.

A senhora sofre interferência do material jornalístico divulgado pela mídia?

Eu penso que sofro muito pouco, porque eu consigo ler e ter uma visão crítica. Eu consigo depurar dali o que é fato e o que é impressão do jornalista. É evidente que as matérias comentadas e as redes sociais acrescentam isso, evidenciam um interesse, e

vão influenciando as pessoas, que vão influenciando os juízes, que vão influenciando as decisões. Eu penso que eu me influencio pouco, mas não nego que haja influência. O conselho de sentença, por exemplo, nem sempre tem [discernimento]. Na época do impeachment da ex-presidente Dilma, uma matéria da Rede Globo fez a população sair para as ruas na manifestação e pautou o STF. Os juízes não vivem numa redoma. Hoje, os iuízes comem no mesmo restaurante que a parte, e isso é bom e ruim ao mesmo tempo. É bom, porque ele começa a sentir as dores do povo, cujas causas ele vai julgar. É ruim porque uma pauta direcionada ideologicamente pode atingir [o conselho de sentença].

Como a senhora lida com a pressão exercida pela sociedade sobre as decisões dos magistrados?

Eu lido com uma certa tranquilidade e não tenho problemas em julgar contra a opinião pública. Nunca tive. Às vezes isso é bom, e às vezes é ruim, mas eu lido bem. Eu me vinculo só no que está produzido nos autos; então, se a sociedade está dizendo que tem que ser de uma forma e a prova dos autos não é daquele sentido, eu me sinto confortável para o julgamento. Eu sou escrava do que a parte produziu nos autos. Mas sei de juízes que adoecem, esse conflito gera um padecimento até psicológico em colegas.

Com alguma frequência,

surgem casos em que os

acusados são considerados

culpados antes mesmo do julgamento, havendo praticamente um linchamento moral e púbico. Exemplos disso podem ser encontrados no caso da Isabella Nardoni, do menino Joaquim, e até um relato mais antigo que é o da Escola de Base. Como evitar o ocorrido nesses casos? Em Belo Horizonte, está ocorrendo uma situação parecida com a da Escola de Base. Um professor de Educação Física foi acusado pela família de uma garota de oito, nove anos, de ter sido assediada sexualmente por ele, e a vida desse professor em uma semana foi devastada. Apareceram outdoors linchando publicamente esse professor. Várias outras denúncias apareceram e ficou apurado que essa criança estava sonhando, imaginando coisa, só que esse professor já foi linchado publicamente. A imprensa publica de uma forma que se cria um julgamento público que interfere no julgamento final, e isso é muito perigoso. Outra garantia que o Estado dá ao processo legal é que não se considere a pessoa culpada antes; por isso, esse tempo da Justiça é diferente. O que aconteceu na Escola de Base, a devastação que essas pessoas sofreram, é um exemplo muito claro.

As pessoas que são acusadas injustamente sofrem com as consequências de um jornalismo sensacionalista. Na opinião da senhora, como se pode reverter essa situação?

Tem uma parte que é irreversível, foi o exemplo que você citou, a Escola de Base é irreversível. O adoecimento mental, a exposição pública, o esfacelamento das relações sociais que essas pessoas tiveram, isso não tem retorno. Do ponto de vista formal, as pessoas têm o direito de entrar contra o Estado e contra a imprensa que o acusou, com um pedido de indenização, mas esse dinheiro não repõe todo o prejuízo que eles tiveram. Eu penso, como foram os primeiros almoços em família depois que esse casal da Escola de Base foi acusado? como foi continuar sendo amigo de pessoas acusadas de assédio sexual de crianças? como mãe, eu penso e não sei se continuaria com essa amizade. Então a responsabilidade da imprensa é muito grande. Combine isso com crises econômicas que o país vive, em que a imprensa foi picada na veia pelo sensacionalismo, então primeiro ela denuncia para vender jornais e assinaturas, depois ela apura. Um pedido de desculpa, uma indenização nunca é suficiente para reparar. •

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: LUIZ PAULO BARBOSA

Consumo sob influência digital

Mercado publicitário utiliza cada vez mais os *digital influencers* nas campanhas para venda de produtos, serviços e ideias

Repórter: LÍDIA MATTOS

Empresas contratam, cada vez mais, produtores de conteúdo, os digital influencers, para anúncios e campanhas publicitárias Os influenciadores são profissionais que alcançam um público específico com base no conteúdo que produzem e postam em suas redes. Qualquer pessoa, de qualquer faixa etária, pode ser um produtor de conteúdo. O importante é não cometer erros que interfiram na sua credibilidade. Há muitas referências na internet sobre influencers que têm o poder de moldar a vida de milhões de pessoas.O diretor de Marketing da Agência IB8 Comunicação, Luiz Paulo de Oliveira Barbosa, conta quais são os critérios para uma empresa contratar um influencer e como essas pessoas têm responsabilidade no consumo de produtos, opiniões e valores no meio social.

MURAL ENTREVISTA – Por que o número de influenciadores digitais tem crescido cada vez mais?

LUIZ PAULO – A internet foi se popularizando com o tempo, hoje metade do país está conectada com a internet futebol. O que não deixa então é um público absurdo e se você quiser consegue falar com todos, desde que tenha algo a dizer. Você está com o seu celular, abre a câmera e faz um vídeo. E um caminho simples, no qual a pessoa pode se arriscar; e se não der, pode voltar a fazer as coisas que fazia anteriormente.

Oual rede social é mais utilizada por eles para "publipost" (quando o influenciador divulga produtos de determinada marca)? E por que?

Hoje, sem sombra de dúvida, é o Instagram a rede mais utilizada pelos influencers e também pelas marcas por conta de poder usar fotos, vídeos e até o advento dos stories na comunicação mais rápida. Tudo isso favorece a propaganda, então as empresas tendem a utilizar mais porque é um contato direto entre influencer e



o público, trazendo mais visibilidade e vendas para a marca.

É possível fazer campanhas publicitárias atualmente sem influenciadores digitais?

Antes da era do influencer, as propagandas eram feitas com atores de novela, cantores, jogadores de de ser um influencer à sua maneira. Você consegue fazer uma publicidade tanto na internet, quanto fora dela, sem necessariamente utilizar um influencer, mas entendo que com ele a campanha tem um alcance maior. E o custo benefício é muito bom. O valor de um influenciador digital é menor que o cachê de um ator, por exemplo.

Qual foi a maior mudança no mercado publicitário até o momento?

Existe uma valorização muito grande dos influenciadores. Porque eles geram muito mais empatia, são gente como a gente. Os atores já parecem ser uma coisa intocável, um deus, uma coisa que você nunca vai conseguir se tornar aquilo. Iá os influenciadores geram uma atração com o público, principalmente pelo fato de a vida deles ser quase um

reality show; o influenciador documenta quase tudo o que faz e se conecta muito com o público. O segundo fato é que o mundo digital gera uma métrica precisa ao contabilizar quantas pessoas uma propaganda atinge. Mesmo que o Instagram tenha tirado a visibilidade dos likes, ainda assim o dono da conta consegue ver e passar para o anunciante, tornando uma relação mais transparente e calculada. Então trouxe uma segurança para as empresas e uma vida rentável para os influenciadores.

É necessário e importante que o influenciador conheça o seu público alvo? Por que? Isso é fundamental, até porque a empresa pode acabar jogando dinheiro fora se ela anunciar com o influencer errado. Se você tem um público adolescente, e vai anunciar um produto do mercado econômico ou do empreendedorismo, você vai ter pouco resultado, porque adolescente não tem idade para ter empresa. Quanto mais específico você puder ser na internet, melhor para você ter um retorno que, no fim das contas, é o retorno de

comunicação.

Como vocês escolhem o influenciador adequado para porque o influenciador as campanhas de marketing

Quando começou essa coisa de influencer, era meio terra de ninguém. Então era uma coisa em cima de números, de pegar quem tem o maior número de seguidores, o maior número de curtidas, de engajamento. Conforme foi evoluindo. as empresas começaram a verificar a equação do nicho certo mais o influencer que tem números maiores. Só que aí perceberam que muitos tinham números vazios. Começaram a perceber fraudes de gente que comprava seguidores, números burlados, e se atentar à credibilidade. Então a equação passou a ser o nicho correto, a relevância e a credibilidade. E agora como está mais consolidado, as empresas tendem a olhar o portifólio, as propagandas que esse influencer fez e os resultados que ele teve.

A credibilidade dos influencers é mais importante do que o número de seguidores?

É uma soma dos dois, mas a questão da credibilidade e da imagem do influenciador conta muito. A gente acompanhou isso na Copa do ano passado, quando o Júlio Cocielo, um dos maiores voutubers e influencia`dores, fez uma piada via Twitter, com o jogador da França, Mbappé. A piada foi considerada racista e com isso ele acabou perdendo contato com vários patrocinadores. Ou seja, a marca jamais quer se associar com qualquer coisa que possa manchar a imagem dela.

Como essa credibilidade pode interferir na tomada de decisão de compra dos produtos?

Muitas coisas podem interferir, principalmente valores pessoais, opiniões e posicionamentos. Por exemplo, se alguma influencer que se diz vegana indica alguma maquiagem que sabidamente o público descobriu que faz testes dos cosméticos em animais,

isso gera um ruído, ou a influenciadora, no caso, perdeu um pouco de credibilidade, pois está pregando uma coisa e vendendo outra. Essa parte de credibilidade é muito frágil, porque a vida da pessoa é tão exposta que o público sabe de tudo. Então qualquer coisa ele pode interpretar como uma traição de valores. Isso tudo pode influenciar na hora dela comprar ou não, o produto.

Como você analisa a responsabilidade dos influencers sobre seus seguidores?

Acho até que como muitos influenciadores entram nesse mundo buscando uma forma fácil de obter algum tipo de sucesso ou fama, não entendem o que podem causar na vida de quem os acompanha. Alguns deles criam uma base de fãs tão apegados, por acompanhar a vida deles tão próximos, que se sentem quase da família ou amigos próximos. Isso de fato é uma grande responsabilidade, principalmente quando se trata de um público mais jovem, adolescentes e criancas. Como diria o tio do Peter Park: "Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades."

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

\

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

Entrevista: DANIELA MARASEA

Portas abertas no mercado de trabalho

Universitários buscam cursos, pós-graduação, treinamento e domínio tecnológico para garantir emprego

Repórter: LÍVIA MACARIO

O mercado de trabalho está cada vez mais exigindo profissionais qualificados. Seja jovem ou já adulto, as carreiras necessitam de uma bagagem cada vez maior de conhecimento para atua-las, dessa forma, o campo acadêmico é visto como um dos caminhos a ser seguido quando se quer ter sucesso profissional. Para tratarmos com mais enfoque esse fator, convidamos a professora Daniela Carnio Costa Marasea, Doutora em Psicologia em USP; graduada em Administração pela Unaerp; docente no curso de Administração da Unaerp, na área de Gestão de Pessoas, Eventos, Carreira e Coaching; ministra nos cursos de Direito e Serviço Social Unaerp.

MURAL ENTREVISTA -Com o alto desemprego no país, quais seriam os pontos a serem inseridos no currículo de um universitário para que este não encontre grandes dificuldades para ingressar no mercado de trabalho? Daniela Marasea - Bom, o desemprego que nós temos agora ele é segmentado não só por região do país, como também por escolaridade e especialização. O maior número de pessoas desempregadas é aquele que possui pouco preparo, baixa escolaridade e que não tem às vezes conhecimento de tecnologias. Há uma demanda por especialização de mão de obra que as pessoas não estão acompanhando, porque a tecnologia vem trazendo e as pessoas não estão se preparando. Isso parte do desemprego. Os universitários realmente precisam se especializar não só no currículo, mas também em sites, pois a maioria das empresas nem usa mais o currículo. É necessário entrarem sites,



onde as empesas começam a divulgar as vagas, e nos próprios sites das empresas. Devem falar sobre a formação, oportunidades dos últimos empregos e, no caso do universitário, é importante falar dos projetos desenvolvidos na faculdade, mesmo nos estágios ou nas matérias oferecidas.

A maioria das empresas exigem dos trabalhadores boas especializações. Assim, o nome da instituição formadora influencia na hora da contratação? Hoje temos um grande número de faculdades, tanto presenciais quanto à distância e não há menor diferença do diploma entre o presencial e a distância, mas há uma grande diferença na qualidade do que é ensinado. O que acontece é que há uma grande leva de pessoas fazendo faculdade a distância só para ter o

diploma, onde não tem o conhecimento todo por trás. Então, isso as empresas olham sim.

A formação universitária garante mais chances de contratação do que cursos rápidos profissionalizantes? Depende do que você está fazendo. Tem duas coisas: ter a formação e fazer a especialização ou não ter uma formação superior e ser um técnico em alguma área. Existem cursos técnicos muito bons onde o que é trabalhado ali, não é trabalhado necessariamente na graduação. Então, uma coisa se complementa com a outra, precisando ver qual é o mercado e que tipo de formação.

Quais as medidas que devem ser adotadas pelos estagiários para terem mais chances de uma contratação definitiva?

Empresas buscam entrega

e comportamento adequado. Uma das grandes reclamações que as empresas têm é a parte mais de comportamento, que os jovens hoje não estão tão comprometidos, e às vezes não persistem, não vão atrás, não têm tanta na perseverança, resiliência, paciência, iniciativa, e também não assumem que erraram, pois ficam com medo. Então se ele quer ser efetivado, deve ter iniciativa, não ter preguiça, ir atrás, pesquisar sobre o assunto e ter interesse e não basta ter, tem que mostrar qualidades para que a empresa veja.

Ser proativo e flexível são pontos de grande relevância em uma empresa. Como o estudante pode trabalhar nesses quesitos enquanto ainda está cursando a universidade?

Quando estão na universidade, os professores passam trabalhos em equipe, em grupo, e os trabalhos em grupos são uma grande forma de aprendizado. É muito importante que os alunos participem e que tenham esse feedback. Além disso, as participações de visitas técnicas em centros de vivência oferecidos pela universidade e em projetos como empresa Junior ajudam bastante a desenvolver a flexibilidade, a **EXPEDIENTE** comunicação, a ouvir o outro O projeto Laboratorial MURAL e a entender que ele tem que correr atrás.

Vemos casos de contratações onde a empresa recebe a indicação feita por funcionário familiarizado com alguém que ainda está cursando a universidade. Ter a tal chamada "cunha" favorece o candidato, podendo haver grandes chances de aprovação? Ou isso pode ser considerado mito? O que você chama de "cunha", nós chamamos de QI, que é Quem Indica. Se é uma empresa séria que tem

todos os processos, esse

Ouem Indica só a coloca para fazer as provas. Então, ela vai ser indicada, passar pela avaliação, mas isso não é garantia de que ela realmente vá ser aprovada. As empresas sérias inclusive temos na faculdade alunos que são herdeiros de grandes empresas, muitos não vão conseguir trabalhar na empresa porque, mesmo sendo os próprios donos, não têm as qualificações exigidas.

O ensino a distância é bem visto pelo mercado de trabalho, ou leva-se em maior consideração um candidato que tenha cursado faculdade presencial?

Depende muito da qualidade do ensino a distância. Temos ensino a distância no Brasil super indicados. Você deve verificar qual é a faculdade, como ela é avaliada e como isso é feito em conteúdo. Se a faculdade tiver uma metodologia bem estruturada de ensino a distância, com boa qualidade, eu não tenho a menor dúvida de que ela vá exigir muito mais do aluno.

ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Profo Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Proieto Gráfico

Apoio técnico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: DANIELLE ZEOTTI

Epidemia de transtornos alimentares

Crônicos e, muitas vezes, silenciosos, esses distúrbios transformam o ato de comer em pesadelo

Repórter: LIZ VELOCCI

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de pessoas que possuem um transtorno alimentar aumentou dez vezes nas últimas quatro décadas. Geralmente relacionados a ansiedade em torno dos padrões estéticos e a busca pela "beleza perfeita", os transtornos alimentares muitas vezes passam despercebidos até se tornarem incontroláveis. Estes transtornos podem causar problemas físicos graves.

Com Danielle Zeotti,
psicóloga clínica, "doença
mental em si é uma
doença democrática, não
escolhe raça, cor, nível
sócio econômico, cultural,
gênero... Ela pode atingir
qualquer pessoa e, boa
parte dela, em qualquer fase
da vida".

MURAL ENTREVISTA - O que caracteriza um transtorno alimentar? DANIELLE ZEOTTI - Um

transtorno alimentar é caracterizado por uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento alimentar. Na forma como a pessoa se alimenta. que resulta na absorção alterada do alimento e no consumo. Este elevado ou diminuído, prejudicando significativamente a qualidade de vida e desempenho psicossocial. A pessoa tem prejuízo nas atividades diárias.

O que significa compulsão alimentar periódica?

É quando a pessoa tem períodos em que se alimenta em demasia, as chamadas "orgias alimentares", os famosos ataques à geladeira. Come muito e rapidamente sem estar com fome, é denominado uma compulsão porque a pessoa não coloca o pensamento antes da acão.



O que é ortorexia?

Também conhecida como Ortorexia nervosa, é um padrão de comportamento em que a pessoa se mostra obcecada por comer saudável. Alimentação saudável nunca foi tão valorizada como atualmente, e diminuir ou reduzir alguns tipos de alimentos como açúcares, gorduras e alguns carboidratos pode fazer bem e trazer sensação de prazer. Mas quando isso se torna uma obsessão, traz sofrimento e prejudica a vida. É quando a pessoa só consegue comer alimentos tidos como saudáveis, não come industrializados, não come açúcar, nem nenhum tipo de gordura. É uma dieta extremamente restritiva e quem sofre dela não consegue mudar, torna-se escrava desse tipo de alimentação. Acarretando prejuízo na vida social, deixando de ir em festas, viagens, bares... O orthorexico comeca a se isolar socialmente a medida em que a obsessão toma conta da sua vida.

O que é pica? O que acontece com mulheres que sofrem desse distúrbio durante a gravidez?

durante a gravidez?
A pica, também conhecida como alotriofagia ou alotriogeusia é uma alteração persistente no comportamento alimentar, que leva ao

consumo, por longos períodos, de substâncias não alimentares. A pessoa que sofre de pica pode ter a súbita vontade de comer coisas como terra, moedas, carvão, giz, etc). Grávidas, comumente quando têm um déficit de ferro e apresentam algum tipo de anemia, podem ter vontade de comer terra, por exemplo.

Existem tipos de bulimia? O que é uma bulimia não purgativa?

Sim, existem. A bulimia é caracterizada por um comportamento persistente em que a pessoa tem momentos de compulsão alimentar extrema períodos curtos, de até duas horas – quando elas consomem uma quantidade de alimento muito maior que um outro indivíduo ingeriria nesse período de tempo. Nessa hora, na "orgia alimentar" a pessoa tem um comportamento tão impulsivo que às vezes ela nem vê o que está fazendo. Esse "exagero" é seguido de comportamentos compensatórios, que podem ser causar o vômito, uso de laxantes, diuréticos, exercícios físicos intensos e incessante. A bulimia não purgativa é aquela que ela não causa o vomito, mas tem os comportamentos compensatórios como os exercícios físicos e uso de

laxantes.

Quem está suscetível a sofrer um transtorno alimentar? Pode atingir **qualquer um?** Qualquer pessoa pode desenvolver um transtorno alimentar em qualquer fase da vida, sejam crianças, adultos ou idosos. Mas, estão mais suscetíveis pessoas que tem a sua atuação profissional ligadas à imagem corporal, à imagem física. Modelos, as atuais blogueiras-digital influencer, dancarinos, A prevalência maior é entre mulheres, mas homem também pode desenvolver.

Como notar quando algum conhecido pode estar sofrendo de um transtorno alimentar e como ajudar?

Em primeiro lugar prestar atenção na aparência física, ganho ou perda de peso excessivo e abrupto. Alterações bruscas de humor, humor instável, irritável e depressivo. Isolamento social, quando começa a se negar a ir em lugares onde antes sentia prazer. Também atenção a prática de exercícios físicos exagerada. E sendo crianças e adolescentes, há prejuízo no rendimento escolar com notas baixas. começo de dificuldade no relacionamento com outras crianças. Em adultos, pode ocorrer comprometimento financeiro, gastar muito da sua renda e até se endividar por só gastar com alimentos saudáveis. Prejuízo nas atividades laborais, o indivíduo começa a faltar, não rende como antes. Desenvolve também conflitos nos relacionamentos com colegas de trabalho e familiares.

O que devo fazer se eu estiver sofrendo de um transtorno alimentar?

O transtorno alimentar é uma doença que pode ser grave e fatal. É fundamental que você procure ajuda psicológica e/ou psiquiátrica que possa fazer um diagnóstico e traçar uma linha de tratamento. Para a maioria dos transtornos alimentares, o tratamento deve ser feito com de uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, psiquiatras, nutricionistas e endocrinologistas.

Transtorno alimentar tem cura?

A maioria dos transtornos alimentares são crônicos, ou seja, para toda a vida. Existe sim um controle. Em um quadro de bulimia nervosa, a pessoa pode no momento estar controlada, mas terá que manter um acompanhamento psicológico e também psiquiátrico por, talvez, toda a vida. A exceção é na pica, que quando acontece em gestantes é uma alteração comportamental que tem começo meio e fim. Ou quando a pessoa está tendo o pica por déficit alimentar, após você suprir esse déficit, o comportamento some. Para todos os outros, existe controle, não cura. Você pode viver bem sendo portador de um transtorno alimentar, é possível ter qualidade de vida, sim, e controle desde que faça o acompanhamento correto e indicado.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta,**

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico**

Projeto Granco
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entravistas a radação

Apoio técnico

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

DEZEMBRO 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

Entrevista: KAYQUE CARLET

O trap ganha os palcos e faz sua ascensão

O novo gênero musical é um dos mais tocados no exterior e impacta na vida de quem o ouve e quem o vive

Repórter: LUÍS SANTANA

Trap é um gênero musical que surgiu no ano de 2000 em Atlanta, nos Estados Unidos. A onda crescente desse estilo de música se deu em um dos estados mais violentos do país e chamou atenção por retratar a vivência dos seus compositores naquele ambiente repleto de tráfico, mortes e violência. O boom bap batida clássica do rap, se diferencia do trap que é mais grave, marcada pelo prato de bateria, e mais espaçada, o que influencia na cadência (ou flow) dos MCs, usando e abusando de auto-tune (processador de voz) e ad-libs (espécie de improviso vocal). Hoje, diferente do passado onde a mídia e os grandes festivais relutavam para abordar o trap, artistas como Travis Scott, Gucci Mane, 21 Savage e o trio Migos são as principais atrações mundo afora. No Brasil, explodiu após a música "Versace", do trio Migos, dominar as paradas de sucesso internacionais, o que motivou um grupo de pessoas a incentivar esse estilo musical em Guarulhos, cidade metropolitana de São Paulo. Para entender um pouco mais sobre o assunto, o entrevistado é Kayque Carlet, 19 anos, mais conhecido como Kiddy Kako, autor da música Nem Sente O Coice, trapper residente na cidade de São Paulo e que participa de grupos como Grajatlanta e XBK'\$ Mob. Kayque fala aqui sobre seu universo e usa sua própria linguagem, preservada para que os leitores a conheçam.

MURAL ENTREVISTA -Quando você começou a se interessar pela música?

Comecei a me interessar a fazer música no final de 2016 e passei a tentar fazer instrumental de rap em alguns programas baixados da internet só que não conseguia evoluir naquilo e tive que começar a aprender sozinho. Em 2018 foi quando eu realmente consegui



elaborar diversos beats (batidas) e aí como não tinha ninguém pra cantar em cima, influenciou no passado resolvi eu mesmo cantar por cima dos meus próprios instrumentais, desde então eu sigo no ramo musical.

Como você conheceu o trap? E como ele impactou na sua vida?

Eu conheci o trap entre 2014 e 2015 quando comecei a ouvir vaporwave (estética criada na música eletrônica) por conta de algumas páginas de meme que tinha na época. Por conta disso, fui levado até o Yung Lean que nesse período fazia o que chamamos de sadrap (vertente de rap triste) e o que também levou à popularização do termo sadboys (pessoas que curtem essa vertente. A partir daí, fui conhecendo outros artistas que faziam trap no soundcloud, como Gucci Mane, 2 Chainz, Migos e muitos outros. Acho que cada um dos que ouço me influenciou um pouco. Desde sempre eu fui muito fã de rap e isso já me influenciava muito, algumas pessoas inclusive separam o rap do trap mas na minha opinião é tudo a mesma coisa então

um me influencia da mesma forma que o antigo já me como no estilo de roupa, estilo de vida, querer dar uma melhora pra minha família através de letras que expõe a nossa vivência na comunidade.

Para você, como o trap music consegue influenciar na perspectiva do jovem atual?

Aqui no Brasil principalmente que o trap teve uma explosão recente, é nítido ver que a música realmente influenciou no jeito de falar dos jovens, na forma deles se comportarem. veem trap e ouvem aquilo. Por exemplo, é bem comum ver jovens tentando imitar vidas perigosas que não tem e alguns artistas cantam, a vida do crime por assim dizer só por conta de se sentir enquadrado em um estilo musical. Algumas pessoas dizem que isso é errado, outras dizem que isso é natural os jovens se espelharem em qualquer um. No entanto, também cabe aos artistas se policiar pra saber o que eles tão passando, qual mensagem eles demonstram pra quem ouve a sua música. Por esses pontos que decidi

que o trap era o gênero musical pra minha carreira, você consegue o misturar com qualquer coisa e torna mais fácil desenvolver seu pensamento artistíco em cima de um beat de trap. É um núcleo muito vasto.

Na mídia, como o trap é divulgado? Qual o principal canal de divulgação e há investimento?

No geral é a internet. Eu não acho que tenha que ter um investimento de fora, da indústria musical, no trap. Porque é um movimento independente, que surgiu no soundcloud e não tem fundos, sabe? É algo que cresce naturalmente e vai crescer, pois no exterior atualmente a música que mais vende é o trap. Não existe espaço na TV, pelo menos na TV brasileira. Por muito tempo não existiu espaço nas grandes mídias para o trap. Atualmente, como é o estilo mais tocado no mundo todo, eles (a grande mídia) acabaram cedendo.. Assim como rap não teve por ser uma arte de periferia, do gueto e marginalizada, o trap também seguiu por esse caminho e não teve espaço por muito tempo por conta desses fatores. Afinal, se trata de uma música de protesto, às vezes uma música de, como posso dizer... pessoas à margem da lei usam para se expressar. Por muito tempo, isso afetou a visão de como as pessoas Isso não poderia chegar na massa branca privilegiada, as pessoas de família, de bem, por assim dizer.

Como você considera a cena do trap atual?

No exterior, já é dominante. É a cena que domina as grandes paradas de sucesso da billboard, a cena que domina os Grammys e vai dominando tudo, despertando o olhar dos contratantes. Aqui no Brasil, a explosão do trap foi bem recente e a ascensão está sendo bem rápida, inclusive. Podemos dizer que nos próximos cinco anos não vai ser mais possível ignorar o trap aqui no Brasil, assim como não é mais possível ignorar lá no exterior.

Como é o público que consome trap? Como essa letra chega em quem ouve ela?

É um pessoal que era bem underground, só gente que realmente conhecia o estilo gostava das músicas. Atualmente, conforme o trap explodiu no brasil e veio ao mainstream, o público começou a ser bem diversificado entre pessoas da internet, pessoas do gueto e até mesmo pessoas da classe média alta. Assim como o funk, o trap tem uma mensagem bem direta, que não tem censura. Então, dependendo do público, pode ser algo muito chocante. Mas, pra quem ouve, é uma mensagem que pode ser interpretada de outra forma. Por exemplo, uma pessoa que vem da periferia e envolvida com o tráfico quando ouve alguém que veio dos mesmos lugares, viveu tudo aquilo que ela viveu cantando sobre vencer na vida e ostentar bens materiais também acredita que aquilo pra ela é possível. •

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: SONIA PASCHOALICK

"A história começou bem aqui, na copa de casa"

Sonia Paschoalick e o marido Zé Maria lutaram pelo Theatro Pedro II e conseguiram preservar o patrimônio histórico

Repórter: MARINA **PARADA**

O Theatro Pedro II, em Ribeirão Preto, construído no início do Século XX, inspirado no Ópera Garnier de Paris, por muitos anos, foi o polo cultural da cidade. A década de 1950 foi o auge do teatro como ópera. Depois dessa fase entrou em declínio e foi arrendado, na década de 1970, para uma companhia exibidora de filmes. Passou por uma reforma que o descaracterizou. De 2.000 lugares restaram apenas 800. Em 1978, o Theatro já estava fechado ao público devido ao péssimo estado de conservação, que acabou num incêndio em 15 de julho de 1980, mas um fantasma maior assombrava a cidade: a possibilidade de o prédio ser vendido e transformado em um banco. Diante desse risco, o músico José Maria Paschoalick teve a ideia de realizar um movimento intitulado Soma para tornar possível o restauro do Pedro II. Sonia Paschoalick, esposa de José Maria, cantora, compositora e artesã, participou do movimento junto com o marido e conta as realizações e dificuldades de organizar a mostra.

MURAL ENTREVISTA -Como surgiu a ideia do movimento? SONIA PASCHOALICK

- Isso foi mais ou menos nos anos 1980. Ele (José Maria) chegou em casa e disse "fiquei sabendo que vão vender o Theatro Pedro II para a Antártica e a gente não pode deixar acontecer isso". Eu, sempre muito ocupada com aquela criançada - tive seis filhos - trabalhava muito e perguntei o que



poderíamos fazer. "Nós vamos fazer shows lá na frente (do Theatro), colher assinaturas e impedir isso." E ele começou a chamar as bandas para fazer shows na esplanada e deu nome ao movimento de Soma.

Como foi o processo de chamar outros artistas para participar do movimento?

A adesão das outras bandas e músicos foi fácil. Aquele tempo era tudo bem diferente. Não tem nem como comparar. Primeiro que era um tempo em que as pessoas tinham mais esperança nas coisas, isso já muda tudo. Alguns músicos tocavam porque era uma chance de tocar, porque a aparelhagem era boa e tocavam por isso; outros tocavam porque estavam de acordo com a reivindicação, e assim ia. Sempre tinha músico querendo tocar, isso não faltava.

Como foi a organização dos eventos?

Totalmente caseira. O Zé falou "vamos fazer o Soma, mãezinha?" e eu topei. A gente havia tocado no Grupo 17 que depois virou o Grupo Nós e tínhamos muita amizade com os músicos. Eles tinham uma aparelhagem ótima, porque tocavam em bailes. Na época, era o melhor equipamento. Então eles emprestavam, pois também estavam de acordo. Cada músico levava uma coisa e

foi uma coisa informal, bem na luta e na raça. Não tinha nada organizado. "Vamos fazer que dia?", "num sábado", "então vamos". Aí chegava lá, montava o palquinho que eram umas tábuas colocadas em cima de alguma coisa, levava a aparelhagem; o Grupo Nós tinha transporte, então facilitava.

Como foram as três edições do evento?

Fizemos uma na frente do Theatro Pedro II, outro no Teatro de Arena e uma no Teatro Municipal. A gente tocava e depois, enquanto os outros músicos estavam tocando, inclusive Kiko Zambianchi que morava aqui (em Ribeirão Preto), o Zé Maria ia convencendo as pessoas a assinar, explicando. Ele tinha uma energia para fazer acontecer, era carismático, as pessoas acreditavam nele, era imbatível. Conseguimos mais de 30 mil assinaturas.

Houve conflitos e enfrentamentos?

Sim. A polícia sempre aparecia e desligava o som, era uma luta. Não foi pacífico, teve resistência. "Não vai ligar mais essa porcaria", eles diziam. A gente esperava a polícia ir embora e ligava de novo. Às vezes eles voltavam, ameaçavam. A gente até pode agradecer por termos conseguido, mas foi uma luta.

Como foi o contato com as autoridades durante e após o movimento?

Depois que conseguimos as assinaturas, mandamos (o abaixo assinado) para Brasília e foi o que conseguiu vetar a venda do Theatro Pedro II. Quando o Zé Maria ainda era vivo, fizeram uma festa de comemoração para chamar os "amigos do Pedro II". Fomos, nos deram um diploma, aquela coisa toda. Recentemente, houve uma homenagem para as pessoas que batalharam pelo Theatro. Fizeram um livro bonito, chiquérrimo, tem foto minha e do Zé, mas quem subiu no palco foram os políticos. Subiam de todo lado, o Coraucci Sobrinho. entre outros, falando bonito, atribuindo o mérito para si. Mas a história começou bem aqui, na copa de casa.

Como você enxerga os movimentos sociais organizados hoje em dia pela internet?

Acho uma tristeza. Porque a internet, como toda tecnologia, é uma maravilha de um lado e um castigo do outro. Eu criei meus filhos sem televisão por causa disso. E a internet ganha da TV no sentido de que você interage, não fica só como telespectador. Mas mesmo assim, é calamitoso. Esse presidente ganhou a eleição por causa dessa manipulação via internet.

Nos anos 1970 e 1980, as pessoas tinham mais fé, mais esperança, hoje eu não vejo isso. Esses movimentos sociais não têm muita força porque as pessoas hoje ficaram mais fracas mesmo por causa disso. As mais fortes, as expoentes, eles cortam. É muito triste isso. Eu penso: "Como assim? Cadê a juventude?". Quando eu era adolescente, que foi na época da ditadura, esse homem (o Bolsonaro) não faria um décimo do que faz. Os estudantes eram muito motivados. Eles que fizeram tudo.

Sobre ter vontade de mudar e o medo. Ainda vale a pena tentar lutar?

Eu acho que vale. O Zé não pensava duas vezes. Ia e fazia. É que agora, nesse exato momento da nossa história no Brasil, eu acho que está muito perigoso. Muita gente morrendo, professores, jornalistas, até políticos, a Marielle, por exemplo. Mas eu acho que não precisa se castrar totalmente, você pode fazer alguma coisa. Uma crianca que você explicar, uma pessoa que você mudar o pensamento, já é uma vitória. Falar com as pessoas é o segredo. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf-

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: VITÓRIA BERTONE

Pais de coração e novo ninho O filho adotado enfrenta difíceis adaptações e precisa ser bem aceito e integrado na nova família

Repórter: MARISSA **MENDONÇA**

Há diversos motivos para a prática da adoção e dentre eles diferentes argumentos sobre facilidades e dificuldades da inclusão da criança na família adotiva. De modo geral, é necessário uma série de acontecimentos para que a adoção aconteça de fato. Entre elas, um primeiro contato com a criança, acompanhamento do assistente social, análise do fórum, situação jurídica da família adotante, entre outras. A maioria dos casais prefere adotar crianças menores de 5 anos de idade, pois relatam que se adaptam com maior facilidade. A estudante de Fisioterapia, Vitória Bertone Fernandes, 18 anos, conta sobre suas aceitações e adaptações com a família adotiva e sua relação com a família biológica

MURAL ENTREVISTA -Quantos anos você tinha quando foi adotada? VITÓRIA BERTONE -

Com um dia de vida minha família adotiva já me buscou no hospital e como éramos todos parentes foi muito rápido. Já ligaram e foram me buscar. Se não tivessem ido, já tinha o médico que fez o meu parto na fila de adoção. Então de todo jeito

Como aconteceu o processo?

A minha mãe adotiva é tia da minha mãe biológica. A minha mãe biológica já tinha dois filhos e morava com a mãe dela, que não aceitaria outra criança em casa. Então, ela teria que ir embora comigo ou me dar para a adoção. Na verdade, foi meio na base da brincadeira. Minha mãe biológica ligou para essa tia dela que brincou: "quando nascer você me liga que eu busco", e foi isso que aconteceu. Eu nasci e eles ligaram. Ela não tinha nada de criança, pegaram uma banheira, me colocaram em um macação azul que era



de um primo, um ano mais velho.

Qual a ligação da sua família atual com a biológica?

Até tenho uma ligação, só não tenho um sentimento de maternidade. Ela é de Goiás, às vezes vinha visitar minha avó e só ai eu tinha algum contato, mas muito pouco, acho que vai fazer dez anos que eu não a vejo. Mas, para mim é como se fosse uma prima distante, não consigo nem chamar de mãe.

já estava meio encaminhado. Como sua família te contou sobre sua adoção?

Eles passaram por uma psicóloga. E ela dizia para irem conversando comigo desde pequena, porque é ruim quando você é adulto e descobre. Então com o tempo, eles foram me explicando: "você veio do coração da mamãe e do papai e é igual aos seus irmãos", e fui entendendo, até porque aconteceu bem cedo. Minha criação foi toda deles.

Qual seu sentimento em relação aos seus pais biológicos?

Até há um mês atrás eu nem sabia o nome do meu pai biológico. E descobri só o primeiro nome dele porque

estava escrito em um papel de quando eu nasci. Até tive uma curiosidade em saber durante uma época, depois passou. Meu pai adotivo é muito apegado a mim, então eu nunca senti falta de saber quem era meu outro pai. Agora da minha mãe biológica acabo acompanhando a história dela até hoje pela internet. Mas conexão mesmo eu não tenho. Já senti muita raiva. Mas passou. A família daqui não permite que eu me sinta mal. Para mim não tem mais sentido buscar essa explicação.

O que você pensa sobre a preferência de adotar bebês, a crianças já com idade avancada?

Não é que seja mais fácil, mas quem é adotado algum dia vai querer insistir que é diferente da família que está. Se descobre mais velho, vai achar que mentiram para você a vida inteira e é pior. Se conviveu com uma família antes, você tinha um amor diferente, então pode desacreditar da família de agora, por isso é um pouco mais complicado quando se é adotado mais velho. Mas não é impossível. Acho que se tiver amor na criança ou no adolescente, que seja, ele vai se sentir parte daquilo.

Você, em algum momento, não se sentiu confortável com sua família adotiva?

Lá pelos meus 12 anos tínhamos um convívio maior com a família do meu pai, e qualquer coisa eu achava que estavam me excluindo por ser adotada. Então, parei de ir na casa dos meus avós porque achava que eles não gostavam de mim, por não ser da família deles de fato. Mas, na época, meu avô falava: "você pode não ser do nosso sangue, mas você é nossa neta". Depois de conversar com ele nesse dia, foi amenizando. Hoje meu convívio com eles, é maravilhoso. Na família da minha mãe foi mais fácil porque tenho o sangue deles.

Seus pais biológicos se sentem culpados por isso?

A minha mãe eu acho que sim, mas meu pai nunca me procurou, acho que não sabe nem que eu nasci. Ninguém fala sobre ele. Quando fizeram o processo de documentação, minha mãe veio para cá porque precisava dar um parecer, foi quando ela me viu e quis me levar embora. Mas, naquele momento eu já tinha passado alguns meses com a minha família aqui e eles não deixaram. Além disso, a juíza também não deixou me levar de volta, já tinha passado a guarda e entrevistado meus vizinhos, todo mundo sabia que eu estava sendo bem cuidada.

Como você e sua família reagem quando as pessoas querem saber sobre o ocorrido?

Quando eu falo sobre a história, as pessoas ficam chocadas porque sou a cara dos meus pais e se confundem na relação da minha mãe adotiva ser tia da minha mãe biológica. Mas é comum, é como se eu tivesse contando qualquer fase da minha vida. Minha família é aberta em relação a isso. Costumo dizer que minha história de adoção é mais engraçada do que trágica, mesmo com todos os altos e baixos. Foi uma vitória. E é por isso o meu nome, a enfermeira que escolheu. Como o médico também queria me adotar, estava uma confusão no hospital e minha família estava com medo. E a enfermeira que estava lá, falou: "se vocês conseguirem levarem essa menina embora vai ser uma vitória: o nome dela tem que ser Vitória". E a minha mãe colocou.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Proieto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf-

DEZEMBRO DE 2019 Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: RODRIGO PLOTZE

Mercado carece de capacitados em tecnologia

Falta de atualização tecnológica dificulta o ingresso no mercado de trabalho e reduz a contratação pelas empresas

Repórter: MATHEUS **MILETTA**

Há 10 anos, profissionais liberais tinham possibilidades maiores de emprego e quando os contratos de trabalho eram quebrados esses funcionários migravam para concorrentes com muita facilidade. Isto porque a capacitação e atualização profissional eram menos exigidas do que atualmente, quando o domínio de novas tecnologias tornou-se um imperativo para ingressar e se manter no mercado de trabalho.Hoje, muitas empresas, ao recrutar profissionais, enfrentam dificuldades devido à falta de capacitação, sobretudo em novas áreas de atuação. O professor Rodrigo de Oliveira Plotze, doutor em Ciências da Computação e Matemática Computacional, docente da Unaerp -Universidade de Ribeirão Preto explica que essas transformações no ambiente de trabalho provocadas pela tecnologia exigem que os profissionais se atualizem constantemente.

MURAL ENTREVISTA -Com o nível educacional que o Brasil possui como a geração atual deve lidar com profissional vai precisar se o avanço tecnológico? **RODRIGO PLOTZE -** O

que a gente tem notado na área de tecnologia é que 10 anos atrás optava-se por profissionais liberais. Com o tempo essas empresas que preferiam essa opção perderam o vínculo entre profissional e empresa, então o profissional não vestia mais a camisa da empresa, e as empresas perdiam para outra concorrente. Agora, nos contatos que tenho em Ribeirão e região, observo que estão novamente buscando que esses profissionais façam parte do quadro da empresa para o



vínculo ser reestabelecido.

Um Estudo do Fórum Econômico mundial prevê ate 2021 o encerramento de sete milhões de empregos. Se acontecer, a maior parte dos desempregados tem chance de inovar em uma nova formação?

Estudos apontam que uma serie de profissões vão acabar. Grande parte das empresas que vão dominar o mercado de trabalho não existem ainda e o reinventar com como se alinhar à tecnologia. Por outro lado, a quantidade exigida de profissionais para produzir conteúdo é imensa, e as empresas têm dificuldade de contratação. Hoje, alguns profissionais já formados não têm capacitação para as vagas que surgem agora.

A nova geração brasileira está pronta para o avanço e o impacto tecnológico?

O que a gente tem observado é que essa nova geração já está muito conectada nos mais variados tipos de cominação e chega com um

conhecimento maior que aquela de alguns anos atrás. Uma geração com muita facilidade com os meios tecnológicos. É a inserção da própria tecnologia que modifica todas as sociedades.

Alguns países já possuem mercados digitais, entregas robóticas e até mesmo táxis automáticos. Isso seria importante para o desenvolvimento brasileiro?

Quando vemos reportagens de fora do país, nos perguntamos quando isso vai acontecer e ficara disponível para nós. A nossa realidade é diferente, mas não estamos distantes em termos tecnológicos. As universidades produzem tecnologias muito alinhadas, mas a infraestrutura brasileira faz com que fiquem distantes para nós.

As pessoas de meia idade são as mais afetadas. O investimento em algo novo deve começar desde cedo? Essa proximidade com tecnologia é despertada cada vez mais cedo, uma

criança de dois anos

já tem contato com a

tecnologia. Se pensarmos em profissionais mais avançados de idade, eles não tiveram a oportunidade e a opção de procurar algum tipo de inserção tecnológico. E hoje temos conteúdos disponíveis na internet de forma gratuita. onde pode-se melhorar seu posicionamento no mercado.

Os especialistas temem que o avanço tecnológico não chegue ao Brasil, nem a longo prazo por conta das condições atuais. Por que o avanço tecnológico é importante para o Brasil? O Brasil realmente teve que produzir mais em trabalho braçal e isso era vinculado a como enxergavase a educação. O próprio governo valorizava o ensino técnico. Depois pensaram em como colocar no ensino superior. No caso do Brasil essa relação é fundamental para vender isso para outros países, para não sermos vistos apenas pelo agronegócio.

Se o avanço tecnológico provocar desemprego em massa, como as famílias poderão obter seus sustentos?

O avanço tecnológico produzirá uma mudança na estratégia da família e eles precisarão trabalhar com segmentos tecnológicos e irão precisar encarar a necessidade de se reinventar, dentro da tecnologia. Não só as famílias precisarão, mas as empresas também. Todos os que atuam nesses setores precisarão. Assim como a indústria automotiva por exemplo, que tem receio do avanço tecnológico por conta de carros de navegação automática, isso tende a reduzir o uso de carros e o uso de aplicativos como Uber e outros do gênero.

O que o avanço tecnológico pode influenciar nas pessoas e na política? A tecnologia ajudou a

identificar o lado obscuro da politica e o avanço contribuiu para levar isso à tona. Isso tudo que acontece hoje acontecia há 20 anos atrás, mas não havia registros de dados e documentos que comprovasse. Por outro lado, devemos nos perguntar em qual veiculo digital de informações devemos acreditar. Cada vez mais os portais, dos mais variados segmentos, perdem a credibilidade e a confiança.

De que forma tecnologia pode incentivar os humanos a cuidarem mais da natureza?

No contexto ambiental temos algumas preocupações também relacionadas essa questão da tecnologia, como o descarte de produtos que podem contaminar o meio ambiente. Tem uma linha tecnológica que chama TI Verde, que tenta pensar sobre como descartar de forma adequada, ajudando a conscientização. Tem alunos aqui mesmo da Unaerp que estão trabalhando no desenvolvimento de um aplicativo que ajuda o indivíduo a saber qual é o posto de coleta mais próximo de sua residência, por exemplo. •

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Profo Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa

Apoio técnico Gabriel Bordonal (Lecograf-

CURSO DE JORNALISMO UNAERP DEZEMBRO DE 2019 Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: HENRIQUE PASCHOALINO

Transexuais e o acesso ao mercado de trabalho

Jovem conta sobre a sua experiência no ambiente profissional após ter se tornado transgênero

Repórter: MICHAEL **BORGES**

A população transexual (pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao seu sexo biológico, representados pela letra T na sigla LGBT+) é uma das que mais sofrem para conseguir inserção e desenvolvimento profissional. Com a falta de apoio familiar, sem formação adequada e aliada ao preconceito das empresas, muitos não conseguem sequer participar de um processo seletivo para ingressar no mercado de trabalho. Lutando contra o preconceito e buscando o seu lugar de direito na sociedade, Henrique Paschoalino, homem transexual de 23 anos, é formado em Gastronomia e atualmente faz especialização em decoração de bolos e doces. Paschoalino começou sua transição e faz tratamento hormonal há um ano e meio. Após o início da sua transição, já trabalhou em uma padaria e atualmente trabalha com a família em uma clínica veterinária. Hoje, com a mudança dos seus documentos e podendo ser tratado como deseja, inclusive em âmbito legal,

MURAL ENTREVISTA -Como foi a aceitação da sua família por ser transexual? Houve incentivo para estudar?

ele compartilha como foi

o início da aceitação de

sua transexualidade no

ambiente profissional e

entre os familiares.

HENRIQUE PASCHOALINO

- Conversei com a minha



mãe antes, ela era contra eu iniciar a hormonioterapia, mas estava ciente que começaria a qualquer momento e pedi para trabalhar essa ideia. A única pessoa de casa que me incentivou foi a minha irmã, por ela também fazer parte da comunidade LGBT e entender o que uma pessoa transexual passa. Com meu irmão e meu pai eu não conversei. Meu irmão hoje em dia me chama mais no masculino, mas algumas vezes perto do meu pai me chama no feminino, porque meu pai é contra, não gosta da ideia e nem de conversar sobre. Quando fiz a faculdade eu ainda não tinha falado sobre eu ser um homem transexual, então tive um certo incentivo para estudar, principalmente da minha mãe.

Como foi a sua aceitação como transexual no ambiente de trabalho?

Trabalhei em uma padaria do bairro em que eu moro e em relação a isso foi tranquilo porque já me conheciam desde criança. Porém, quando iniciei o trabalho não quis falar sobre o meu nome social, esperei a contratação e o período de experiência. Houve um período de adaptação minha e dos funcionários, mas eu senti um pouco de dificuldade na aceitação, se não fossem pessoas conhecidas da família seria ainda mais difícil.

Você já sofreu algum preconceito no trabalho?

Bastante. Na padaria em relação aos patrões foi tranquilo, porém havia colegas de trabalho que não

queriam me respeitar de forma alguma. Éramos em dez pessoas trabalhando na cozinha. Com oito colegas não tive problemas, mas com duas foi bem difícil. Com uma eu acabei até brigando e discutindo.

Você acredita que teria alguma dificuldade caso fosse procurar um emprego hoje?

Hoje em dia acredito que não, porque já tenho todos os documentos retificados, nome no gênero e a harmonização masculina, como a barba. Caso contrário, acredito que teria, sim, essa dificuldade.

O que você acredita que faz com que transexuais optem pela prostituição?

É muito complicado. Às vezes pelo fato de as pessoas não entenderem o que é identidade de gênero. É difícil para os transexuais, como na época em que trabalhei na padaria onde sofri preconceito. Isso machuca e acabam indo para esse lado, porque é uma forma de sobreviverem e não serem tão julgados.

Atualmente você se sente respeitado no ambiente de trabalho em relação à sua identidade de gênero?

Atualmente sim, mas quando comecei a trabalhar com a minha irmã na clínica veterinária, ela não tinha comentado com a moça que já trabalhava na empresa e era uma amiga da família. No início, foi bem constrangedor porque ela me chamava da forma que eu não gostaria de ser mencionado e os clientes acabavam agindo da mesma forma. Isso era algo que me incomodava, mas assim que pedi ela começou a me tratar no gênero masculino, inclusive os clientes.

Atualmente você se sente realizado profissionalmente? O que você espera do seu futuro profissional?

Sim, me sinto realizado com o que eu faco. No meu futuro profissional espero conseguir ter algo próprio relacionado à minha área de formação, que envolva a parte de confeitaria no geral, como uma casa de doces e bolos.

O que você acredita que precisa ser feito para que a discriminação e o preconceito sejam diminuídos no ambiente profissional?

Seria mais uma questão de policiamento das pessoas que contratam, porque tem essa diversidade no mundo. Acho que as empresas teriam que se adequar sobre isso, até com os próprios funcionários. É uma questão de respeito. O ideal seria ter uma conversa com todos os funcionários, assim o ambiente ficaria melhor para pessoas transgêneras trabalharem.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: ÉRIKA SILVA

Acordes do mercado de trabalho

Dedicação, paciência e paixão são os principais requisitos para os músicos ingressarem no mercado profissional

Repórter: MIGUEL MATHIAS

A profissão de músico não é das mais fáceis. A área requer muito empenho, dedicação e oportunidades. Segundo a coordenadora do curso de Música da Unaerp. Erika Silva, a formação é de extrema importância, pois é no processo de graduação que o músico vai ampliar sua visão em relação às funções que a música exerce na sociedade, além de aprimorar e adquirir habilidades. Para Érika, ser um bom músico não é suficiente. É preciso ter uma boa comunicação, entre outras habilidades. Érika Silva é formada na própria Unaerp e também colabora em vários projetos que envolvem música com outras áreas, como a saúde.

MURAL ENTREVISTA – Qual a importância da formação e do diploma dentro do ramo musical? **ÉRIKA SILVA –** Ela amplia a visão do músico em relação às possibilidades do uso da música e suas funções na sociedade, além de aprofundar nos conhecimentos musicais, que são muito amplos e vastos. O diploma é necessário também para quem quer seguir a carreira acadêmica. Na graduação nós temos dois tipos de formação: o bacharelado e a licenciatura. O bacharelado vai profissionalizar esse músico para atuar em orquestras, grupos musicais, grupos de câmara, composição, regência, música popular ou para gravações. E temos a licenciatura, que é a formação de professores. Esse diploma é exigido pelo Ministério da Educação para quem vai atuar nas escolas de educação básica.

Quais as maiores dificuldades do músico para se destacar?

Os músicos sofrem porque viajam muito, trabalham fora do horário, voltam para casa, muitas vezes nas



estradas, de madrugada. É uma profissão insalubre do ponto de vista da exposição do ruído. Nós temos muitos problemas com relação ao sofrimento do músico, da angústia da carreira, se ele vai ser remunerado ou não, a instabilidade. Porém, o fato de fazer música é algo que traz um alimento muito grande para o músico, para a alma e realização pessoal. Isso faz com que muitas pessoas se apaixonem pela carreira e tentem vencer esses obstáculos, colocando a realização pessoal, o contato com o público, como sendo a coisa mais importante. Não é uma profissão fácil de lidar, porém é muito prazerosa.

Qual tipo de músico tem mais facilidade para se destacar?

destacar? Eu acho que é um perfil que combina vários aspectos diferentes. Não adianta ser apenas um bom músico. ou seja, você tocar, cantar e compor bem. Você também precisa saber comunicar isso para o público. Eu entendo que os bons comunicadores, nesse mercado de entretenimento, acabam saindo na frente, mesmo que, às vezes, musicalmente eles não sejam tão bons quanto outros.

Qual estilo de música que mais requer formação?

A música erudita e popular. Para que o músico erudito se forme ele precisa passar por muitos períodos da história da música, saber tocar cada estilo e técnica, então eu diria que é um estudo muito aprofundado. O fato de não se usar microfones, por exemplo, no canto lírico, exige uma técnica completamente diferente do que as músicas populares. Dentro da área de música popular, por exemplo, se pegarmos o jazz ou a música brasileira, o nível de complexidade também é tão semelhante quanto à música erudita. Mas, tem alguns aspectos que o músico erudito, muitas vezes, não precisa trabalhar. Um exemplo clássico é a improvisação. O músico erudito toca o que está escrito, mesmo que seja muito difícil tocar da maneira que o compositor escreveu. O músico popular, além de tocar, ele também tem que improvisar. Diria que são áreas do conhecimento diferentes, que exigem dedicação e habilidades differentes.

Vale a pena ter a profissão de músico como fonte de renda?

Essa pergunta é uma preocupação real. Eu diria que existe uma falsa ideia de que o músico não trabalha. Então o primeiro ponto é esse: o músico trabalha e muito. Trabalha compondo, ensaiando, realizando eventos, no estúdio, enfim nós temos um vasto campo de atuação profissional. E para aquele músico comprometido, sério, dedicado e talentoso nunca vai faltar trabalho. Eu penso que se a realização em fazer música é grande o suficiente, a pessoa deve investir nessa carreira. Eu acho que o sucesso profissional tem a ver com essa realização, claro que precisa de um retorno financeiro, mas a felicidade da realização profissional é muito maior do que o retorno financeiro.

A música popular brasileira contém expressões musicais de consumo e sucessos rápidos, fáceis e intensos. Em contraposição, há músicos de qualidade e formação de alto nível que não alcançam o grande público. Como a senhora analisa esse sucesso dos gêneros musicais extremamente populares em detrimento dos clássicos que não se tornam reconhecidos?

Popular é o que vem do povo, então "músicas populares" seriam músicas que vêm do povo, que seriam as festas, riumos, os generos mu um sertanejo de raiz, maracatu ou a congada que são manifestações da cultura popular. A outra música, que as pessoas chamam de música popular, na verdade são músicas da indústria e que têm baixa qualidade, refrão fácil, tudo muito empobrecido e igual. É uma música feita para ser vendida.

Como a senhora enxerga o cenário musical atual no Brasil?

Eu vejo muita coisa boa sendo produzida, compositores novos investindo nas suas criatividades e ideias. Nós temos uma música brasileira

riquíssima, compositores que são reconhecidos no mundo todo e infelizmente nossa população quase que desconhece esses compositores, mas tenho uma perspectiva muito positiva, embora toda essa indústria da cultura faça lançamentos que não contribuem para o desenvolvimento da música brasileira.

O Brasil perdeu a sua essência no modo de criação de letras e composições? Por exemplo, como a Anitta, no meio pop, que adota estilo de artistas americanos?

Acho que não tem absolutamente nada a ver. Tem muita gente boa produzindo, compondo, cantando, mas infelizmente elas estão um pouco à margem dos holofotes. O fato de um grupo vender mais, não significa que o Brasil perdeu a mão. Eu acho que uma das saídas são as tecnologias. Por meio das mídias sociais esses artistas novos mostram seus trabalhos e de alguma forma vão avançando. Vou dar um exemplo clássico de alguém que ficou na sombra por muito tempo e só foi reconhecido, depois de mais de vinte anos de carreira que é o Lenine. Hoje todo mundo ouve falar nele, mas não era reconhecido pelo grande público.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta,**

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716 DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: CRISTIANO PAVINI

Jornalismo independente

O novo formato visa "iluminar" o senso crítico por meio de reportagens especializadas e aprofundadas

Repórter: PAULO NASCIMENTO

O jornalismo independente surge como uma alternativa à imprensa tradicional abordando temas e reportagens especializadas. O objetivo é uma cobertura jornalística alternativa às coberturas das mídias tradicionais assim como, dar voz e visibilidade aos problemas sociais e assuntos pouco explorados pelos grandes veículos. O novo formato é cada vez mais comum no cenário atual, além de buscar patrocínios e financiamentos alternativos. Essas mídias surgiram em decorrência dos avanços das tecnologias de informação que alteraram totalmente o cenário da comunicação. O jornalista Cristiano Pavini, formado pela Unesp, atuou em 2012 no Jornal Bom Dia (Bauru), e de 2013 a 2019 no A Cidade (Ribeirão Preto). Atualmente trabalha no Instituto Ribeirão 2030. Recentemente, lançou seu portal "Farolete" produzindo reportagens aprofundadas que iluminam o senso crítico, abordando a realidade de Ribeirão e região nos contextos nacional e internacional. Em suas próprias palavras: "Entusiasta do jornalismo guiado por dados e entende que a cobertura local é essencial para iluminar as (várias) realidades ocultas no entorno do leitor". Pavini fala sobre os novos veículos independentes.

MURAL ENTREVISTA - O que estimulou o crescimento do jornalismo independente? **CRISTIANO PAVINI - A gente** já tem o jornalismo impresso ferido de morte por conta da digitalização das nossas vidas, você tem a televisão perdendo cada vez mais para servicos de demanda como o Netflix, os podcasts se disseminando cada vez mais diminuindo o poder do rádio. Então, o formato vem mudando o "fazer jornalismo". Quando este novo modelo de informação se transformou em uma ferramenta de mercado? O jornalismo enquanto modelo de negócio ficou bem dependente dos anunciantes e classificados. Os investidores estão migrando do jornalismo e dos veículos de mídia de um



modo geral para o anúncio direcionado, que pode ser feito através do Google ou pelas redes sociais. No Brasil, se não me engano, a Folha de S. Paulo conseguiu crescer no número de assinaturas digitais. O jornalismo de qualidade nos moldes que a gente conhece, é custoso e a conta muitas vezes não fecha.

Quais as principais características desse novo formato?

Ele pode ser independente enquanto modelo de negócios e pode ser independente enquanto conteúdo, porque na década passada a gente tinha no Brasil alguns veículos que vieram de forma independente, principalmente como conteúdo. Eles acreditavam que o conteúdo da imprensa tradicional ou era enviesado ou não era de qualidade, e acabaram surgindo muitos blogs como a Agência Pública e a Ponte. A Pública surgiu seguindo um modelo internacional de produzir reportagens investigativas aprofundadas e que não encontravam ressonância na mídia tradicional. Os jornalistas dessa agência não têm um modelo de negócios para obter lucro, eles surgiram principalmente para fazer um serviço de qualidade. A Ponte, que é uma cobertura especializada em Direitos Humanos, também segue a mesma linha. É um coletivo de jornalistas que se unem e fazem uma pauta direcionada, sobre opressão policial, por exemplo.

Quais as diferenças editoriais entre a imprensa tradicional e o jornalismo independente no meio digital?

No jornalismo independente o foco é no conteúdo, como o da Ponte e da Pública. Eles têm uma independência editorial no sentido que fazem reportagens financiadas para um público específico. Assim, eles conseguem maior liberdade de atuação e fogem de algumas amarras que, às vezes, os grandes veículos já têm consolidadas. A Pública, por exemplo, fez uma reportagem sensacional sobre um conflito próximo a Parati, no Rio de Janeiro, de uma aldeia de nativos onde foi construído um condomínio de luxo que impede a entrada dos nativos nesse espaço. Eram nativos que moravam em um determinado iugar, construiuse um condomínio de luxo impedindo sua passagem, A Pública contou que quem mora nesse condomínio são desembargadores, juízes e donos de veículos de comunicação, só a nata da sociedade. Esses tipos de reportagens você não encontra em um jornal tradicional. Então, eu acho que a independência é muito válida nesse sentido.

De que maneira estes novos veículos são financiados?

Principalmente com financiamento coletivo, lançando campanhas de "Crowdfunding" e financiamentos internacionais, vindos muitas vezes de algumas agências de fomento. Eles vão lutando para se pagar, digamos assim.

Por outro lado, outros veículos que surgiram, já com um modelo de negócio bem consolidado, por exemplo, o NEXO, aqui no Brasil, o JOTA, que é um portal jurídico está sendo um super sucesso, porque criaram um jornalismo de nicho focado principalmente em coberturas jurídicas. Os escritórios de advocacia assinam um "newsletter" para obter uma cobertura mais específica.

Como alcançar visibilidade e credibilidade em um meio tão amplo e consolidado?

Com conteúdo de qualidade. Acho que nada vai substituir um conteúdo de qualidade e uma linha muito bem pensada de difusão do conteúdo. De dois a três anos para cá, observamos a proliferação de sites de conteúdo distorcido, direcionado ou tendencioso e que alcançam grande destaque. Jornais como Cidade Online, Terça Livre são péssimos conteúdos, com mais de um milhão de seguidores nas redes sociais, principalmente por meio do WhatsApp. Nós falamos sobre credibilidade, mas a credibilidade também está em risco no nosso meio. O jornalismo vive uma crise de credibilidade de duas formas: aqueles que acham que o jornalismo feito hoje é ruim, e por isso nós precisamos dos veículos independentes, são as pessoas de boa fé, digamos assim. Por outro lado você tem pessoas que dizem que essa cobertura é enviesada, mas não enviesada porque realmente seja, mas porque pega na ferida de políticos que eles têm como estimação.

Em sua opinião qual o futuro do jornalismo?

Eu sou meio reticente e esperançoso com o futuro do jornalismo. Reticente por conta do público, que está cada vez mais em busca da confirmação do seu próprio viés. Eles querem ler conteúdos que só confirmem o que eles acreditam e isso é muito ruim. Por outro lado, eu sou muito esperançoso a possuirmos novos formatos que ampliem a visão sobre diversos temas. Acho que quanto mais veículos nós tivermos, melhor, pois de uma forma ou de outra eles podem pautar a sociedade como um todo, ajudando

pequenos grupos ou nichos e ampliando os pontos de vista.

O futuro do jornalismo se dá por meio deste novo formato?

Sinceramente, eu não sei, mas é uma torcida minha. Espero que os veículos de comunicação tradicionais continuem e que sejam cada vez mais fortalecidos pois você não terá um veículo como a Folha e Estadão, com uma grande quantidade de repórteres cobrindo o Senado, a Câmara, outros em audiências públicas que ocorrem na Fazenda, por exemplo. Nós precisamos disso, precisamos ter esses veículos tradicionais de peso e que possuam uma credibilidade consolidada. Eu espero que eles consigam se manter principalmente por meio de assinaturas digitais, assim eles conseguem ter uma independência em relação aos anunciantes.

Este novo formato, seria uma opção para novos jornalistas?

Eu acho que os novos jornalistas terão que pensar o seguinte: não vai ter emprego para todo mundo. Eu acho que [os meios independentes] têm que estar no radar do jornalista recém-formado, ao invés de mandar currículo só para veículos os Estadão e Folha, mas também para veículos que estão surgindo agora. Porém, o jornalista que está começando agora, tem que parar de pensar nele enquanto proletário e pensar em si mesmo como empreendedor e gerenciador de seu própto negócio.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

\

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: PEDRO COSTA

Trabalho voluntário pode mudar vidas

Uma boa ação se multiplica, pois outras pessoas se sentem inspiradas e também se tornam voluntários

Repórter: PEDRO FERRO

Trabalhos voluntários independentes, que procuram mudar siatuações de vida por meios de boas ações e ajudar a melhorar a vida de criancas, idosos, jovens e adultos carentes e desprovidos de recursos são cada vez mais praticados por pessoas de variadas profissões, áreas e níveis socioeconômicos. Pedro Costa é um desses voluntários que realizam suas próprias acões sociais, sem esperar nenhuma colaboração. Aos 26 anos, formado em Marketing de Vendas, atualmente trabalha como coaching esportivo e como motorista de Uber nas horas vagas. Desde de 2016, ele busca ajudar crianças e adolescentes carentes com o intuito de dar a elas um dia especial e divertido através de seu projeto social. O entrevistado conta como iniciou suas atividades, a maneira que o projeto GOEC Ajuda funciona, de onde vêm os recursos, além de refletir sobre a importância de projetos sociais semelhantes ao dele e de outras ONGs no cenário mundial atual.

MURAL ENTREVISTA - Em que se consiste seu projeto social?

Pedro Costa - Decidi não focar em apenas uma área, como ajudar crianças ou moradores de rua ou animais. Cheguei a conclusão de que o melhor a ser feito é ajudar todos que puder. Minha iniciativa começou na época em que trabalhava em uma loja no shopping e vendi um relógio que custava mais de 800 reais. Enquanto voltava para casa no mesmo dia, passei por um bairro mais pobre onde um grupo de meninos jogava futebol com uma lata de refrigerante amassada. Passei alguns dias pensando em como poderia ajudar crianças na mesma situação, dando algo que elas não têm no dia a dia. Nos dias seguintes fui a uma creche próxima a minha casa, a Nave da Saudade, e apresentei meu projeto aos psicólogos, os quais aceitaram me ajudar. Passei a levar algumas



crianças, acompanhadas pelos e agora utilizo apenas o pais, a parques de diversões, cinema e clubes para dar a elas um dia diferente e marcante, já que a família não tinha meios de proporcionar isso a elas.

Qual é o seu critério para escolher as crianças que vão aos passeios?

Eu seleciono as crianças mais esforçadas da escola. Para mim. maior nota não significa maior esforço, então todos que se mostram mais esforçados eu converso e proponho essa oportunidade.

Quem financia seu projeto? Sempre usei meu próprio dinheiro para isso. A

princípio, eu criei um site chamado GOEC Ajuda, onde postava os vídeos e fotos das crianças aproveitando seus dias e quem entrasse no site poderia doar dinheiro via PagSeguro. Porém, não eram feitas muitas doações e a maior delas foi um jovem que doou alguns ingressos para um parque de diversões, onde fiz uma ação social levando um pequeno grupo de crianças. Mas, honestamente, nunca me importei em usar meu próprio dinheiro para tais coisas. Entretanto, fechei o site por conta do custo

Instagram para promover as ações socias que realizo.

Como as pessoas à sua volta veem o seu projeto?

No começo, havia tanto aqueles que viam com bons olhos tanto, quanto os que não viam. Amigos e conhecidos gostavam muito do intuito do site.

De que maneira negativa as pessoas viam suas ações?

Muitos que entravam no site ou viam as postagens na rede social criticavam e diziam que o que eu fazia era apenas "para ganhar likes". Porém, nunca postei fotos minhas como forma de me mostrar ou ganhar créditos pelas ações, as fotos e vídeos focam exclusivamente nas crianças aproveitando seu dia. Tais críticas negativas também eram feitas em um site que eu admirava muito. Havia semanalmente publicações com pessoas ajudando pessoas carentes e animais, mas muitos comentários julgavam aquilo como se fosse vaidade dos que postavam. E com isso, me desmotivei a postar nas minhas redes. Continuei realizando ações sociais, mas passei a publicar com menos frequência.

você? Sim, inspirou. Muitos amigos meus começaram a ajudar famílias carentes. Uma colega me ligou uma noite e disse que ela e a mãe pediram comida para ser entregue em sua casa, mas ambas não gostaram. E em vez de jogarem fora, pediram para eu acompanhálas a entregar a comida para quem necessitasse. Outros amigos começaram a distribuir comida para crianças e famílias carentes e a divulgar o meu projeto e acho que, antes da minha iniciativa, ninguém faria o que estão fazendo. Até tive a oportunidade de participar de um programa da Band News com Rodrigo Caetano e disse durante a entrevista: "Uma boa ação leva a outra. E tenho esperança de que, daqui dez anos pelo menos, essas crianças tenham o desejo de ajudar os outros também".

Seu projeto inspirou

outras pessoas próximas a

Como a imprensa tomou conhecimento do seu projeto?

Na verdade, o dono da empresa onde criei meu site me colocou no programa do Band News. Enquanto conversava com ele sobre algumas melhorias para o site, ele comentou que conhecia alguém que trabalhava no programa, o qual ele ouvia com frequência, e disse que poderia me encaixar em algum dos programas. Pessoalmente, foi uma ótima experiência. E ainda inspirei alguns dos convidados do programa daquele dia. Dois deles começaram a fazer caridade.

Qual a experiência mais marcante que teve com as crianças que ajudou?

Para ser honesto, houve várias experiências marcantes para mim. Posso dizer que a primeira ação social que fiz me marcou profundamente. Levei três crianças, uma menininha e dois garotos, no Jump Mania no Shopping Iguatemi, onde o público é predominantemente de uma classe social mais alta. As crianças têm que entrar uma de cada vez para não gerar

confusão nos trampolins, mas uma criança, que estava a frente de um dos meninos que levei, demorou para pular e o "meu" menino ficou com raiva e exigiu que o jovem da frente pulasse logo para que ele pudesse ir. Isso me fez pensar em como a família deve se portar com ele e outras pessoas diariamente dessa maneira e, assim, ele reproduz tais atitudes pois entende que a maneira ríspida e desrespeitosa dos pais é, teoricamente, natural. E, claramente, a outra criança se assustou ao ouvir o outro xingar daquela maneira.

Analisando o cenário mundial atual, como você vê a importância de projetos sociais como o seu?

Vejo que projetos e ações como essa dão uma maior esperança às pessoas. No dia a dia, maior parte das notícias que a população recebe são ruins e trágicas, pois é o tipo de notícia que mais vende. Por outro lado, há algum tempo li um livro que apresentava dados apontando que o século XXI é o século com o maior número de ONGs e projetos sociais criados, diminuindo os índices de fome no mundo, em pequena escala claro. Mas dados como esse mostram que há ainda razões para se acreditar que o mundo pode melhorar.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevistada: FERNANDA SAVIANI ZEOTI

Comunicação às claras

A troca de informações e a conversa objetivas e bem educadas geram empatia e favorecem o desempenho profissional

Repórter: RASSIOS **MIRANDA**

Todo profissional possui um desempenho social, ou seja, tem comportamentos para satisfazer as necessidades geradas no local de trabalho. Um desses bons desempenhos, fundamental para um ambiente de trabalho produtivo e saudável, é a comunicação bem desenvolvida, assertiva e empática. A professora doutora Fernanda Saviani Zeoti, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) Ribeirão Preto), trabalha, entre outros temas, com a importância das habilidades sociais. Para ela, é essencial que profissionais, principalmente da área da comunicação como jornalistas e publicitários, desenvolvam a assertividade na maneira como se

MURAL ENTREVISTA -Entre as habilidades sociais, qual a senhora julga ser a mais importante que o funcionário pratique? FERNANDA SAVIANI ZEOTI

comunicam.

- Sem dúvida, em qualquer situação, a habilidade social mais importante é a comunicação, que é a habilidade básica, inclusive, para que todas as outras sejam desenvolvidas no ser humano. Se uma pessoa se comunica dem, vai conseguii estabelecer melhores contatos, perguntar suas dúvidas, expor o que está pensando e, com isso, ela vai estabelecer maior fluxo nas relações no ambiente de trabalho, como o trabalhar em equipe, o falar em público, o gerenciar equipes. Algumas pessoas já estão prontas e têm isso de uma maneira inata. Só que para outras isso é muito mais difícil. A habilidade de trabalho é muito mais artificial do que as habilidades de comunicação que são naturalmente desenvolvidas ao longo da vida.



E para os profissionais que ocupam cargos de liderança, direção?

Da mesma forma, comunicação é a básica. Eu acredito que para um diretor, a empatia e assertividade também são fundamentais. A assertividade compõe o que nós chamamos de comunicação. A empatia é consequência de uma boa comunicação, de uma boa relação com os outros. Isso é fundamental para alguém que lidera e tem uma visão mais macro da empresa.

O que é a assertividade comunicacional?

Na minha visão, a assertividade é lidar com as situações de uma maneira bastante obietiva, verdadeira e realista. Sem machucar ninguém, respeitando o outro e principalmente respeitando a si mesmo. Se eu trabalho dessa forma, quando estou em uma agência de publicidade ou em uma emissora de rádio ou TV, eu vou conseguir acessar informações de uma maneira muito mais verdadeira, completa e objetiva, o que vai facilitar meu trabalho. Então, eu penso que assertividade é fundamental.

Como aprimorar a prática dessas habilidades sociais?

Nós não seremos bons

em todas as habilidades sociais. Isso é humanamente impossível. Mas podemos, sim, nos gerenciar. Se a pessoa souber se comunicar, ou seja, se houver uma comunicação assertiva, ou seja, se ela conseguir demonstrar sua opinião de uma maneira objetiva, vai conseguir manifestar discordâncias, por exemplo, de seus líderes, de uma maneira educada, respeitosa e empática. Isso pode ser treinado? Sim. Diariamente. Tanto para diretores, líderes, quanto para liderados, todas as habilidades sociais sao muito importantes. Então, precisamos aprender a observar muito o ambiente, observar as outras pessoas no sentido de vê-las desempenhando cada papel, se comportando em termos sociais para que a gente aprenda com elas. É importante nos moldarmos conforme as necessidades que o ambiente nos impõe.

Pensando num funcionário introspectivo, é importante que ele manifeste seu conhecimento frente a todos, por exemplo, em uma reunião, ou é melhor que o mesmo apresente sua ideia

Esse é um funcionário que vai observar muito, que geralmente vai conseguir ter algumas percepções que, por vezes, um extrovertido não tem porque não observa tanto. Então, essa pessoa é muito importante para um líder, porém na maioria das vezes ela não vai querer se expor, ela vai ter mais tranquilidade em se manifestar num grupo pequeno ou somente com seu diretor ou líder. Ou, ainda, através de uma mensagem, de meios em que ela não precise se expor. Um bom diretor é aquele que sabe aproveitar as características de cada um. Sendo assim, esse líder precisa pensar que essa pessoa mais tímida pode contribuir de várias formas como, por exemplo, na redação de um texto ou na criação de uma marca como uma logo, ou seja, aproveitar essa pessoa em atividades em que ela não dependa tanto de uma troca

Na falta da assertividade, o funcionário pode policiar seu chefe e vice-versa?

comunicacional expressiva.

Esse policiamento existe nas nossas relações quase que naturalmente. As pessoas não se seguram muito em algumas situações. Por exemplo, quando existe alguém sendo prolixo demais, que não chega diretamente ao ponto que precisa chegar ou, então, alguém que se queixa muito, a gente acaba policiando essas pessoas dependendo do nosso grau de intimidade com elas. A gente pode fazer isso com outros? Sim, delicadamente. Cabe ao funcionário policiar seu chefe e vice-versa? Quando a gente acessa o outro de maneira respeitosa, podemos falar qualquer coisa com esse outro. O bom princípio é a maneira respeitosa de agir com o próximo sempre.

Como um diretor mantém seu contratado sempre motivado?

A motivação é individual.

Ele tem que conhecer o que motiva cada uma das pessoas para que, assim, elas possam produzir mais e melhor e, assim, ficarem, inclusive, mais satisfeitas com o trabalho. Então, é fundamental que esse diretor conheça seus liderados para que ele consiga motivá-los de maneira individualizada. É importante que haja, também, a gratificação, elogio e atenção a todos os passos que os funcionários dão, a todos os alcances que desenvolvem.

Quais os benefícios da comunicação e interpessoalidade bem estabelecidas entre profissional e ambiente de trabalho?

Eu acho que se a pessoa tem uma boa comunicação, empática, assertiva e respeitosa, ela vai ser muito mais aceita no meio, tanto dentro do seu trabalho quanto nas suas fontes de informação. Ela vai ser uma pessoa bem quista, bemvinda em todos os espaços. Então, uma boa comunicação é fundamental a qualquer profissional para que ele se dê bem no mercado de trabalho, seja para qualquer área, principalmente na qual nos referimos: na área da comunicação.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de **Jornalismo**

Prof^o Geraldo José Santiago Orientação e Edição (pauta,

reportagem e redação) Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa Apoio técnico

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716 DEZEMBRO DE 2019 ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevistado: GERALDO SANTIAGO

A primavera dos podcasts

O novo formato de áudios ganha espaço, apareceo como tendência e já faz parte do cotidiano brasileiro

Repórter: VICTOR FERNANDES

O jornalismo sempre procurou formas de inovação para que a transmissão de informação fosse cada vez mais eficiente. Foi assim com o jornal impresso, depois o telégrafo, rádio, televisão e a internet. Hoje, um novo formato vem chamando atenção pelo seu exponente crescimento. Dito pela primeira vez pelo britânico Ben Hammersley, o podcast apareceu como uma forma diferente dos modelos de programas de rádios tradicionais, pode ser baixado e ouvido quantas vezes quiser com foco informativo ou forma de entretenimento. O fenômeno cresceu e chegou ao Brasil. De acordo com pesquisa feita pelo Ibope, 40% dos internautas brasileiros já ouviram algum tipo de podcast. São 50 milhões de pessoas que acessam esse tipo de conteúdo, sendo que 16 milhões ouvem ao menos três vezes na semana. Gil Santiago, professor universitário, radialista, jornalista e publicitário, há 37 anos trabalhando na área de áudio, diz como o podcast renovou o rádio

MURAL ENTREVISTA - O que é um podcast e quais as principais diferenças desse formato em relação ao rádio tradicional?

GIL SANTIAGO - O podcast é um arquivo de áudio, disponibilizado na internet, que você pode ouvir quando quiser, diretamente do seu smartphone, ou através de download. Essa forma de transmitir conteúdo é uma junção do prefixo "pod" (de iPod) e o sufixo "casting",



de "broadcasting". O rádio tradicional é caracterizado pela transmissão de sinais de áudio direto para receptores, sem a possibilidade de download, o que caracteriza o "broadcasting", transmissão de mensagens de transmissores para os receptores. Já há várias referências relacionando o podcast ao rádio, como por exemplo "um rádio de nicho para download".

Quais as características de um bom podcast?

É possível identificar características técnicas, como escolher muito bem a temática e o público-alvo; definir o nome do podcast, pensar nos mecanismos de buscas; produzir e gravar o podcast com qualidade de trilha musical, diálogos e locução; observar todos os cuidados com a postagem, periodicidade e muita divulgação. É importante: comece a ouvir podcast, se você ainda não é ouvinte.

Há mercado para esse novo formato?

É um formato disponível há mais de 10 anos no Brasil. O podcast "Café Brasil", por exemplo, começou em 2006. É um formato já consolidado como mídia em vários países, como nos Estados Unidos. Nos últimos três anos o consumo vem crescendo no Brasil, principalmente entre os jovens. Por outro lado, existe uma tendência das pessoas acessarem conteúdo via broadband, e menos em broadcast. Fato percebido e que vem recebendo altos investimento dos principais serviços de streaming, Spotify, Deezer, Apple Podcasts ou Google Podcasts.

Quais as possibilidades para o jornalismo com o aumento de interesse por podcasts?

São imensas. Haja visto o investimento dos grandes grupos nacionais, como Globo, Folha, aqui na nossa região Grupo EPTV. Em vários países, o podcast está mudando a cara do jornalismo e da mídia de áudio, é considerado um sério candidato ao futuro do jornalismo, impulsionado pela mudança de consumo de informação, pela facilidade de acesso ao áudio online. Com o podcasting, o jornalismo tem a oportunidade de contar uma história por meio de mídia de áudio e alcançar novos públicos. Os podcasts são relativamente fáceis e baratos de produzir e o público aprecia o senso de conexão pessoal, personalizado.

Já há no mercado profissionais que tem se destacado como autores de podcasts? Quais são?

Eu destaco o trabalho de Ivan Mizanzuk, que produz desde 2015 o "Projeto Humanos", que são grandes reportagens, histórias reais sobre pessoas, com destaque para especialmente o "Caso Evandro" (quem não ouviu, favor ouvir). A produção de Rodrigo Vizeu, editor de Poder, da Folha de S. Paulo, que registra a história de todos os presidentes do Brasil no pod "Presidente da Semana". E tem os podcasts de entretenimento, liderados pelo "Nerdcast", de Alexandre "Jovem Nerd' Ottoni e Deive "Azaghal", que falam de história, ciência, cinema, quadrinhos, literatura, tecnologia, games, RPG e outros assuntos considerados nerd. E o opinativo "Mamilos", de Juliana Wallauer e Cris Bartis, que promovem discussões impagáveis sobre temas que estão em evidência.

Acredita que podcasts são apenas uma tendência passageira ou são um tipo de mídia que estará presente na vida dos brasileiros?

É uma mídia que tem muito espaço para crescer no Brasil, segundo as pesquisas. Deve crescer com a popularização dos smartphones e quando chegar o 4G e os dispositivos eletrônicos como o Echo, da Amazon, e o Nest Mini, do Google. E com cada vez mais ferramentas disponíveis gratuitamente para criadores, com apoio de grandes empresas como a Spotify, que criou o "Spotify for Podcasters", que oferece Soundtrap, um completo gravador e editor de áudio e o Anchor, programa para criar e hospedar episódios ilimitados de podcasts.

O uso de podcasts pode ser implantado em um âmbito educacional? Como pode ser essa aplicação?

É importante lembrar que o podcast é uma tecnologia, é um suporte material da mídia em arquivo de áudio, MP3. Ou seja, é um processo tecnológico de mediação da linguagem que pode e deve ser aplicado na educação. A aplicação deve ser planejada, bem produzida e distribuída, considerando o objetivo e o público.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)**

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico**

Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem – 2^a etapa **Apoio técnico**

CURSO DE JORNALISMO UNAERP Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2019

ANO 4 | RIBEIRÃO PRETO

Entrevista: NÁGILA GUEDES GERALDINE

Autistas precisam ser aceitos

A convivência social dos autistas encontra barreiras na escola, no trabalho e até mesmo na própria família

Repórter: **POR VINICIUS BOTELHO**

O número de autistas no mundo cresce ano após ano. Nos Estados Unidos, por exemplo, um estudo revelou que os diagnósticos de autismo em crianças americanas aumentaram 15% de 2016 a 2018, com proporção estimada de um em cada 59 crianças. Mesmo com o grande número de portadores dessa síndorme na sociedade, eles ainda enfrentam diversos problemas que impedem e prejudicam sua socialização, como os preconceitos vividos no ambiente escolar, familiar, sem contar a dificuldade para inserção e desenvolvimento no mercado de trabalho. Dado tal crescimento, a necessidade de conscientização pela causa autista se torna essencial em nossa sociedade, como explica a pedagoga e psicopedagoga especialista em autismo, Nágila Guedes Geraldine.

MURAL ENTREVISTA - Ao conviver com um autista, o que devemos entender sobre sua condição e sua forma de se relacionar? Como funciona a socialização de um autista? NÁGILA GUEDES

GERALDINE - Cada criança difere. Então, não tem como igualar nenhuma crianca. Cada uma tem o seu repertório, com seus déficits ou seus excessos. E a questão da habilidade social é algo muito complicado no autismo por conta que já há uma característica de isolamento. São crianças, às vezes um pouco mais introspectivas, com seu próprio pensamento. Muitas demoram um tempo para conseguir se comunicar e isso prejudica demais em termos de habilidades sociais. Uma das maiores dificuldades nessa questão de convivência com uma criança autista, nas habilidades sociais, é que ainda não são vocais, ainda não falam.

O autista pode ser confundido e mal interpretado por problemas sociais, como ser considerado uma pessoa chata ou fechada demais?

Com certeza. Ainda mais com crianças que estão dentro do diagnóstico do



espectro autista que tem suas características peculiares. Muitos têm rituais, sentam-se na mesma carteira na escola, não aceitam que o outro fale o que ele precisa fazer, então há essa dificuldade com as regras, com os limites. É possível identificar quando há estereotipias, com gestos motores, alguns começam a ir para a frente e para trás. Muitas vezes as pessoas não entendem, por exemplo, quando a criança grita de repente. Eles acabam tendo seu "time" e que acaba levando a esse pico. São essas questões mais expansivas que acabam sendo reduzidas e o que é mínimo acaba sendo potencializado. Conforme o crescimento, eles vão sendo mais bem aceitos no convívio social.

Qual é o papel da família na socialização e na educação do autista?

A família tem o papel de implementar e fazer a socialização do autista, desenvolver situações em que ela precise ser social, ficando como uma sombra. Ser sombra é ficar atrás, dando a ajuda necessária. Então a gente precisa dar

condições para que esse autista desenvolva primeiro essas habilidades sociais para o mundo, como conseguir cumprimentar alguém, atender um telefone, mesmo que ele se embaralhe. Já é uma comunicação social que ele está estabelecendo e desenvolvendo.

Qual é o papel da escola na socialização e na educação de um autista? E como ela pode dar o total apoio e base para a formação de um autista?

O nosso primeiro convivio social é a família, e o segundo de maior potência é a escola. Lá ela entra às sete da manhã e fica até ao meio-dia, todos os dias. Antes, essas crianças tidas como mais difíceis ou com comportamentos inadequados não eram incluídas na escola. Somente nesses últimos tempos que as escolas estão, por lei. precisando se adaptar a essas novas condições. Se a gente parar para pensar no autismo, percebemos que ele não tem cara. Pegando o exemplo da Síndrome de Down - que a gente consegue identificar pela característica física - o autismo não tem essa propriedade. A escola

aceita essa criança sem saber de suas condições e com isso surgem os professores que não estão preparados, equipe despreparada, que acaba acolhendo essa criança de uma maneira totalmente inadequada.

O que devemos fazer para melhorar a convivência com um autista?

O ideal seria o alinhamento com os autistas da mesma faixa etária. As crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista (TEA) são colocadas em quadro que recebe o nome de desenvolvimento atípico. Nós devemos olhar para aquele autista que está, por exemplo, se jogando no chão e tentar entender o porquê de aquilo estar acontecendo. Nem sempre o autista vai fazer isso para chamar atenção e acaba recebendo um acolhimento que não é interessante para ela. Nesses casos, devemos perguntar se algo dói, com comandos mais objetivos, para analisar o comportamento dele. Se for só por atenção, se você não der atenção, acaba passando. Mas se não for, devemos acolhê-lo caso seja algo que nós não entendemos. Então, devemos mudar o olhar para esses tipos de comportamentos.

Quais são os maiores preconceitos quando se fala sobre o autismo?

Analisando do ponto de vista escolar, seria a questão do desenvolvimento acadêmico. Fica aquela dúvida se ele vai conseguir fazer um vestibular, se ela vai conseguir completar uma graduação, como ela vai ser vista no mercado de trabalho. Atualmente, existem alguns movimentos que estão favorecendo esses jovens aprendizes autistas que são acompanhados por uma terapeuta. Quando eles recebem a vaga, fica uma pessoa que acompanha essa rotina de trabalho. De certa forma, o preconceito está diminuindo em relação ao transtorno. Principalmente quando eles estão presentes no meio social. Já na questão familiar, os familiares pensam "será que meu filho vai ser alguém sem mim?". Muitos pais com idades mais avançadas, que tiveram filhos

diagnosticados, pensam que já não conseguem acompanhar o ritmo do filho e nós mostramos quais são as possibilidades. O autista vai poder fazer muitas coisas e a gente está aqui para poder garantir isso.

Como os órgãos públicos governamentais podem ajudar na inclusão dos autistas e melhorar sua convivência social?

Seria interessante que, com antecedência, na graduação, os profissionais já possam ter esse primeiro contato com o autismo e entender quais são os sinais. O número de autistas está crescendo muito e o trabalho a ser desenvolvido, como a estimulação e a intervenção, também. Atualmente, existem vários movimentos sendo feitos, como o do Marcos Mion, que tem um filho com autismo e faz vários posts relacionados a isso. Até em termos de viagem, pois é um pouco difícil para o autista mudar de rotina. Aqui em Ribeirão Preto, algumas mães tentam falar com governadores, deputados para arrecadação de dinheiro em função de movimentos como a Semana do Autismo, a caminhada com o autismo, tudo para promover. Uma coisa é você aceitar. Outra é você entender o que está aceitando, que são duas coisas completamente diferentes. •

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof^o Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Prof^a Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico**

Prof. João Flávio de Almeida

da Unaerp.)

Pautas, entrevistas e redação Alunos da disciplina Técnicas de

Alunos da disciplina Tecnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico**